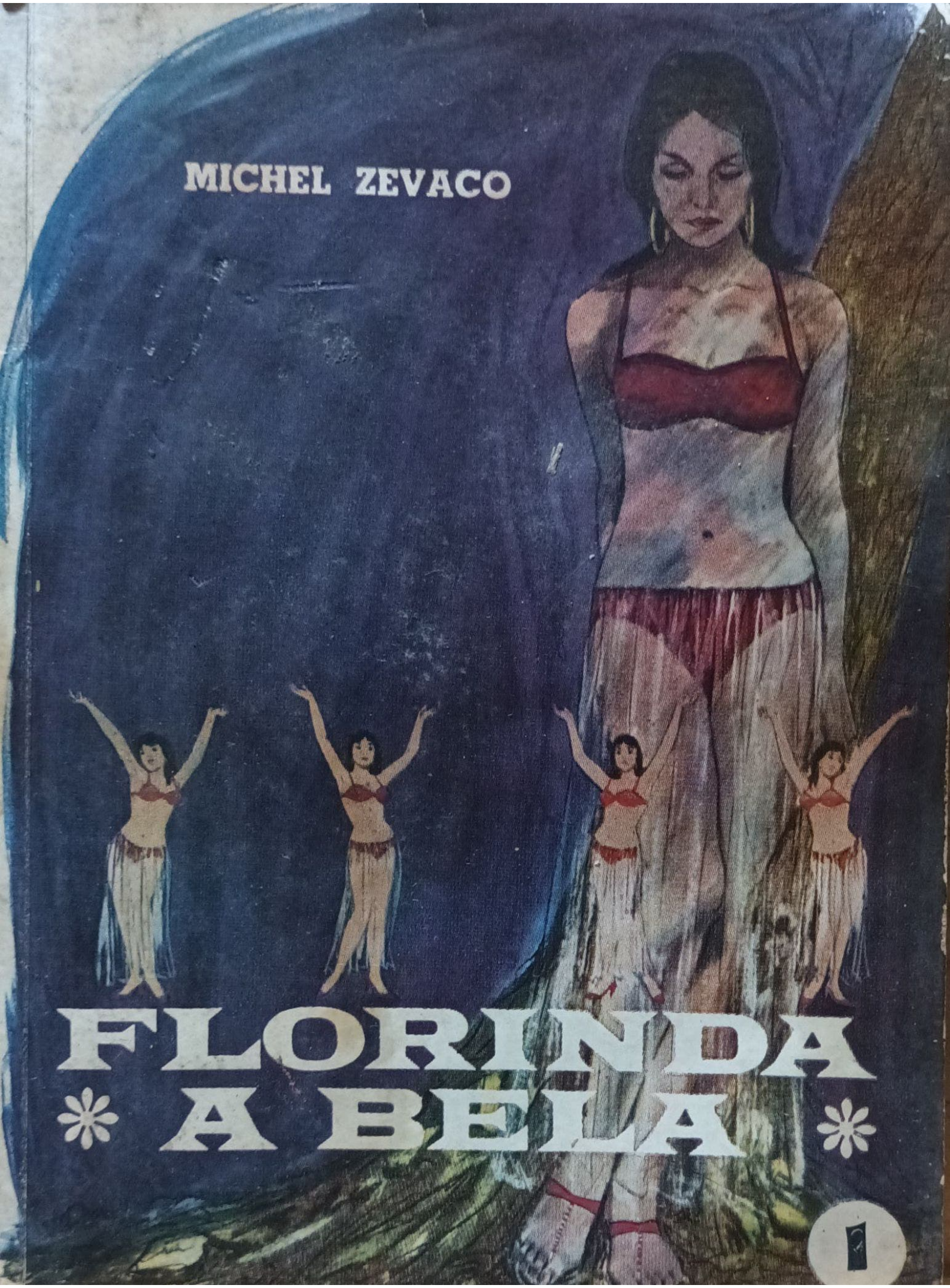
MICHEL ZEVACO



FLORINDA A BELA

1

FLORINDA, A BELA

MICHEL ZEVACO

Na literatura de ficção, quando os temas abordados ficam na fronteira do histórico e da fantasia, é Michel Zevaco, sem dúvida, um autêntico astro de primeira grandeza. Michel Zevaco nasceu cêrca de cem anos depois de Napoleão Bonaparte na mesma cidade de Ajaccio, em 1860. No gênero, o célebre escritor, cujos romances são mundialmente consagrados, projeta-se com uma fôrça extraordinária, devido principalmente ao seu profundo conhecimento da História Francêsa Medieval e Renascentista, épocas nas quais localiza as empolgantes histórias de amor, de crimes, de intrigas e ódios, tornando-as instrutiva e arrebatadoramente interessantes.

DIREITOS RESERVADOS DE ACÔRDO COM A LEI

MICHEL ZEVACO

FLORINDA, A BELA

Iº VOL.

★

EDITÔRA MINERVA

QUITANDA, 25 — 3.º RIO DE JANEIRO — GB.

O NOIVADO DE FERRIÉRE E FLORINDA

A escaramuça do Prado dos Clérigos tinha produzido uma sensação enorme em Paris. No dia seguinte, que era um sábado, não se falava senão nisso, tanto na cidade como na côrte. Os boatos mais extraordinários e mais fantasistas, lançados geitosamente pelos partidários dos Guise, circulavam a êsse respeito.

Como era natural, após êsses acontecimentos cuja origem indicamos, foram os protestantes que atacaram os católicos, sem provocação, sem razão aparente. Uma conspiração havia sido urdida pelos correligionários, que resolveram o massacre em massa de todos os bons católicos. O motim da véspera se transformara numa verdadeira batalha, na qual tomaram parte mais de quatrocentos arqueiros e homens de armas da jurisdição do preboste, e mais de duzentos guardas de M. de la Roche-sur-Yon.

Também os espíritos estavam singularmente exaltados contra os protestantes. Também Paris, naquele dia, tinha êsse aspecto particular que se lhe nota nos dias de efervescência, quando seus habitantes, por meio de murmúrios generalizados e significativos, querem mostrar que não estão satisfeitos.

Naquele dia, Ferriére saiu de casa por volta das onze da manhã. Êle esperava inùtilmente até então a prometida visita de Beaurevers. Viu que ainda era bem cêdo e que teria podido esperar ainda um pouco, mas a impaciência o torturava. E partiu.

Mas, estava, decididamente, sem sorte: não encontrou Florinda. A casa da rua des Marais, aonde primeiro se dirigira, não era mais do que um montão de escombros. E ninguém lhe pôde prestar informações seguras. No albergue do **Prado**, para onde fôra em seguida, também nada lhe adiantaram sôbre o paradeiro de Florinda. Fazia alguns dias que ali não aparecia a môça.

Então, Ferriére se pôs a bater ruas. Percorreu a Universidade, a Cité e arrabaldes durante o dia, interrogando uns e outros. E quanto mais infrutíferos se tornavam os seus esforços, tanto mais o visconde se obstinava nêles.

E só bem tarde, já à noite, foi que, a uma indicação um pouco mais precisa, êle conseguiu encontrá-la nas imediações da cruz do Trahoir.

Êle a abordou com os sinais de um respeito tão profundo, tão sincero, que Florinda se exprobou pela falta de ter podido supôr um instante que um gentilhomem tão perfeito pudesse faltar com as considerações devidas a uma mulher. Mais tranqüilizada, ela o acolheu com o seu alegre e tão encantador sorriso.

Com uma voz ardente, que tremia um pouco, baixando o tom — porque a cena se passava na rua, no meio do vai-e-vem indiferente dos transeuntes — Ferriére falou:

— Eu vos procurava, Florinda... Eu vos procurava desde manhã, às onze horas.

Ela se inquietou:

— Santo Deus! Terá ocorrido alguma coisa desagradável a M. de Beaurevers ou a M. de Louvre?

Êle a tranqüilizou com um gesto de cabeça e, no mesmo instante, exclamou:

— É preciso que saibais que eu vos amo.

Ela não esperava, naquele momento, uma declaração tão brusca, tão fulminantemente inopinada. Noutra ocasião, não seria tão grande o seu espanto, não teria sofrido o golpe que então a deixou como que sufocada. E Florinda teve, em tal conjectura, apenas um recuo instintivo. E apenas ficou a olhá-lo com os seus grandes olhos alegres e risonhos, nos quais se liam o espanto, a aflição e o pesar. Um pesar infinito e profundo.

Êle juntava as mãos, num gesto de súplica, e implorou, em voz precipitada:

— Não protesteis... Não me fujais... Eu vos peço, Florinda. Ainda não esqueci nada do que me dissestes sob o olmeiro de Saint-Gervais... E se só agora vos digo que vos amo, Florinda, é que antes não tivera a coragem de confessá-lo. Porque a verdade é que vos amo desde o primeiro segundo em que aparecestes em minha vida. Digo-vos isso sinceramente, e quero acrescentar: Florinda, quereis fazer de mim o gentilhomem mais feliz dêste mundo, consentindo em se tornar minha espôsa? Dizei se o quereis...

Era o amor puro, vibrante de sinceridade, que assim se exprimia.

Florinda o viu e compreendeu muito bem. E aquilo foi como uma onda de luz vivificante que nela penetrasse. Ao mesmo tempo viu, também, com que inexprimível angústia êle esperava a sua resposta. E Florinda apenas disse:

— Sim, **monseigneur**.

Êle respirou fortemente como um homem que longo tempo estivesse oprimido. E inclinou-se sôbre a mão que ela lhe estendia num gesto encantador de espontâneo abandono, e depôs um beijo de adoração fervente nos dedos delicados.

Segurou docemente essa mão entre as suas e introduziu no dedo um círculo de ouro muito simples, no qual estava engastada uma pérola do mais puro oriente: o anel de noivaado. E, com uma voz profunda, infinitamente doce, exclamou:

— Êste foi o anel de noivado da senhora minha mãe... Aceitai-o como um penhor de amor ardente e fiel até a morte.

Ela contemplou um momento o anel simbólico, com os olhos brilhantes de lágrimas. Ergueu, lentamente, a mão até bôca e pousou seus lábios finos sôbre a pérola, num ósculo de muda devoção. E, inclinando-se diante de Ferriére, numa voz grave, mudada, uma voz harmoniosa, tão doce, que o comoveu, disse, como se proferisse um solene juramento:

— Fiel até depois de morta — tal é a minha divisa, **monseigneur**, a qual jamais faltarei, juro-vos.

E foi assim que, por uma bela noite de maio, em meio dos rumores da rua agitada, sob a cruz do Trahoir, que estendia sôbre êles seus longos braços que pareciam abençoar, depois de ter recitado, o juramento de felicidade — foi assim que se fizeram noivos, o muito alto e muito nobre visconde de Ferriére, futuro conde de Chambly, barão de Follembray, dono de uma multidão de outros títulos honrosos, e Florinda, jovem cigana, pobre filha do povo, sem nome, sem títulos, sem fortuna.

Êles se deram a mão e, lado a lado, lentamente, se perderam ao acaso no dédalo das pequenas ruas que confinavam com os Mercados e sôbre as quais se estendia, pouco a pouco, o véu da noite que caía.

Foi uma hora de sonho feliz, que para êles passou com a vertiginosidade de um segundo.

Ferriére foi o primeiro que tornou ao sentimento da realidade.

— A noite cai — disse êle — e as ruas não são seguras. Essa agitação popular, que pudestes notar e que durou uma boa parte do

dia, parece ter-se acalmado, mas eu não me fio nisso. É preciso voltar. Eu tenho, agora, o dever de defendê-la, de vigiá-la. Dever precioso e bem doce. Consenti, pois, meu belo coração, que eu vos acompanhe até a porta de vossa habitação.

— Eu não tenho mais habitação — fêz ela, sorrindo ternamente. E devo, por isso, aceitar a hospitalidade que me oferece minha bela e boa Myrtha, a irmã de M. de Beaurevers. Provisòriamente, portanto, moro na pequena casa des Petits-Champs, até que haja encontrado uma outra habitação.

Ferriére retificou com uma ternura apaixonada, dizendo:

— Até o dia em que haveis de entrar, de cabeça erguida, na casa de vosso espôso, onde sereis soberana senhora.

Êles não estavam longe da rua des Petits-Champs. Percorreram o caminho conversando. E, como se nada de particular tivessem a dizer um ao outro, foi de Beaurevers, do conde de Louvre e dos acontecimentos da véspera que falaram. Mas, o amor brilhava em suas atitudes, em suas mais indiferentes palavras, em seus olhares, no som de sua voz que tomava inflexões de carícias deliciosas.

Diante da porta no momento de a deixar, muito naturalmente disse Ferriére:

— Esta noite mesmo, antes de me deitar, falarei ao senhor meu pai sôbre o nosso compromisso, e lhe pedirei que abençoe a nossa união.

Também naturalmente, ela respondeu:

— Eu vos esperarei aqui, nesta casa amiga. A noiva do visconde de Ferriére não saberá mais correr as ruas para ler a buena-dicha.

Êle aprovou gravemente com a cabeça.

Estendeu a mão para o pesado ferrolho da porta. Não queria se afastar enquanto não a tivesse em segurnaça no interior da pequena casa; pequena, mas sólida, como uma pequena fortaleza.

Ela o deteve, rindo com seu alegre riso adornado de pérolas, e disse:

— Deixai, **monseigneur**, que eu quero ver-vos partir.

Êle sorriu, como se sorri aos caprichos de um sêr adorado. Todavia, insistiu:

— Isso seria uma imprudência... Eu só sairia tranqüilo daqui quando vos tivesse deixado bem segura, abrigada em vossa casa.

— Eh! — fêz ela, com um malicioso sorriso. A rua não é a minha casa?

— Sim — disse êle, rindo também. Já me dissestes, não há muito. Mas, ora! aqui podeis vos considerar em vossa casa...

E, gravemente, como se alguma sombra de pressentimento houvesse caído sôbre êle:

— Aliás, mesmo em vossa casa, poderemos dizer que estais em segurança? Não viste ontem a vossa habitação invadida?...

Ela sacudiu gentilmente a travessa cabecita, e, mostrando não temer a nada — mostrando valentia, disse:

— Eu não sou medrosa. Nunca o fui. E aqui principalmente... Mas, olhai em tôrno de nós e vêde que, fora nós dois, não há uma alma vivente.

Êle perscrutou os arredores, com um olhar investigador. Ela dizia que não se via ninguém em tôrno dêles, e agora a rua estava absolutamente deserta. E isso não tinha nada de extraordinário: primeiro, porque o lugar era de pouco ou nenhum movimento; segundo, porque a hora era adiantada. Ferriére sentiu-se mais tranqüilizado.

E foi ela quem o mandou embora, dizendo:

— Ide, **monseigneur**, que ainda tendes tôda Paris a atravessar e melhor será que o façais antes que a noite tenha chegado completamente. Deus vos guarde.

Ela lhe ofereceu a fronte. E Ferriére pousou seus lábios finos e brilhantes sôbre os finos cabelos de Florinda — cabelos de um belo castanho escuro, naturalmente ondulados. Pousou-os, e disse:

— Até amanhã, meu coração.

— Até amanhã, meu senhor e meu dono — respondeu Florinda.

Ferriére partiu bruscamente. Depois que tinha passado a cruz, voltou-se. E ambos a um tempo, num gesto espontâneo, levaram os dedos aos lábios e se trocaram um beijo pelo espaço. Então Ferriére se afastou definitivamente, sem mais se voltar, na direção da cruz do Trahoir, isto é, da rua Saint-Honoré.

Florinda, sem o querer, tinha avançado alguns passos na calçada, a fim de o ver por mais tempo. E no meio da calçada permaneceu enquanto pôde entrever, confusamente embora, a silhueta adorada que se perdia na sombra da noite. A porta estava atrás dela apenas uns três passos.

Bem que ela dissera não ser medrosa. Com efeito, mesmo quando não o viu mais, mesmo quando já não percebeu o ruído de seus passos, permaneceu ainda um momento no meio daquela calçada, sonhadora, na sombra que se adensava cada vez mais, e sem parecer inquietar-se.

Em Saint-Honoré soou um quarto das oito horas. A voz de bronze, caindo no meio do silêncio que a rodeava, veio arrancá-la a sua meditação. Ela suspirou, extasiada:

— Não é entretanto, um sonho!

Nesse momento, respondendo a êssas palavras, que ela tinha pronunciado bem alto, uma voz, a um tempo sarcástica e ameaçadora, rugiu a seu ouvido:

— Bem se vê! Foi apanhada com a bôca na botija...

Ela se voltou ràpidamente, e reconheceu, perto de seu rosto, a carantonha sinistra do barão de Rospignac, com os seus terríveis olhos onde luzia a chama do desejo.

Florinda lançou os olhos em tôrno de si e se viu cercada por quatro indivíduos armados até os dentes, imóveis como estátuas de mármore.

Rospignac não acrescentou uma palavra, àquelas suas palavras. Apenas fêz um sinal.

As quatro estátuas se animaram, caíram sôbre a môça, ergueram-na como uma pena, sem mesmo dar-lhe tempo de ensaiar um movimento.

Ela se viu prêsa, segura por oito punhos dos quais o menos robusto era capaz de quebrá-la fàcilmente. A jovem não tentou resistir. Para quê? Limitou-se a gritar. E, a plenos pulmões, chamou:

— Socorrei-me!... Ferriére!... Beaurevers!... Socorrei-me!...

— A mordaça, patifes! — ordenou a voz rude de Rospignac.

A ordem foi executada com uma prontidão prodigiosa.

Com a sua prêsa aos ombros, os quatro homens se afastaram vivamente. Êles não iam muito longe, aliás. Entraram na rua do Bouloi. É preciso que os leitores saibam que a pequena casa do conde de Louvre fazia esquina com as ruas do Bouloi e des Petits-Champs. (1) A cruz, a famosa cruz des Petits-Champs se ergula à interseção dessas duas ruas. Os sinistros carregadores não tiveram, portanto, que ir longe para penetrar nessa rua.

Avançaram, assim, na direção da rua Coquilliére. Rospignac marchava silenciosamente o lado dêles. Uma liteira, oculta numa cavidade, esperava a alguns passos dali. De sorte que com algumas passadas êles atingiram o veículo. Florinda foi docemente depositada sôbre as almofadas da liteira, cujos postigos estavam abaixados.

— Ide! — ordenou Rospignac.

(1) Hoje, é a rua Croix-des-Petits-Champs.

E o pesado veículo se pôs em movimento, conduzido pela mão de um palafreneiro e escoltado pelos quatro corregadores.

Rospignac, parado ao meio da calçada, a viu afastár-se até quando a liteira dobrou à direita, soltou um suspiro de alívio.

Deu meia volta e, caminhando pelas ruas transversais, chegou ao cais que costeava o Louvre. Desceu uma escada de pedra de degráus húmidos, que mergulhava no rio, saltou a um bote, empunhou os remos e remou vigorosamente na direção da tôrre de Nesle que, do outro lado do rio, com o seu perfil gigantesco e sinistro, lhe servia de guia.

Tudo isso, desde o rapto de Florinda, se deu com uma rapidez incrível. Desde o momento em que Rospignac aparecêra a Florinda, estupefacta mas não apavorada, até o instante em que a liteira se tinha afastado e o barão deu meia volta e se afundou na noite, um minuto, no máximo, decorrera.

E mal se passava êsse minuto, e Rospignac mal acabava de desaparecer, quando a porta da pequena casa da rua des Petits-Champs se abriu bruscamente. Um homem saltou na rua. Era Beaurevers. A soleira da porta, conservada aberta, dois homens, dois colossos, adagas e espadas em punho, permaneciam imóveis.

Beaurevers tinha saltado na rua. Pareceu todo espantado de ali não encontrar ninguém. Investigou os arredores imediatos da porta. Não descobriu nada de anormal. Foi mais longe, na direção das muralhas, voltou à casa, se embrenhou na rua do Bouloi, tornou a voltar sôbre seu rastro, fêz a volta da cruz, se afundou na direção da rua Saint-Honoré. Esquadrinhando a sombra com os seus olhos penetrantes, sondando o terreno, indo, vindo, voltando, virando, farejando, mexendo — dir-se-ia um cão de caça na pista.

Nada viu, no entanto.

— É estranho! — disse consigo mesmo. Parece-me, entretanto, que ouvi distintamente o meu nome.

Voltou à porta. Os dois colossos armados não se tinham mexido do lugar onde se achavam.

— Talvez me tenha enganado — disse-lhes Beaurevers, com ar pensativo.

E, num tom breve, de comando:

— Ficai de sôbre-aviso. Ficai firmes, de maneira a não deixar que ninguém aqui penetre, a não ser essa jovem que já conheceis, quando ela vier bater à porta. E defendei-a como a uma vossa irmã. Boa noite. Cuidado!

Após essa derradeira recomendação, e enquanto os dois colossos obedeciam passivamente, Beaurevers se afastou a grandes passadas.

Caminhando, resmungava:

— É decididamente extraordinário e inquietante que essa pequena Florinda não tenha chegado ainda!... Depois, ela é uma môça tão singular, tão compenetrada de sua independência!... Talvez tenha achado uma prisão esta casa e tenha ido procurar um ninho mais a seu gôsto — um ninho que lhe convenha mais... Se não é isso... Mas, como, então, que me pareceu ter ouvido sua voz?... Como foi?... Que coisa estranha! Tenho outros cães a açoitar neste quarto de hora e não posso perder tempo! Vamos, pois. Amanhã, terei tempo de ocupar-me de Florinda.

Como Rospignac, Beaurevers se dirigiu ao cais do Louvre. Como o barão, êle saltou num bote e remou para a tôrre de Nesle.

Apenas Beaurevers partiu do cais do Louvre quando faltava meia hora para as oito da noite, quinze minutos, portanto, depois de Rospignac. E precisamente nesse momento o barão punha o pé no cais dos Augustins.

NO LOUVRE

No dia seguinte, pela manhã, Beaurevers se dirigiu ao Louvre. Houve uma longa entrevista com o rei. Diremos mais adiante quais foram as conseqüências dessa conferência misteriosa do rei Francisco Segundo com aquêle a que chamava o **seu cavalheiro**.

Por enquanto, desde que nos reportamos à manhã dêsse sábado que foi tão bem preenchido, desde que vamos ao Louvre, passaremos pelos apartamentos de Catarina e penetraremos em seu oratório.

Rija em sua poltrona, lívida, os lábios pintados, sem uma palavra, sem um gesto, ela fixava Rospignac, que viera para prestar conta e que se inclinava diante dela. E, sob a ameaça dêsse olhar de fogo, o barão sentia um calafrio de espanto subir-lhe ao rosto.

Mas, também êle era um rude lutador. Ficou firme, portanto. E no seu rosto impassível, Catarina não pôde descobrir o menor traço de terror que lhe mordia as entranhas. Cheio de audácia, sem fazer caso da etiqueta que lhe proibia falar antes de ter sido interrogado, o barão exclamou, com afetada grosseria:

— Êh! madame... Mas antes de me apunhalardes com o vosso olhar terrível dêste momento, seria justo procurardes saber se eu sou, de fato, culpado... A coisa falhou, é certo. Falharam os nossos projetos. Mas é não menos certo que eu nada tenho que ver com isso, ou melhor: que não tenho culpa de assim ter sucedido:

Sua audácia teve o êxito que êle esperava. A atitude de Catarina não se modificou. Mas, ela falou. E falou com o seu modo frio, glacial.

— Explicai-vos, então!

Desde que ela permitia que êle falasse, desde que lhe pedia explicações, é que estava resolvida a se conformar. E Rospignac, diante disso se sentiu seguro de poder aplacar a colera da rainha. Aliás, se

a coisa falhara, não fôra por falta de interêsse e esfôrço da parte dêle, como acabara de declarar à Catarina. Nesse ponto estava tranqüilo. Foi, portanto, com desembaraço e confiança que respondeu:

— Todo o mal vem de MM. Guise, que quizeram vir contrariar as disposições por mim tomadas — disposições que conheceis e que aprovastes, madame.

— Não era preciso deixá-los fazer! — rosnou Catarina.

— Eu o teria feito, certamente, se me tivesse encontrado lá. Infelizmente, quando MM. de Guise providenciaram no sentido de retardar estupidamente as tropas de M. de Bragelonne, eu me encontrava no Pré-aux-Clercs, onde minha presença era indispensável. Vós haveis de convir madame, que eu não podia estar em tôda a parte ao mesmo tempo.

Um estalo sêco de dedos — foi a única manifestação de contrariedade de Catarina, que disse, sempre fria:

— Está bem. Fazei o vosso relatório.

Rospignac compreendeu que tinha sido feliz. Tirava uma espécie de pêso de cima de si. Apesar de sua calma aparente, sentia-se aliviado do pêso enorme que o oprimia. Fez o relatório que se lhe pedia. Fê-lo rigorosamente exato em seus menores, em seus mais insignificantes detalhes. Apenas salientou bem a falta cometida pelos Guise, retardando, por motivos frívolos, a marcha das tropas, que haviam, assim, chegado tarde.

Conforme seu hábito, Catarina o ouviu atentamente, sem o interromper uma só vez. Dotada de uma prodigiosa memória, ela notava, em seu espírito, detalhes que pareciam essenciais.

Quando o barão tinha terminado, ela guardou um instante de silêncio. Rospignac, em sua atitude respeitosa, a observava com o canto do olho, procurando ler-lhe no rosto o efeito produzido por suas palavras e adivinhar-lhe as intenções. Trabalho perfeitamente inútil, aliás, porque nenhum rosto humano sabia mostrar-se mais indecifrável do que o de Catarina.

Como se houvesse adivinhado, ela falou, enfim.

— É esta noite, segundo vejo, que MM. de Guise devem ter uma conferência secreta com o senhor Vidama de Saint-Germain, não é verdade?

— Sim, madame.

— Vós estareis presente à mesma?

— Sim, madame.

— Bem. Vireis prestar-me informações a respeito do que tenha havido durante a conferência, amanhã de manhã. Eu vou refletir... Amanhã, talvez eu vos possa dar novas instruções. Ide.

Rospignac inclinou-se profundamente e se dirigiu para a porta, dizendo, consigo mesmo:

— Ela não está contente... Mas nada tem a me exprobar... e é o essencial para mim.

Quando atingiu a porta, foi detido pela voz da rainha, que dizia:

— A propósito: é preciso conhecer o nome da pessoa que facilitou a Beaurevers o meio de descer da casa incendiada.

— Eu pensava nisso, madame.

— Sim, mas é preciso encontrar... e encontrar depressa... Não seria êsse tal de visconde de Ferriére?

Proferindo essas palavras ela o observou esquadrinhando-o com o seu olhar penetrante. O barão não pestanejou. E foi com a maior naturalidade que êle respondeu:

— Essa idéa me ocorreu também a mim. Ferriére e Beaurevers, desde algum tempo a esta parte, se tornaram amigos inseparáveis.

Está bem. Mas, é preciso que vos certifiqueis disso.

— Fa-lo-ei, madame.

— E não é tudo: é preciso, também, procurar e trazer à minha presença essa jovem, essa cigana, essa Florinda, a que já referistes. Estais ouvindo? E ainda hoje.

Diante dessa ordem, Rospignac não pode reprimir um movimento que não passou desapercebido a Catarina, que teve um sorriso indefinível e assim tranqüilizou o barão:

— Ficai sem receio. Ficai tranqüilo. Eu já vos disse que não quero nenhum mal a essa jovem... Ficai, pois tranqüilo, barão. Eu estou satisfeita com o vosso serviço...

Fez uma pausa e continuou:

— Eu vo-la darei...

Rospignac teve um grito de feroz alegria e, dobrando o joelho diante da rainha exclamou: com um acento de sinceridade que não tinha nada de fingido:

— Ah! madame, se pudésseis fazer isso!... Se pudésseis!... Minha vida vos pertenceria...

Podeis dispôr de mim de corpo e alma... sereis mais que o próprio Deus para mim.

Apesar do favor especial que concedia ao barão, Catarina não deixava essa atitude rija e fria que tomara a seu respeito. E o despediu num tom sêco.

— Ide... E arranjai-vos de maneira a conduzir à minha presença essa moça, ainda esta noite.

Rospignac saiu. Êle exultava. E estava bem resolvido a obedecer e a se apoderar de Florinda naquele dia mesmo.

Teria sido, de certo, menos decidido e, sobretudo menos apressado, se houvesse conhecido o papel que nessa aventura desempenhava a jovem cigana. E a alegria que o empolgava se teria transformado, repentinamente, na mais viva inquietude. se tivesse sabido que Catarina estava ao corrente de tudo.

Mas, Rospignac ignorava ainda êsses detalhes. E eis porque, fiando-se na promessa de Catarina, êle nadava em alegria, e tomava suas disposições para executar o mais depressa possível a ordem que a soberana lhe havia dado.

Quanto a Catarina, após a partida de Rospignac, permaneceu só em seu ortório. E aí ficou longo tempo, pensando, calculando, concluindo mentalmente.

Por volta de uma hora da tarde, levantou-se e se dirigiu a passo lento e majestoso, para os apartamentos do rei.

Nesse momento, Francisco se achava em seu gabinete, em "tête-à-tête" como a rainha Maria Stuart. Os dois jovens esposos estavam sentados um ao lado do outro. Tinham as mãos ternamente unidas, e o olhar, o sorriso, a inflexão cariciosa da voz — tudo em sua atitude falava do amor terno e simples que os unia. Livres de qualquer constrangimento, êles deixavam transparecer a alegria pueril que lhes causava aquêle momento de inefável e deliciosa solidão.

— Ah! meu caro "sire"! — suspirava, langorosamente, Maria Stuart — como eu me consideraria feliz se vos pudesse ter sempre assim ao meu lado!

— Estaremos assim durante alguns dias, pelo menos. Resolvi não deixar por algum tempo a minha residência.

Ela bateu alegremente as mãos, exclamando:

— Aí está uma gratíssima notícia!... E que merece uma recompensa... Ei-la!

E cingindo-lhes os braços ao pescoço, beijou-o na boca, apertando-o, apertando-o... E, assim unidos, os dois riam, com um riso franco e sonoro de crianças felizes. Subitamente, ela entristeceu, foi invàlida por uma onda de melancolia, e suspirou, de nôvo:

— Ora! Por alguns dias sòmente; segundo dissestes, Francisco?... Ah, quando, então, vos haveis de decidir a não mais deixar-me?

Êle, docemente, a consolou:

— Paciência, minha doce Maria. Paciência, que o momento há de chegar. Ainda dois ou três anos, e eu terei apenas vinte anos... Vinte anos, Maria... e então estarei certo de viver! Então eu...

O jovem rei se indireitara. Seus olhos brilhavam. Maria Stuart, prodigiosamente interessada, o envolvia num olhar apaixonado, bebia suas palavras, esperava, fremente de esperança a revelação, prestes a sair do que o seu espôso faria quando atingisse os vinte anos.

Mas, bruscamente, Francisco deixou de falar. A confissão esperada não saiu, e a confidência permaneceu em dúvida.

Maria Stuart fez uma careta de criança contrariada. E de nôvo entristeceu, dizendo:

— Dois ou três anos, meu caro sire, isso é mortalmente longo! Se ainda permanecerdes aqui, em vossa casa, onde estais em absoluta segurança entre vossos guardas e vossos gentis homens. Mas, a maior parte das vêzes estais fora do Louvre. E Deus sabe a que perigos estais exposto. Porque, afinal, Francisco, não sois capaz de convencer-me de que não correis nenhum risco fora daqui...

Êle teve uma hesitação, e reconheceu:

— É verdade, Maria. Eu não vo-lo oculto, porque vos sei brava. Mas êsses riscos, vêde bem, são perfeitamente evitáveis. Primeiro, porque eu tenho amigos para todos os sacrifícios, que não me deixam em conjuntura alguma, e aos quais nada escapa. Amigos leais e dedicados. Depois, porque êsses riscos são visíveis, palpáveis, sempre os mesmos, previstos, por consequência, e que se resumem sempre nisso: uma estocada ou uma punhalada.

— E como tendes a coragem de vos expor dessa maneira?

— Isso não é nada, crêde-me.

E, sùbitamente preocupado, baixando a voz, atirando olhares desconfiados e receiosos em tôrno de si, o rei continuou:

— Vêr a morte erguer-se diante de mim, não, isso não é nada! Mas, dizer-se que ela está lá, rondando-nos, sem saber como nos ferir, eis o que é espantoso. Estará ela nesse fruto saboroso que eu próprio acabo de colher? Nesse copo de água que acabo de tirar à fonte? Nessa flôr cujo doce perfume eu aspiro? Nessa vela que se consome lentamente à cabeceira de meu leito? No ar que respiramos e que me escolherá inexoràvelmente, poupando-nos a vós?...

Vou descobri-la, muito tarde, sob a máscara dêsse servidor zeloso ou daquele parente afetuoso?... Onde estará ela? Por onde entrará em mim?... Eis aí, entretanto, o que me tenho a dizer aqui, em minha casa... E isso é medonho, é terrível é insuportável... E eis porque, minha querida — eis porque me vêdes fugir de minha casa... Não tenho outra coisa a fazer... Era êsse o único caminho a seguir...

Ela se aconchegou a êle, estreitou-o ternamente em seus braços, como se quizesse arrancá-lo ao espectro hediondo que evocara.

Francisco a viu pálida, perturbada, os olhos molhados de lágrimas, espavorida, horrorizada.

E lamentou ter-lhe revelado os seus secretos terrores. Para tranquilizá-la, retomando seu ar jocoso, disse:

— Oh! mas eu ainda não estou morto! E, por Deus, como sei me defender, me defenderei até o último momento. Finalmente, serei eu quem derrotará a morte. Tenho a firme esperança de que assim ocorrerá. Além disso, sabei, já predisseram que eu morrerei velho, bem velho... muito velho...

Nesse momento, Catarina apareceu na moldura de uma pequena porta discreta, dissimulada por um reposteiro, para a qual êles tinham as costas voltadas. Segundo seu costume, lá a rainha-mãe permaneceu um instante, olhando, escutando, antes de entrar. E as últimas palavras de seu filho foram ferir-lhe os ouvidos. Desagradàvelmente impressionada, ela franziu as sobrancelhas e seus dedos se crisparam no reposteiro, de que ela levantava um canto. Mas, refletia:

— A mim, me predisseram o contrário... Nostradamus, o próprio Nostradamus, m'o disse... E Nostradamus nunca se enganou até hoje... É portanto, Francisco quem se engana... ou se enganaram a seu respeito...

Tranquilizada por aquele raciocínio, ela se imobilizou, reteve a respiração, desejosa de ouvir as explicações que se iam seguir, esperava e que tinha interêsse em conhecer. Depois dessas explicações, ela veria que opinião era preciso acrescentar àquela predição.

Maria Stuart era, por sua vez, tão supersticiosa quanto Francisco e Catarina. Subitamente ela se sentiu tranquilizada e o sorriso não tardou em reaparecer-lhe nos lábios e a alegria nos olhos.

Francisco fez a Maria, atenta, a narração de seu primeiro encontro com Florinda, no albergue do Prado e repetiu, quase palavra por palavra, as frases proferidas nessa circunstância extremamente importante a seus olhos.

Essa narrativa provocou a Catarina, tôda ouvidos atrás da cortina, um sorriso de satisfação e esta frase sarcástica:

— "Eu tinha muito que me inquietar por isso..."

Também a Maria Stuart, um pouco mordida pelo ciúme, quase mesmo ofendida, aquela narrativa provocou esta frase:

— Oh! meu caro sire, com que entusiasmo falais dessa Florinda!... Sabeis que, se continuardes assim, eu acabo ficando com ciúme...

Isso era dito num tom muito sério, meio pilhérico. E Francisco respondeu, muito grave:

— Vós não teríeis razão, minha amiga, por dois motivos que vou explicar-vos. Primeiramente, sabeis que, fora da côrte, eu fiz alguns amigos. Segundo: êsses amigos, Maria, eu os estimo tanto mais quanto mais dedicados a mim os vejo, numa dedicação que vai até o sacrifício e da qual têm dado provas cativantes. São absolutamente sinceros e desinteressados, tanto mais quanto estão longe de supôr que é o próprio rei que se mistura com êles nas ruas de Paris.

— Quereis dizer, então, que essa moça é um dêsses preciosos amigos?...

Embora não quizesse, ela pusera uma sombra de ironia em sua voz. E por mais velada que fôsse essa ironia, Francisco não deixou de percebê-la:

Ele se exaltou e, com certa gravidade, exclamou:

— Podeis fazer malícia, podeis ironizar... Mas, a verdade é que, numa circunstância não longínqua ainda, uma circunstância muito crítica, essa jovem cigana mostrou uma resolução, um devotamento, um desinterêsse, uma iniciativa inteligente, uma coragem tais, que muitos homens, mesmo dos mais bravos e decididos, talvez não tivessem revelado... Podeis fazer ironia, minha querida... Mas, saibais que, depois de Beaurevers, é a essa jovem de coragem que deveis o ter o vosso espôso vivo, perto de vós, agora. Espantai-vos, depois disso, que eu a considere como um amigo certo e devotado e a quem devo ser grato?

Fôra mais por perversidade do que por ciúme real que Maria Stuart tinha falado. As palavras de Francisco produziram nela uma profunda impressão. E, tornando-se séria, por sua vez, Maria Stuart disse:

— De tudo o que me dizeis, eu não conservo senão uma coisa: é que essa Florinda vos salvou a vida. E isso é suficiente para que eu a ame, para que a estime como estimo o vosso amigo Beaurevers, e

vosso amigo Ferriére, e todos os vossos amigos que eu não conheço e que estão sempre dispostos a vos defender. Também eu não vos falarei mais a respeito dela... a não ser quando tivermos que procurar a maneira de lhe testemunharmos o nosso reconhecimento.

— Ficai tranqüila, Maria. Quando chegar a ocasião, o rei de França saberá recompensar realmente os serviços prestados ao conde de Louvre.

E, fazendo-se pilhérico, ajuntou, maliciosamente:

— É preciso, entretanto, que vos releve a razão por que não podeis ter ciúme dessa jovem cigana. Sabei, pois, que ela é a noiva de Ferriére, um dêsses amigos do conde Louvre de que acabais de falar. Só êsse título a faz sagrada a meus olhos. Só por isso eu saberia respeitá-la.

Os leitores já puderam notar que Francisco se mostrava muito reservado a respeito das aventuras em que se metia quando corria a cidade com o nome de conde de Louvre.

Não observava, porém, a mesma reserva, quando se tratava dos outros. Ao contrário, êle, então, não poupava detalhes. Era êsse um meio muito hábil e muito fino de parecer pôr a jovem rainha na confidência de suas aventuras, afastando-a sempre das coisas que fossem de natureza a inquietá-la.

Assim, Francisco fez a narração, aliás muito breve, do amor de Ferriére a Florinda. Antecipou bem um pouco, assegurando que os dois jovens se adoravam e eram noivos. Mas, não julgava mentir. Estava sinceramente convencido de que as coisas eram talqualmente êle as contava e as via.

Esta história de um noivado tão romanesco comoveu profundamente o terno e amoroso coração da jovem rainha.

Ela exaltou também sua imaginação, que tinha viva e ardente. E imediatamente manifestou o desejo de vêr de perto a noiva e testemunhar-lhe sua simpatia, dotando-a regiamente, como se Florinda fôsse uma filha da nobreza. E tanto se impacientou nesse desejo, que Francisco foi obrigado a lembrar-lhe que Florinda não conhecia senão o conde de Louvre e, por enquanto, não devia conhecer o outro personagem. Uma benevolência muito notável da rainha poderia espantá-la e despertar suspeitas. E era o que importava evitar, prudentemente, naquele momento.

Pode-se crer que essa história interessou, também, e grandemente, por outras razões, a Catarina, sempre à espreita, lá na porta.

Terminada a sua narrativa, Francisco tomou Maria pelo braço e, com tôda a sinceridade de sua juvenil paixão, murmurou:

— Maria, Maria, não deveis ter ciúme de ninguém. Não sabeis, meu doce coração, não sabeis que, fora de vós, não existe no mundo outra mulher para mim? Meu coração vos pertence, minha doce querida, e nele reinais como única soberana, enquanto êsse coração tiver fôrça de vida para pulsar, minha linda, minha esplendorosa rainha!

Seus lábios se uniram e êles trocaram um longo, um apaixonado beijo.

A alguns passos deles, rígida sob os longos véus negros, Catarina os contemplava. O olhar que ela lançava em seu filho era singularmente irônico e desdenhoso, ou quase desdenhoso. Mas o que ela fixava em sua nora era feroz, ameaçador, carregado de um ódio mortal, um dêsses ódios terríveis, tenazes, que não perdoam e que, para se saciar, não recuam diante de nenhum meio, por mais baixo, por mais repugnante que seja.

Porque Catarina odiava assim essa criança, doce, boa, inofensiva?

Nem ela própria teria, talvez, sabido dizê-lo. Talvez a odiasse porque Maria Stuart amava seu filho...

Catarina fechou suavemente a porta. Em seguida a reabriu, bruscamente, fazendo o maior ruído possível.

E entrou.

A MÃE E O FILHO

Só a rainha-mãe se permitia entrar alí dessa maneira. Os jovens esposos, por isso, nem se voltaram para saber quem vinha interrompê-los. Como duas crianças que eram, êles se apartaram vivamente um do outro, e tomaram uma atitude respeitosa, conforme o cerimonial.

Ambos estavam vermelhos, como dois namorados que fossem apanhados em flagrante delito de... beijos. Trocaram um olhar aflito que dizia do pesar que experimentavam ao ver que ainda não havia decorrido todo o tempo que contavam passar juntos, em meigo e doce **tête-à-tête.**

Catarina surpreendeu êsse olhar. E compreendeu tôda a sua significação. Seus lábios finos se apertaram enquanto ela derramava um olhar terrível de ódio para a mulher do filho. E tomou a atitude de uma vítima resignada.

Vendo-a, Francisco franziu as sobracelhas. O primeiro momento de aflição e vexame produzidos pela surpresa tinha dado lugar a uma surda irritação, à qual se misturava o arrependimento de não ter pensado em interditar a entrada à rainha-mãe. E Francisco não se deu ao trabalho de ocultar o seu desapontamento.

Catarina, que lia no rosto do filho como num livro aberto, proferiu, com amargura, estas palavras:

— Eu vos incomodo, meu filho? Não é de admirar. É essa a sorte da velhice: ser mal acolhida pela mocidade que cria e educa...

E, tornando-se subitamente agressiva:

— Fiai-vos no perfeito amor, Francisco, e está muito bem. Mas, por Deus, há, entretanto, tempo para tudo. E é preciso convir que escolhestes bem mal êsse tempo. Porque os acontecimentos mais graves se desenrolam em tôrno de vós, sem que o pressintais.

— Que, madame?! — exclamou Francisco, impaciente. Que se passa, então, de tão grave assim, conforme dizeis?

Catarina levantou os braços para o céu, como se quizesse tomá-lo por testemunha daquilo que entendia por enormidade, e disse:

— Pode ser que vós de nada saibais! Pode ser! Felizmente, eu estou atenta, e velo!...

Tomou o filho pela mão e o conduziu até uma janela que abriu num gesto brusco e, estendendo o braço, disse:

— Olhai, escutai...

— Eu vejo — disse Francisco, sem se comover — eu vejo bandos de vil populacho, de certo fugido do Pátio dos Milagres, percorrer as ruas armados de cacete. Ouço que êsses vagabundos — porque são réles e vulgares vagabundos, madame, que não têm nada de comum com o povo, que eu conheço e que é um bravo povo — ouço que eles berram: "Morte aos huguenotes!..." Não vejo, pois, que haja nisso alguma coisa que comova.

— Talvez não esteja longe a hora de vos comoverdes, e será quando escutardes direito a voz dêsse povo — que é o vosso povo, Francisco, e não vulgares vagabundos, como acabais de dizer, como quizestes dizer...

— Oh! se assim quereis, madame, pois seja. Não tenho coragem de vos contrariar por tão pouco. Façamos, portanto, de conta que êsse povo é o meu povo... Ficais satisfeita assim?...

Isso foi dito na maior fleugma. E Francisco fechou com as suas mãos a janela e voltou a sentar-se, na maior tranquilidade dêste mundo.

Catarina não se deixava convencer com facilidade. Entretanto, diante dessa calma desconcertante, ela perdeu um instante a sua dialética e sentiu-se como que desarmada. Mas foi só por um instante. Porque em breve se reanimava e, com uma voz a um tempo sinistra e ameaçadora, rugiu:

— Quando ouvirdes que êsse povo volta as suas ameaças e os seus berros contra vós, então talvez vos comovais! Queira o céu que isso não demore!

— Então, eu mandarei uma companhia de meus guardas contra êle. Efetuar-se-á a prisão daqueles que berrarem com mais fôrça, que serão pendurados, sumàriamente, pelas diferentes encruzilhadas... e então, com êsse castigo público, haveis de ver como tudo reentrará na ordem.

— "Oh!" — disse Catarina, consigo mesma. 'Isso é inominável! É ódio só! E com certeza foi soprado por êsse miserável Beaurevers, êsse aventureiro infame, que é a alma negra de tudo isso!... Mas, não se dirá que eu me confessei vencida sem ter lutado até o fim!..." E. alto com uma gravidade triste :

— Meu filho, se não vos tivesseis afastado dos negócios da côrte, como o fizestes, compreendereis que a situação é grave e merece tôda a vossa atenção. Consenti ao menos que vossa mãe, que, felizmente para vós, está ao corrente de tudo — consenti que ela vos conte tude o que sabe.

— Mas, madame ,embora não vos tenha pedido informações, estou disposto a escutar-vos com a maior atenção. Falai, pois.

Catarina o esquadinhou com o seu olhar penetrante. Não conseguiu averiguar se êle falava seriamente ou se troçava, e isso não deixava de a inquietar. Mas, Francisco sabia ser impenetrável. Sua própria mãe não pode chegar a adivinhar seu secreto pensamento. Todavia, ela começou e foi direito ao fim:

— Estamos diante de uma vasta conspiração urdida, de longa data, pelos reformistas que a plebe chama de huguenotes. Seus intuitos? Rejeitar a autoridade real, separar-se do resto da nação, constituir um Estado diferente no Estado. E, como seu elemento é essencialmente guerreiro, ocupar, pela fôrça, o Estado de que estarão separados, subjugá-lo, escravisá-lo e tornar-se, assim, os donos absolutos do reino. O que significa dizer que sereis despojados de vossos Estados, derribado e, provàvelmente, morto.

— Vêde como interpretais as coisas de modo diferente!... Eu acho que os reformistas exigem, apenas, o direito de pedir a Deus à sua maneira. E, embora essa maneira não seja a nossa, eu acho, madame (e não vô-lo escondo) — acho muito natural essa pretensão e, como talvez o julgueis, nada exorbitante.

— Pretexto, meu filho, simples pretexto.

— Seja. Mas, não concordais que, se se lhes concedesse o que êles pedem, essa gente não ficaria tranquila em seguida? Ora, está claro que sim! Eu não sei se é um efeito da minha ignorância dos negócios da côrte, mas não vejo as coisas tão negras como as pintais. Tenho escrúpulos em crer em tanta perversidade. Em todo o caso, não se arriscaria grande coisa em experimentar.

Era muito simples e muito razoável o que êle dizia. Catarina ficou um instante embaraçada. Mas, a rainha-mãe não se persuadiu ainda dessa vez. Ela era muito teimosa. E peremptòriamente, cortou:

— Êrro, meu filho, puro engano. Quando lhe tivermos concedido isso, essa gente pedirá outra coisa.

— Que, madame? Determinai com exatidão, eu vos peço.

— Por exemplo: a obrigação para todos os católicos de ouvir os sermões nos templos protestantes, como êles...

— Ora, minha mãe!...

— É que não conheceis essa gente, Francisco. Ainda ontem o senhor preboste mandou seus archeiros fazer uma investigação num dêsses foyers de heresia, num dêsses ninhos de conspiradores. Pois sabeis o que archeiros encontraram sôbre a mesa dêsses herejes?

— Espero que m'o informeis, madame.

— Um porco assado que êles preparavam para devorar! E numa sexta-feira, meu filho, numa sexta-feira! O crime era flagrante, atrevido. E não é tudo, aliás! Quando os archeiros iam, descuidadamente, saindo da habitação, êsses sacrílegos lhes caíram em cima, traiçoeiramente, e os massacraram a estocadas e a bordoadas!

— Êles tinham, talvez, grande fome, madame, e, com certeza, não possuiam outra coisa para meter na boca — outra coisa além dêsse porco.

— Teríeis também mandado deitar fogo à casa, para fazê-la saltar pelos ares?

— Não. Por que? Essa casa devia ser habitada por outras pessoas inocentes e que nada tinham a vêr com o que se passava na habitação de seus vizinhos...

— Justamente. Pois foi o que êsses miseráveis não hesitaram em fazer.

— Que miseráveis? Os reformistas?

— Precisamente.

— Ah! madame, que engano o vosso, e como estais mal informada. Êsses são os bons ca-tó-li-cos.

— Que sabeis a êsse respeito, Francisco?

— Eu estava lá, madame.

Isso foi dito com uma frieza glacial. Francisco ajuntou imediatamente, no mesmo tom:

— Sim, madame. Eu estava com os ímpios que quizeram prender arbitràriamente, matar perversa e traiçoeiramente. Pois bem: eu estava exposto com êles, tanto quanto êles, senão mais do que êles. E apenas defendemos nossa vida... Apenas! E quereis que vos diga, madame? Se vosso filho está vivo ainda — e não deixeis de, por isso, render graças ao Céu, minha mãe — se vosso filho está vivo ainda, vós o deveis a êsses ímpios, que foram êles que se expuzeram bravamente, abnegadamente, por mim.

Catarina mordeu os lábios até fazer sangue. Ela não esperava uma réplica tão fulminante. Com efeito, Rospignac não pudera informar-lhe certos detalhes que êle próprio ignorava.

Catarina compreendeu sem demora o grande, o enorme êrro que acabara de cometer. E ficou um momento estupefata, meio aterrada, procurando o meio de sair do aranhol em que, inadvertidamente, se metera. O rodeio estava indicado. Francisco não acabara de dizer que se achava lá no prédio incendiado com os reformistas que ela tivera a imprudência de acusar diante dêle?

E foi a grande cena da mãe desvairada, que Catarina jogou com essa arte consumada que só pertencia a ela. E foi uma caudal impressionante de queixas, de gemidos, de tristes lamentações, de desmaios de terror ,de lágrimas, de verdadeiras lágrimas vertidas em abundância. E também, e sobretudo, de perguntas hábeis, jeitosas, destinadas a evitar um nôvo engano.

Se Francisco foi logrado. ou não, é o que não saberíamos dizer. O que é certo, porém, é que não deixou nada transpirar de seus sentimentos íntimos e deu a réplica à sua mãe com uma maestria digna, sob todos os pontos, da incomparável comediante com que se media.

As perguntas da rainha-mãe, êle respondeu com um laconismo desanimador, e não se incomodou, de resto, em alterar voluntàriamente a verdade no sent do que lhe convinha. Francisco agia assim não para enganar sua mãe, mas, ùnicamente, porque não queria assustar Maria Stuart com a narração detalhada dos perigos a que tinha escapado.

Com efeito, se a jovem rainha julgava prudente não participar da conferência da mãe e do filho, estava, contudo, sempre presente e é de crer que não perdia uma só das palavras trocadas entre Catarina e Francisco.

Tendo reparado ou julgando ter reparado o efeito de sua inhabil'dade, Catarina voltou à carga. E repetiu, um a um, todos os incidentes da véspera.

Francisco, porém, a cada tentativa dela, no mesmo tom frio e com algumas palavras breves, a obrigava a bater em retirada.

Tenaz, ela insistia. E tornava-se, por isso, imprudente.

Então Francisco, endireitando-se e olhando-a bem nos olhos com uma insistência significativa, lhe disse, sereno:

— Madame, eu já vos disse que andei perto de perder a vida... E a vida me interessa mais do que qualquer coisa. Entretanto, como vistes, eu não estava dispostos a dar-vos a conhecer isso. Queria que tudo ficasse em reserva. Aliás, é isso que eu peço e espero de vós.

Era uma ameaça. Catarina o compreendeu, e julgou prudente ceder.

— Seja — disse — mas vós sois muito bom, Francisco. Mas, de qualquer forma, são os parisienses que gritam.

— Deixai-os gritar, madame. Quando estiverem cançados, pararão.

Batida nesse ponto, Catarina quis uma **revanche**. E escolheu sua nora para alvo de sua indignação velada. A Maria Stuart, pois, assim ela se dirigiu:

— Minha filha, é verdadeiramente lamentável que tenhais tão pouca consciência de vossos deveres de soberana...

— Eu, madame?! — balbuciou Maria Stuart, embaraçada. Em que faltei eu aos meus deveres, na vossa opinião? Ficar-vos-ia muito grata se me quisesseis dizer.

— Como podeis admitir e suportar que o rei, vosso espôso, se exceda da maneira como o vem fazendo? — exclamou Catarina, com acrimônia. Eu bem sei que êsses desregramentos aproveitam a vossa família. Há, entretanto, limites para tudo. O rei passa a maior parte de seu tempo fora de sua casa, fora de seu lar. Que isso não vos inquieta, demonstra de vossa parte uma confiança admirável. Pensai, entretanto, que as más línguas poderiam ser tentadas em substituir a palavra confiança pela palavra indiferença, e com uma certa aparência de razão... Não me interrompais, eu vos peço... Quando, por acaso, o rei fica em casa, vós o monopolizais, e ninguém o vê. Sabei que, se as coisas continuarem como vão, o povo acabará por esquecer que haja um chefe no Louvre e a supôr, com razão, que o reino tem um único senhor e dono e que êste outro não é senão o senhor duque de Guise, vosso tio.

Maria Stuart, doce e boa, não era, entretanto, mulher que aceitasse as pérfidas insinuações de sua sogra, sem uma palavra.

Ia, portanto, censurá-las brandamente.

Francisco, porém, não lhe deu tempo para isso. Num gesto, a um tempo doce e imperioso, impôs silêncio a Maria Stuart, que estava disposta a replicar. E, com uma violência que não pôde dominar completamente, o jovem rei disse:

— Já que assim falais, eu vou mostrar-vos que sou o dono de minha casa.

Um imperceptível sorriso de satisfação passou como um clarão repentino pelos lábios delicados de Catarina. Mas, essa satisfação não demorou muito tempo. Porque Francisco ajuntou:

— Advirto-vos, madame, que, no dia em que eu estiver resolvido a ser dono de minha casa, hei de sê-lo. No dia em que quiser agir como tal, saberei agir. Será preciso, então, que todo o mundo se curve à minha vontade soberana. Será preciso que todo mundo me obedeça. Estais ouvindo, madame? Todo o mundo! Talvez assim tenhais razão de ficar satisfeita. Haveis de ver, madame! Haveis de ver!

Essas palavras, e sobretudo o tom decidido com que elas eram ditas, deixaram funda impressão no espírito de Catarina. Um começo de inquietude se apoderou dela. No mesmo instante, porém, a rainha-mãe se tranqüilizou, pensando ser aquilo apenas uma ameaça vã, que Francisco nunca teria coragem e a energia de pôr em execução.

Dissemos que ela não conhecia bem seu filho.

O REI

Francisco tocou uma campainha, apareceu alguém, e êle deu uma ordem em voz alta.

Em voz baixa, deu uma outra ordem. Catarina aguçou convenientemente o ouvido, mas não pôde entender o que acabava de ser ordenado. E ela possuía, no entanto, um ouvido bem fino. É que o rei falara muito baixo. Novamente, a inquietude empolgou a rainha-mãe.

Em execução da ordem dada em voz alta, as portas foram abertas. Um arauto anunciou, numa voz tronitroante, que o rei concedia uma audiência geral.

Isso era quase um acontecimento: o rei estava freqüentemente fora do Louvre e, quando ficava em casa, como nesse dia, se conservava voluntàriamente em retiro, não recebia senão audiências particulares, que não lhe era possível negar.

Era, portanto, muito raramente que a côrte se reunia. A nova se espalhou com a rapidez fulminante do raio, e bem cêdo o vasto gabinete real foi invadido pela multidão dos cortezãos que se apressavam em fazer a sua côrte ao rei e às duas rainhas.

Beaurevers entrou.

O rei o viu logo que êle pôs o pé no gabinete. Não lhe disse uma palavra, não lhe fêz um gesto, o menor gesto. Apenas lhe dirigiu um demorado olhar. Demorado e significativo. A significação dêsse olhar, Beaurevers a compreendeu desde logo. E, ao mesmo, respondia com um gesto.

Quis ir colocar-se modestamente de lado, isoladamente. Catarina, porém, o tinha visto, também. E dirigiu-lhe um gracioso sorriso. E o cavalheiro teve que ir inclinar-se diante dela. Quem, no entanto,

primeiro lhe dirigiu a palavra foi Maria Stuart que, com sua voz harmoniosa e com o seu mais doce e encantador sorriso, assim lhe falou, no meio da atenção geral:

— Ah! senhor Beaurevers, como folgo em vê-lo!

E estendeu-lhe a mão. O cavalheiro se curvou para beijar, respeitosamente, essa mão delicada e bonita, que tinha um encanto especial. E fê-lo com uma elegância irresistível, única.

Depois disso, a jovem rainha se informou, com uma solicitude real, a respeito de seu pai Nostradamus e de sua noiva Flor'se de Roucherolles. E só teve palavras amáveis, cativantemente amáveis, para êle e para os seus.

Sôbre os serviços prestados ao rei, não disse uma palavra. Não fêz sequer uma vaga alusão.

Mas, tôda a sua atitude exprimia um reconhecimento ardente, infinito. E Beaurevers não se enganou a êsse respeito. Na despedida, Maria Stuart lhe estendeu de nôvo a mão.

Nesse momento, o duque de Guise e o cardeal de Lorena faziam naquela sala uma entrada que não podia passar despercebida. Maria Stuart viu que a atenção de Catarina — que não cessava de segui-los de perto, de vigiá-los, de observá-los atentamente — viu que a atenção de Catarina se desviava um instante para os novos recém-vindos.

A jovem rainha aproveitou êsse instante e, enquanto o cavalheiro se inclinava, ela deixou cair de seus lábios, como num sopro, designando Francisco com o olhar, estas palavras:

— Velai, cavalheiro! Continuai a velar, e sabei defendê-lo.

Beaurevers respondeu com um olhar expressivo, que dizia, claramente, poder ela contar com êle. E foi se perder no meio da multidão. Apenas, se colocou de maneira a não perder de vista Francisco e a ser visto por êle. Assim podia acudir ao primeiro sinal.

Ao mesmo tempo em que entravam MM. de Guise, penetrava, atrás dêle, um personagem ao qual ninguém deu atenção. Êsse personagem, que parecia inquieto e se fazia muito pequeno, era o porteiro do Louvre, o espião de Catarina.

Dissemos que ninguém tinha prestado atenção nêle. E nos enganamos. O rei, que o fizera chamar e que o observava, percebêra-o desde o momento em que êle transpuzera a porta, apesar da precaução que o homem tomava de se dissimular atrás do chanceler, Michel de l'Hospital, que acompanhava os Guise.

Portanto, Francisco notou o porteiro. E dirigiu-lhe a palavra:

— Senhor porteiro!

A voz era cheia de ameaça. Todos previram a catástrofe. Um silêncio de morte pairou sôbre a assembléia. E cada qual foi tratando de se afastar do porteiro como se se afastasse de um pestoso. Todos se imobilizaram — até mesmo os Guise, que não tinham dado ainda quatro passos no salão. Todos os ouvidos se aguçaram.

Pálido como um morto, o suor da angústia a inundar-lhe a fronte, o infeliz, em meio da atenção geral, atravessou o círculo, num passo cambaleante, e se foi inclinar diante do rei, que o fixava com o seu olhar frio e que, com voz decidida, lhe falou assim:

— Senhor, eu próprio vos ordenei que se facilitasse tudo a quem viesse aqui, da parte de dois personagens, cujos nomes eu vos dei a conhecer, procurando falar com o meu criado de quarto Griffon. Também vos recomendei expressamente que fizesseis imediatamente chamar Griffon, sem perda de tempo e sem pedir explicações ao portador, quem quer que êle fôsse. Ontem, como eu previa, vieram pedir-vos que fizésseis chamar Griffon. Podeis explicar-me por que gastou mais de meia hora numa comissão que podia, que devia ser feita em menos de cinco minutos?

— Sire — gaguejou o infeliz — logo que aqui chegaram, eu enviei, sem demora, um lacaio a M. Griffon... Não sei explicar, pois, a demora...

— Na verdade, não sabeis explicar-vos!... E por que, então, vos permitistes, contra as minhas ordens formais, fazer ao mensageiro um interrogatório que não durou menos de um quarto de hora?... Por quê?... Aqui já não se trata mais da negligência de um pobre lacaio. Sois vós o único culpado... Senhor porteiro, então não sabeis obedecer as minhas ordens?... Por quê?... Onde pusestes a vossa dignidade, a dignidade do vosso cargo?...

O soberano estava animado. A cólera, que êle até então vinha refreando, agora, que havia um pretexto plausível, rebentava em tôda a sua violência. Era a primeira vez que essa cólera régia se manifestava assim em público. E ela pareceu tanto mais temível quanto era fato, que, nos raros momentos em que o rei se mostrava no meio de sua côrte, conservava êle o mais doce bom humor — um bom humor quase tímido, voluntàriamente discreto. Tanto que Catarina muitas vêzes chegou a censurá-lo.

Francisco fêz uma pausa. Depois, continuou, mostrando-se então muito calmo, muito senhor de si, mas tão frio, tão decidido, que pareceu mais terrível ainda do que no ardor de sua cólera:

— Já é tempo de cessarem êsses desmandos, êsses abusos! É tempo que se saiba que não há outro senhor aqui além de mim! E era tudo o que eu tinha a dizer.

Estas palavras, dirigidas a tôda a assembléia, eram acompanhadas de um olhar circular. E pôde-se notar que êsse olhar se havia detido um instante em madame Catarina e em MM. de Guise.

Voltando ao infortunado porteiro, que já estava mais morto do que vivo, sentindo-se cada vez menor, o rei, com a mesma voz glacial, exclamou:

— Quanto a vós, senhor, previno-vos que não quero ter como servidor uma pessoa na qual não possa depositar confiança. Dou-vos, portanto, quarenta e oito horas para vos demitir de vosso cargo.

O porteiro quase desfalecia à fulminância daquele tremendo golpe. Instintivamente, lançou sôbre Catarina um olhar desesperado, que suplicava auxílio, que implorava socorro, que pedia assistência. Mas, Catarina, indignada, interiormente, contra o desastre, tratou de desviar os olhos.

O rei surpreendeu êsse olhar. E concluiu:

— E retirai-vos sem demora. Ide... E se tendes amor à vossa cabeça, fazei com que eu não vos torne a encontrar nunca mais nem na côrte na cidade.

Enquanto o espião se retirava, num passo vacilante, um murmúrio de aprovação saudava essa sumária execução. O rei tinha falado em senhor e muito naturalmente a multidão dos cortezãos se declarava a favor dêle.

OS GUISE

O duque Francisco de Guise e seu irmão, o cardeal Carlos de Lorena, devem ter-se imobilizado, aguardando o fim dessa cena. Estavam ambos perturbados, inquietos, atarantados, quase angustiados.

As palavras do rei pareciam anunciar a intenção de governar êle só daí por diante. Se tal se desse, que seria dêles? Aonde iriam parar? Onde iriam governar? Porque, na verdade, até aquele dia, pode-se dizer sem exagêro que só êles mandavam, que eram êles os legítimos reis. Não sòmente se anunciava o fim de seu reinado mas, coisa ainda mais penosa, aquilo marcava a ruína completa de todos os seus projetos de ambição. E a ambição dos Guise era desmesurada.

Depois de terem trocado algumas reflexões em voz baixa, depois de se terem combinado, êles avançaram para o rei. E sua inquietude se manifestou de uma maneira dissemelhante, que marcava, deploràvelmente a diferença de caráter dos dois irmãos.

O duque, na fôrça da idade (êle contava apenas, quarenta e um anos), alto de porte, vigoroso, o rosto congestionado, com uma cicatriz na fronte, de onde vinha o seu apelido de **Balafré**, corado, sangüíneo mesmo, acentuava a rudeza de seu passo, a dureza de seu olhar, a atitude insolente de sua cabeça, o vinco desdenhoso dos lábios. E ia direito na frente, sem um sorriso, sem desviar um segundo o seu olhar obstinadamente fixo no rei. Era o carvalho poderoso que oferecia sua fronte altaneira e brava à tempestade.

O cardeal, menor, mais delicado, mais elegante, o olhar velado, o rosto pálido, o andar suave, ondulante. Êle pisava sôbre o tapete curvado numa interminável reverência. Prodigalizava, à direita e à esquerda, sorrisos melosos e interrogava ansiosamente, com o olhar, sua sobrinha Maria Stuart. Era o arbusto que dobrava para melhor se erguer.

E foi assim que êles foram prestar sua reverência ao rei. E foi assim que o duque fêz o seu cumprimento. A ansiedade os dominava, à espera do acolhimento que lhes seria dado.

Em redor dêles, prêsa da mesma ansiedade, atenta, estava uma curiosidade aguda, elevada ao seu paroxismo. Uns, os adversários, esperavam, pediam com todos os seus votos a desgraça. Outros, os partidários, imploravam aos anjos e aos santos para que a catástrofe não se produzisse.

Atrás dêles, erguendo sua cabeça venerável, digna, majestosa, solenemente calma, o chanceler Michel de l'Hospital: uma doce, uma bela e nobre figura.

Enquanto os Guise avançavam, Beaurevers se insinuava de grupo em grupo. O rei, que não o perdia de vista, notou sua manobra, e compreendeu que Beaurevers acabava de se colocar atrás de si. Não se voltou, porém. Não queria despertar suspeitas.

Vendo se aproximarem os Guise, um clarão estranho lhe iluminou os olhos. Um clarão mais rápido do que o relâmpago que rasga as nuvens em momentos de tempestade. E ninguém foi capaz de notar-lhe êsse clarão. Nem a própria Catarina, apaixonadamente atenta.

Não se tardou em conhecer os sentimentos do rei a respeito dos Guise. Ao cumprimento do duque, Sua Majestade respondeu afetuosamente, chamando-o **tio**, como habitualmente o fazia. Pareceu a todos os presentes que o prestígio dos Guise não sofrera o menor abalo, não fôra atingido pela cólera real.

Êles próprios assim o julgaram. E foi então que apareceu de um modo ainda mais surpreendente a diferença dos caracteres: o duque moderou sua atitude. Êle, que havia atravessado de ar insolente, sem dignar-se olhar para ninguém, se curvou, dirigiu saudações e sorrisos à direita e à esquerda, causando isto espanto a todos. O cardeal, ao contrário, mudou a sua atitude de simpatia num aspecto de insolência. O sorriso desapareceu de seus lábios, e êle não viu mais ninguém perto de si.

Julgando-se seguro de seu poder, o duque pediu ao rei o favor de uma conferência particular. Disse êle que fôra acompanhado do senhor cardeal e do senhor chanceler com o único fim de conversar sôbre negócios urgentes e da mais alta gravidade.

Era uma satisfação plantônica que êle dava assim ao jovem soberano, com o fim de consultá-lo. Ordinàriamente, o rei não fazia

a menor dificuldade em conceder a audiência solicitada e aprovava sempre tôdas as decisões que se lhe submetiam.

O duque estava firmemente convencido de que as coisas se passariam, dessa vez, como se passavam sempre em casos semelhantes. Ficou, por isso, estupefato, quando ouviu que o rei declarava, bravamente:

— Falai, senhor duque, que eu vos ouço aqui mesmo.

— Que! — exclamou o duque, todo embaraçado. Vossa Majestade quer que eu trate aqui, diante de todo êste mundo, de negócios que não devem ser revelados senão em conselho?

— Perdão — replicou Francisco, que tomou um ar de admirável simplicidade — mas não me dissestes, duque, que querieis falar a respeito dos **desmandos** dos senhores reformistas, a respeito de certos acontecimentos que se desenrolaram ontem, no Passo dos Clérigos, a respeito, enfim, dessa pequena agitação que se vê hoje pelas ruas da cidade?

— Com efeito, sire, é bem disso que se trata. Mas, eu não me lembro de a êsse respeito ter falado a Vossa Majestade.

— Exatamente. Entretanto, parece-me tê-lo ouvido dizer... De resto, pouco importa. É bem disso que desejais tratar? Sim, já o dissestes. Nesse caso, falai. Acho que são negócios sem importância, que podem ser tratados à vista de todo mundo.

Era de ver o ar irônico com que Francisco proferia essas palavras!

Apesar dos sinais discretos que lhe dirigia seu irmão o cardeal, o duque não quis ceder sem ter resistido até o fim.

— Sire — disse êle, baixando cada vez mais a voz — é impossível tratar de assuntos tão graves em público.

— É vossa opinião — declarou, friamente, o rei — mas não é a minha. Falai, pois, duque. Falai em alta e inteligível voz. Eu o quero.

Tendo o rei dito: **Eu o quero** — êle não tinha remédio senão se dobrar.

Foi o que fêz o duque, intimamente indignado, com a alma a rebentar de raiva. Mas, no momento em que o irmão ia tomar a palavra, o cardeal lhe fechou a bôca com um olhar de uma eloqüência irresistível e, adiantando-se, falou:

— É um longo discurso que é preciso fazer. Isso entra mais em minhas atribuições do que nas do senhor duque que, antes de tudo, é um soldado. Vossa Majestade quer me permitir que eu tome a palavra?

— Pouco importa que faleis vós ou o vosso irmão. Qualquer um dos dois serve. Eu vos escuto, cardeal... Mas, recomendo-vos que sejais, sobretudo, breve.

Era sêco o tom em que o rei falava. O duque mordeu os lábios até quase fazer sangue. Mas, um nôvo olhar de seu irmão lhe recomendou a prudência e a moderação. E como — cremos já o ter dito — êle tinha uma confiança ilimitada no espírito sútil de seu irmão, que era a cabeça pensante da casa, se conteve.

Quanto ao cardeal, êle se inclinou profundamente, como num cumprimento adulador. Seu despeito era, no entanto, violento. De mais a mais, estava cruelmente embaraçado. E isso necessita uma explicação, que damos a seguir:

Fortificados pela confiança do rei, os Guise não tinham esperado essa audiência para tomar medidas violentas. Essas medidas podiam desencadear a guerra civil no reino. Êles o sabiam. E era o que queriam. Contavam obter para essas medidas a aprovação do rei, para então pô-las em execução, pelo menos em parte. Tudo isso esperavam fazer de acôrdo com o seu pragrama de domínio.

Mas, eis que, inesperadamente, bruscamente, o rei parecia se voltar contra êles. Isso mudava completamente a face das coisas. Na disposição de espírito que viam no rei, era soberanamente perigoso revelar-lhe que êles tinham dado ordens antes de ter obtido o seu assentimento. Era isso precisamente o que se tornava necessário ocultar e foi por isso que o cardeal pediu a palavra.

Eis porque o cardeal de Lorena estava embaraçado e desejava mil vêzes não ter caído naquela situação.

Enfim sempre Sua Eminência começou seu discurso. E êste foi a repetição, ampliada, das acusações que Catarina, momentos antes, tinha levantado contra os reformistas.

Não pôde, no entanto, ser tão longo quanto a rainha-mãe, porque o rei o interrompeu bruscamente, assim:

— É inútil irdes mais longe. Já estou suficientemente informado a êsse respeito... Adimiro-me de ver um espírito tão iluminado, um sábio como vós, senhor cardeal, se fazer éco de acusações tão ridículas... Digo bem: ridículas. Sabei, senhor cardeal, que estou, como disse, informado, sôbre êsse assunto, mais e melhor do que podeis

imaginar. Eis o que me permite constatar que incorreis em êrro. E eis porque vos digo: Não, senhor cardeal, os reformistas não querem a minha vida, nem conspiram contra a segurança do Estado... Querem, sim, o reconhecimento de seus direitos, que ninguém pode negar... Apenas isso... Viestes propôr-me medidas, que presumo sejam violentas. Se é assim, eu vos dispenso de formulá-las. A violência seria o pior dos crimes. Ela nos conduziria, certamente, fatalmente à guerra civil... Eu vejo muito bem que é êsse precisamente o alvo procurado por certos fatores de desordens que, para satisfação de ambições desenfreadas, não hesitariam em afogar o País em ondas de sangue... Mas, eu é que não admitirei isso, e seus abomináveis projetos não se realizarão, eu vos dou a minha palavra de rei. Inútil é, portanto, pregar a violência aqui. Inútil e perigoso. O que é preciso, é uma largo espírito de tolerância. É preciso acalmar os espíritos, em vez de os excitar sem trégua como se faz, pregando-lhes o amor e a concórdia, e não o ódio e a discórdia. É preciso fazer-lhes compreender, enfim, que os súditos de um grande e belo reino como êste, são como os membros de uma mesma e vasta família que devem se ajudar fraternalmente e não se devorar mùtuamente como cães danados. Nisto se resume a minha política. Talvez a julgueis um pouco simples. Eu a creio boa. e a adotá-la-ei. E se ela fôr aplicada como eu a entendo — e para isso eu hei de estar de sentinela — se ela fôr aplicada como eu a entendo, vereis como, em breve, renascerão a ordem e a prosperidade neste País. Então, se Deus me der vida, será tempo de fazer uma limpesa nos criminosos a que aludi. E juro-vos como êles serão desmascarados, prêsos, julgados, condenados e atirados sem piedade sob o machado do carrasco, numa execução que há de servir de exemplo. Há de servir de exemplo! Eu vos asseguro.

Êsse pequeno discurso, que ninguém esperava, produziu uma impressão enorme em tôda aquela gente. Foi pronunciado em tom moderado, porém com firmeza de que ninguém supunha capaz êsse homem môço de aspecto enfêrmo, que passava por indolente. Causou também sensação o vê-lo discutir, com tão bom senso e uma competência admirável, negócios que todo o mundo julgava que ignorasse completamente.

Em meio do silêncio, uma voz grave se levantou de repente, aplaudindo corajosamente:

— Muito bem! Muito bem dito, sire! E dito numa nobre linguagem. Uma linguagem de rei.

Era o chanceler Michel de l'Hospital, que assim falava, manifestando-se, desta sorte, contra os Guise.

Essa intervenção foi agradável ao rei, que, com o seu mais gracioso sorriso, agradeceu:

— O aplauso do homem íntegro que sois, senhor chanceler, me é infinitamente precioso. Êle não poderia, entretanto, me surpreender, conhecendo como conheço a nobreza de elevação de vosso caráter.

O chanceler inclinou-se, respeitoso, lisongeado. E, endireitando sua nobre cabeça, com uma doce gravidade, exclamou:

— Palavras inolvidáveis, que me enchem de alegria e de orgulho. Se Deus vos der vida, haveis de ser um grande rei, sire.

— Não é êsse o título que eu ambiciono — disse o rei, com a mesma simpatia. O que os meus súditos dizem de mim, chamando-me de justo e bom, eu não lhes solicito. Em todo caso, é o que procuro ser e, animado pelos conselhos de homens veneráveis como vós, senhor chanceler, espero chegar a isso, com a graça de Deus.

E com um acento de inexprimível melancolia que traia o receio secreto que estava no fundo de si mesmo, ajuntou pela décima vez:

— Se Deus me der vida, está claro.

Essa digreção, conquanto muito breve, permitiu aos Guise recobrarem a perdida serenidade. O duque retomou a palavra.

— O rei — disse êle, inclinando-se profundamente, — repele, sem conhecer, as medidas que vínhamos submeter à sua aprovação. O rei é o soberano... Eu me inclino diante de sua vontade. Sem dúvida, Sua Majestade se recusa, também, ouvir a relação dos acontecimentos que se desenrolaram ontem... Informações vagas, emanadas não se sabe de quem nem de onde, bastaram para convencer o rei...

— Com efeito, duque — interrompeu, vivamente, o rei — estou convencido, como dizeis, de que a verdade é a que conheço. Mas não foram vagas informações que me convenceram, como ainda dizeis. Eu estava lá, duque, eu estava lá, ouvistes?... E vi com os meus próprios olhos, e escutei com os meus próprios ouvidos! Compreendeis?...

Por mais senhor de si que fôsse, o duque não poderia deixar de se curvar ao golpe. Deu, precipitadamente, dois passos para trás. Julgava que o rei conhecia a terrível verdade e que ia acusá-lo diante de tôda a côrte de ter pretendido mandar assassinar o soberano.

— Vossa Majestade estava lá!... Naquela escaramuça! — balbuciou o duque, sem saber bem o que dizia.

O pior é que o rei parecia gozar a sua perturbação e o seu embaraço. E fixava ambos, ao duque e ao irmão cardeal, de uma inquietante maneira. Depois de algum silêncio, Francisco exclamou, com uma calculada lentidão:

— Sim, duque, eu vi e ouvi tudo. Eu em pessoa. Vós não estais seguro do lugar onde se passaram os acontecimentos a que aludimos. Portanto, não podeis falar senão depois das informações que vos foram prestadas. Oh! eu não ponho em causa vossa boa fé... Sei que essas informações não são vagas, e que emanam do senhor tenente criminal e do senhor cavalheiro da guarda. Não digo, portanto, que essas informações sejam mentirosas, e que não devais ter fé nelas. Mas, sei que dizem coisas contrárias à que vi e ouvi eu próprio. De sorte que seria preciso descobrir como êsses dois oficiais do rei puderam se enganar tão grosseiramente. E se êles são culpados, será preciso castigá-los impiedosamente. Compreendeis, duque?

O que o duque e o cardeal compreendiam sobretudo, é que a mortal acusação não se produzia. Bem melhor para êles. O rei parecia colocá-los fora de causa, por isso que dizia não duvidar de sua boa fé. Sentiram-se, ambos, reviver, e um longo suspiro de alívio se levantou de seu peito. Apenas, o abalo tinha sido muito forte. Haviam sondado o abismo e agora conheciam os efeitos alucinantes da vertigem. Não tinham desejo de experimentá-los de nôvo. Eis porque o duque, que ia enfrentar o rei, julgou prudente disfarçar, e inclinar-se, respeitoso, diante dêle.

E eis porque, também, com grande espanto de quantos o conheciam, o duque declarou:

— Quem, então, seria tão ousado, que tivesse o atrevimento de pôr em dúvida a coragem do rei? Se o rei afirma que as informações que me deram são inexatas, é que o são mesmo. O inquérito será feito, sire, e conduzido, imparcialmente, à verdade, eu vos asseguro. Também eu vos asseguro que os que me colocaram nessa desagradável posição aos olhos de Vossa Majestade serão castigados sem piedade, e convenientemente, como merecem.

O rei se limitou a aprovar com um ligeiro sinal de cabeça.

E o duque assim concluiu a sua submissão:

— Importa, entretanto, que sejam, sem tardar, tomadas medidas a respeito dessa comoção que ontem se manifestou na rua. Queira Vossa Majestade dar-me as ordens a êsse repeito.

ONDE BEAUREVERS INTERVEIO

Foi uma estupefação na nobre assembléia, o orgulhoso, o todo poderoso duque, Francisco de Guise, aceitar sua desgraça sem dizer palavra!... Êle que, até ali, tinha dirigido os negócios do Estado como senhor absoluto, deixar-se despojar, deixar-se quase expulsar do poder, sem pedir uma explicação. E curvava-se, santo Deus! curvava-se e solicitava, humildemente, ordens!

Isso era, positivamente mais do que um recuo: era uma covardia inominável.

Eis o que pensavam os que não se fiavam senão nas aparências, esquecendo-se de que as aparências são, muitas vêzes, enganosas.

Assim deve ter pensado o rei. Porque um fugitivo clarão de triunfo passou em seus olhos.

Assim deve ter pensado Maria Stuart. Porque ela deixou cair sôbre seus tios vencidos um longo olhar de piedade, que êles não pareceram notar.

Catarina, porém, não pensou da mesma forma. Porque um sorriso enigmático passou como uma sombra sôbre seus lábios pintados.

Beaurevers não mais pensou assim. Porque deixou seu lugar e foi se inclinar diante do rei.

Francisco compreendeu que o cavalheiro tinha alguma coisa de importante a dizer. Dirigiu-lhe um sorriso — naquele dia, decididamente, êle sorria a todo mundo, exceto a seus tios, — notaram os cortezãos, mais atentos do que nunca.

E autorizou:

— Falai, cavalheiro.

O duque examinou o recém-chegado com um ar soberanamente desdenhoso. E voltou a cabeça para o outro lado. E, para melhor notar o pouco caso que fazia do personagem e do que êle ia dizer, fingiu conversar em voz baixa com seu irmão.

À parte disso, todo o mundo ali reunido, mesmo o proprio rei, mesmo Catarina, mesmo os Guise, apesar do seu ar desprendido, todo aquele mundo esperava com a mais viva curiosidade o que ia dizer o cavalheiro.

Sem parecer notar a atitude impertinente do duque, e nada constrangido pela atenção geral nêle concentrada, Beaurevers começou assim o seu discurso, pronunciado com a sua voz de clarim:

— Sire, parece-me que um mal entendido se ergueu entre Vossa Majestade e o senhor duque de Guise. Sendo assim, dada a gravidade das circunstâncias, resta fazer cessar êsse mal entendido.

O duque sobressaltou-se. Diante do preâmbulo de Beaurevers, o cavalheiro lhe parecia um socorro inesperado que lhe chegava. Na situação difícil em que se encontrava êle, pensou que não havia necessidade de se mostrar tão arrogante perto de um homem que se anunciava como um aliado, pelo menos momentâneo. Receiava tê-lo magoado, tê-lo irritado mesmo com a sua atitude. E voltou-se francamente para êle. E concedeu-lhe, abertamente, uma atenção que até ali pretendera dissimular.

Menos arrogante, seu irmão, o cardeal, fêz melhor. Dirigiu-lhe seu mais gracioso sorriso.

Diante dessa transformação a olhos vistos, um clarão brilhou nos olhos claros de Beaurevers. Mas, o cavalheiro não pestanejou, não pareceu ter notado essa mudança e continuou:

— Vossa Majestade quer autorizar uma conferência entre MM. de Guise e eu? Aqui mesmo, encontraremos bem um recanto onde nos isolar: o vão dessa janela, por exemplo. E eu asseguro a Vossa Majestade que, depois dessa conferência, que será breve, muito breve, MM. de Guise, convencidos pelos argumentos que eu lhes farei valer, estarão completamente de acôrdo com Vossa Majestade. Garanto sob minha palavra.

Sem hesitar, o rei autorizou, no mesmo instante:

— Ide, cavalheiro. Eu vos autorizo a procederdes como entenderes.

Beaurevers voltou-se, então, para o duque, esperando sua decisão. Viu que êle ia recusar. Deu dois passos para a frente, aproximando-se do duque, a quem, num suspiro apenas perceptível, lançou esta ameaça tremenda:

— Se preferis que eu fale bem alto, diante de todo mudo, dizei-o. Mas, crêde-me, duque, é melhor, para vós, que fique apenas entre nós o que eu tenho a dizer.

Dizendo isso, êle sorriu. Podia-se crer, vendo-o, que êle acabava de dizer uma banalidade. Mas o olhar que fixava no duque era tal, que êste compreendeu sem demora que uma ameaça terrível traziam as palavras do cavalheiro.

Seu irmão não lhe deu tempo de decidir por si. Adivinhou o que Beaurevers tinha dito, mais, talvez, do que se houvesse escutado. Também êle compreendeu. A iminência do perigo ditou-lhe as palavras próprias a salvaguardar o amor próprio de seu irmão:

— Vamos, meu irmão — disse êle — desde que é ordem do rei...

Ao mesmo tempo, segurou-o pelo braço e, com uma pressão imperiosa da mão, recomendou-lhe prudência.

Satisfeito de ter uma razão para ceder sem parecer curvar-se diante da ameaça, o duque cedeu, dizendo:

— É justo. Não se resiste a uma ordem do rei. Vamos.

De braços dados, o duque e o cardeal atravessaram a sala, saudados à passagem pelos cortezãos que ainda não estavam certos de sua desgraça e desafiados com o olhar daqueles que eram seus inimigos. Sem se apressar, êles foram colocar-se no vão de uma janela. Com sua mão branca e rechonchuda de prelado, que êle tinha muito mais bela do que o resto do corpo, o cardeal desatou, êle próprio, o cadarço dos pesados cortinados do brocado que guarneciam essa janela, e se encontraram isolados, invisíveis do resto da assistência.

Beaurevers os seguiu.

O QUE FOI DITO ENTRE OS GUISE E BEAUREVERS

Os três homens se encontraram frente a frente atrás do cortinado.

Observaram-se um segundo, em silêncio.

E foi o duque quem rompeu a palestra, dizendo:

— Pretendeis ter coisas a dizer que devem nos colocar plenamente de acôrdo com Sua Majestade. Vejamos essas coisas. Eu estou pronto para escutar-vos.

Com uma calma extravagante, como se dissesse a coisa mais simples, a coisa mais natural dêste mundo, Beaurevers revelou:

— Devo dizer-vos que fui eu que suscitei o conflito que acaba de rebentar entre o rei e vós. Fui eu quem abalou fortemente vosso crédito e que vos colocou em tal situação.

Os Guise tinham procurado o nome do inimigo desconhecido que os colocara em tão crítica posição. Tinham suspeitado de algumas pessoas. Notadamente e sobretudo de Catarina. Nunca de Beaureveres. Nunca isso lhes havia passado pela idéia.

Beaurevers se lhes revelava. E a audácia incrível que mostrava indicava claramente que êle devia se sentir fortemente apoiado. Porque êles não duvidaram um só momento que o cavalheiro não tivesse dito a verdade.

A revelação produzia nêles o efeito de uma cacetada. E Beaurevers soube fazê-la de modo a neutralizar qualquer ação da parte dos dois irmãos. Começou firme e foi, serenamente, fulminantemente, até o fim.

O duque bramiu, furiosamente:

— Ah! então fostes vós que nos colocou mal perante o rei? Fostes vós quem nos desacreditou? E ainda tendes a ousadia de confessá-lo!... Pelo Deus crucificado, eu admiro vossa imprudência, meu chefe!

Firmemente, Beaurevers retificou:

— Imprudência, não. Lealdade, sim.

E acrescentou:

— Não é de meus hábitos tomar os outros por traidores... Nem sou grande senhor para ter tais procedimentos. Eis aí uma maneira de duelo do qual estou certo de sair vencedor. Repugna-me usar contra vós vantagens que ignorais. Eis porque vos adverti. Resta-me fazer-vos conhecer o que posso ainda fazer.

— Que?! — exclamou o duque. Podeis fazer mais ainda? E que coisa é essa, Santo Deus!

Com a mesma frieza mortal, Beaurevers respondeu:

— Posso acabar de consumar vossa ruína. Posso fazer cair vossas cabeças...

O duque encheu-se de coragem e, endireitando o busto, disse, num tom de orgulhoso desdém:

— Senhor, pela intriga, por tortuosas manobras, pode-se fazer desgraçar, arruinar, envenenar um príncipe de sangue real... Pode-se mesmo desfazer dêle pelo veneno ou pelo punhal de um assassino... Mas, em nenhum caso, se lhe fere a cabeça.

Beaurevers teve um dêsses sorrisos terrivelmente sarcástico que tanto o caracterizavam e que só se lhe desenhavam nos lábios nessas horas solenes em que feria algum inimigo. Êle ia abrir a boca para lançar um dessa respostas que eram azorragues para os Guize. O cardel o previu. E sem dúvida tinha razões para deixá-lo falar, porque se conservou calado.

O cardeal tinha observado Beaurevers, mas havia incorrido num êrro. E êsse êrro era ignorar que Beaurevers, depois de lhes ter claramente provado que gozava de um influência real — e isso lhe parecia evidente — quizesse muito simplesmente fazê-los comprar o mais caro possível a influência de que dispunha.

Em suma, era pura e smplesmente o que, em nossos dias, chamamos uma **chantage**. Uma **chantage** organizada por mão de mestre. executada com uma audácia única. A solução se impunha. E era preciso procurá-la.

O cardeal queria se desembaraçar daquele personagem. E foi por isso que se atirou à discussão. Em têrmo de conciliação, começou:

— Não pronunciemos inúteis e, sobretudo, irreparáveis palavras. Senhor de Beaurevers, quizestes nos mostrar que vosso prestígio é bastante considerável para nos causar dano, para nos prejudicar. Graças a vós, estamos no caminho da desgraça. Assegu-

rastes que sois muito forte para nos arruinar de vez aos olhos do rei. Sem discutir nem negar o que acabais de afirmar e, pelo contrário, admitindo a sua possibilidade, eu quero, apenas, dizer que traduzi as vossas palavras por uma hipótese. Dissestes, apenas, que podieis fazer sem, contudo, dizer que farieis... De onde concluo, senhor de Beaurevers, que tendes certas propostas a nos fazer. E agireis segundo tiverdes aceitado ou repelido nossas propostas.

Beaurevers inclinou-se, e disse:

— Eu admiro, **monseigneur**, a penetração de vosso espírito.

— Ora! — disse o cardeal, com um ar de falsa modéstia. Eu vos dizia que aquilo era jôgo de criança... Mas, falai, senhor de Beaurevers, falai. E não receieis perguntar-nos o que entendais. Queremos entender-nos convosco.

— Estamos prontos para vos escutar — animou o duque. Para atender a qualquer pedido que nos façais.

Friamente, com um ar de seriedade que indicava bem que êle não queria mais perder tempo, Beaurevers começou:

— Fazer a paz com os reformistas.

Os Guize esperavam um pedido de dinheiro, de títulos, de cargo na côrte, êles não sabiam o que. Esperavam que Beaurevers lhes pedisse alguma coisa para si próprio. Parecia-lhes evidente isso. De maneira que aquela solicitação lhes causou um espanto tão violento, que não pensaram em dissimulá-lo.

Beaurevers sorria do pasmo dos Guise. E abanava docemente a cabeça, como quem dizia: sim, é isto, e só isto.

— Mas, senhor — exclamou o cardeal — não ouvistes o senhor duque declarar ao rei que estava pronto para executar suas ordens a êsse respeito? Parece-me que estamos de acôrdo.

— Sem dúvida, sem dúvida, senhor cardeal. Mas, não se deve destruir com uma das mãos o que se decidiu com a outra.

— Que quereis dizer? — exclamou o duque. Ousareis, porventura, nos atribuir qualquer sombra de má fé?

Com uma frieza terrível, Beaurevers replicou:

— Sim, duque!...

E êsse "sim" saiu seco, cortante como uma machadada.

Aproveitando o espanto cada vez maior dos dois irmãos, o cavalheiro continuou, após rápido silêncio:

— Eu vos adivinhei, senhores... Vós, cardeal, pensais colocar à vossa frente a tiara de São Pedro, e vós, duque, tencionais trocar vossa corôa ducal por uma corôa real. Ambição grandiosa, contra

a qual os reformistas se atiram. E vem daí, o vosso ódio contra êles. Que amanhã êsses reformistas unissem suas forças para favorecer vossa ambição, como se uniram para contrariá-la, e estou certo de que irieis ao púlpito e gritarieis alto, sem medo: "Morte aos católicos" — como hoje gritais: "Morte aos huguenotes"!

Êles estremeceram de raiva e de terror. Mas, a despeito disso, escutavam, continuavam escutando... Beaurevers não perguntou se ainda queriam. Foi prosseguindo nestes têrmos:

— Que sejais rei, eu não veria nisso, francamente, nenhum inconveniente. Mas, pensais despojar o rei Francisco Segundo... E eu fiz o juramento de que, enquanto viver, ninguém porá a mão nos seus direitos de soberano. Eis por que me lanço à vossa frente, disposto a defender do bico e das garras dos abutres que o rondam a autonomia do soberano — dêsse jovem soberano a quem jurastes fidelidade e que agora pretendeis despojar. E para começar, como o único obstáculo sério a vossos projetos vem dos reformistas, eu vos impeço de afastar êsse obstáculo, colocando-vos na impossibilidade de os aniquilar, como desejais fazer. Isso é o essencial. Portanto, duque, ide logo cedendo nesse ponto, sôbre o qual o rei não transigirá, eu vos advirto, e vossa situação permanecerá intacta; ou, então, resisti... e nesse caso estareis perdido, eu vos asseguro.

Os irmãos Guize ficaram mudos de raiva. Na sua indignação não puderam articular uma palavra. Enquanto o cardeal tremia, o duque se endireitava e dardejava em Beaurevers um olhar brilhante, carregado de ameaças. Um momento o cavalheiro chegou a crer que o duque se ia atirar sôbre êle e mergulhar-lhe a adaga na garganta, tanta era a cólera que deixava transparecer.

Mas não houve nada disso. E o duque se acalmou bruscamente, quando menos Beaurevers o esperava. Acalmou-se, e chegou mesmo a sorrir, com um riso supremamente desdenhoso. E dirigindo-se a seu irmão:

— Deus me perdôe, mas eu creio que foi preciso encolerizar-me... Partamos, cardeal.

Beaurevers sorriu. Estirou o braço e levantou uma parte do cortinado. E, com a mesma calma terrível:

— Antes de interromper esta entrevista que ainda não terminou, lançai, duque, um olhar às portas dêste salão, e vêde se sair daqui vos parece coisa fácil de executar.

Embora a contragosto, os Guise obedeceram ao convite de Beaurevers e lançaram um olhar para as portas. E ficaram petrificados:

Diante de cada porta estava formado, em duas fileiras, um forte piquete de guardas armados de lanças.

O cardeal se tornou verde. E deve ter-se apoiado à parede: suas pernas fraquejaram.

O duque, dissimulando, quanto podia, o seu mêdo, gruniu:

— Mas, é para nós, que se tomaram estas disposições extraordinárias?

— E para quem queríeis que fossem?

Tendo proferido essas palavras com ar zombador, Beaurevers deixou cair de nôvo o cortinado.

— Que significa isso? — murmurou, maquinalmente, o doque.

— Isso significa que sois meus prisioneiros — revelou Beaurevers. Sois meus prisioneiros desde o momento em que viestes vos meter neste vão de janela.

— Pois seja — disse o duque que, à fôrça de vontade, conseguia conservar uma calma aparente. Fomos atraídos a uma armadilha e estamos presos... Muito bem!... O rei nos deve uma explicação, e eu juro pelo nome de Deus como êle no-la dará satisfatória. Vinde, cardeal.

— Um momento, ainda — replicou Beaurevers, sem se mover do lugar em que estava: — crêde-me, duque, crêde-me que tendes um interêsse capital em conhecer minhas explicações antes que eu as exponha ao rei, diante da côrte reunida. Essas explicações são muito simples... São terríveis para vós. Eis o que eu direi ao rei: "Sire, vós fostes, ontem, perseguido, cercado, assaltado, insultado por uma matilha de assassinos, entre os quais se encontravam arqueiros comandados pelo tenente criminal e pelo cavaleiro da guarda e também guardas de M. de La Roche-sur-Yon. Só por milagre saistes são e salvo dessa formidável aventura. Quizestes saber, sire, quem era instigador dêsse covarde e vil atentado. Eu os procurei... e os encontrei... E, conhecendo-lhes o poder e a astúcia e para que não possam fugir, para que não possam escapar ao suplício dos regicidas que o merecem, tomei a providência de fazer guardar as portas. Sire, êsses assassinos chefes, ei-los aqui: entrego-os à vossa justiça!"

Pronunciando estas palavras terríveis num tom de frieza terrível, Beaurevers estendia lentamente o braço e com o index indicava os Guise, que, lívidos, os cabelos eriçados, se sentiam desfalecer.

Implacável, Beaurevers continuou, sem lhes dar tempo de protestar:

— Podereis dizer-me, senhores, que não é suficiente apenas fazer uma acusação: é preciso documentá-la com provas. É razoável. Muito razoável. Essas provas, eu as tenho no meu gibão e ei de dá-las ao rei.

Então?... Podereis dizer-me ainda que é possível discutir com provas. Seja. Em apoio das minhas, virão juntar-se o próprio testemunho do rei, o meu e o de algumas outras pessoas... entre as quais o barão de Rospignac... O barão de Rospignac, que eu notei nesta sala, e que se encontra prêso, como vós. E ficai tranqüilos, que Rospignac falará. Será preciso que êle fale e que diga: primeiro, o que foi fazer, terça-feira última, à casa de Cluny; segundo, como e porque, após uma longa conferência com o senhor cardeal, se viu munido de certas ordens pondo sob sua obediência direta o senhor grande preboste e o governador da cidade; terceiro, a que título recebeu uma soma considerável em casa de vosso tesoureiro; quarto, finalmente, o que fazia, no momento do atentado, em certa casa da rua de Buci, em cujo sótão se ocultava e de onde, tal um comandante de tropas, mandava suas ordens aos dois arqueiros, aos guardas e, sobretudo, a certos homens duvidosos disfarçados em estudantes e vagabundos, o que não os transformava nada.

Beaurevers parecia extraordinàriamente calmo. Falava com uma convicção impressionante.

Mas, não se tratava senão de aparências. No fundo Beaurevers estava mortalmente inquieto: as provas que êle pretendia ter no bolso de seu gibão com as quais ameaçava os Guise — essas famosas provas não existiam senão em sua imaginação. Êle não tinha nada. Absolutamente nada. Suas acusações, que formulava com tanta firmeza, não eram para êle senão suposições.

Êle agia com incrível audácia. Mas, o pensamento de que os Guise pudessem, mostrando-se mais audaciosos do que êle, querer obrigá-lo a exibir essas provas de cuja posse o cavalheiro se vangloriava — êsse pensamento o alarmava.

Tendo terminado essa espécie de interrogatório Beaurevers não acrescentou uma palavra mais. Apenas, se afastou, se pôs de esguelha, deixou livre a passagem aos Guise, demonstrando assim, tàcitamente que, se êles quizessem se entregar à discussão pública, estavam livres para fazê-lo.

E teve a imensa satisfação de ver que os Guise não se moviam. Sua audaciosa manobra tinha, pois, dado o resultado esperado.

E foi o cardeal quem falou, nestes termos, e com voz insinuante:

— Senhor, não é êste o lugar de discutir as formidáveis acusações que não receais lançar contra a casa dos Guise. Se bem que, considerando bem as coisas, me pareça que vós próprio não estais bem convencido do valor de vossas acusações. Do contrário, não teríeis hesitado, eu creio, em exibi-las em público.

— Sim — replicou, secamente, Beaurevers. Mas, se assim eu procedesse, era enviar-vos ao cadafalso... E eu não sou um fornecedor de carrascos, senhor!... Admiro-me que tenhais compreendido...

— Pois seja — disse, rangendo os dentes, o cardeal, vencido. Formulai, expondo vossas condições.

Beaurevers não triunfou. Friamente, mas muito simplesmente, êle respondeu:

— Eu vos fiz conhecer essas condições. Nada mais tenho a acrescentar.

— Quereis que façamos a paz com os reformistas? — insistiu o cardeal.

Perfeitamente. E conservo inalterável, absoluta, a minha exigência. Escutai, pois: impondo-vos essa paz, o rei afasta de vós sua corôa, sôbre a qual já estendeis a mão. E tudo irá, então, recomeçar para vós. Tudo. Eu sei, e não duvido, que tentareis de novo o vosso assalto. Então nos entenderemos melhor... Porque é preciso que não esqueçais, senhores, que haveis de sempre encontrar-me em vosso caminho, a contrariar-vos as pretensões.

— Está bem. Vamos tornar a achar o rei.

Tendo assim efetuado sua submissão, o cardeal estirou a mão para o cortinado.

Nesse momento, o duque se colocou diante de Beaurevers e, com o rosto convulso pelo ódio, o olhar terrível, grunhiu, com voz indistinta:

— Por tua astúcia infernal, hoje triunfas. Está bem. Mas eu terei a minha vez. Guarda-te bem, Beaurevers que, de hoje em diante, um duelo de morte nos separa. E eu juro em nome de Deus que não te pouparei.

— Não o duvido — sorriu Beaurevers. Mas, todo-poderoso duque de Guise, sabei que vós não me inspirais medo de espécie alguma.

Num passo rude, o duque penetrou na sala, seguido do cardeal.

— Sire — disse, tranquilamente, Beaurevers, indo inclinar-se diante do rei — a audiência que os senhores de Guise me fizeram a honra de conceder fôra mais longa do que eu o previra. Mas, ao menos, ela felizmente, terminou segundo minhas previsões: êsses se-

nhores, reconhecendo o incontestável valor das razões que eu lhes apresentei e defendi estão, agora, plenamente e francamente, de acôrdo com Vossa Majestade.

Essas palavras foram pronunciadas com uma voz clara, em meio de um silêncio atento. E, depois de pronunciá-las, Beaurevers se inclinou de nôvo diante do rei e, como para significar que sua missão estava terminada, estava cumprida, retomou seu lugar atrás de sua poltrona.

O rei sorriu a Beaurevers. E fixou no duque um olhar sério que, claramente, pedia a confirmação formal das palavras proferidas por seu cavalheiro.

O duque não demorou em satisfazer ao soberano. Compreendeu que era preciso não fugir a essa satisfação. E teve suficiente calma e fôrça de vontade para dissimular a agitação que o empolgava, e demonstrar a todos os presentes que estava em seu estado normal.

— Com efeito sire — disse êle; — fiéis e leais servidores como nós, não podiam deixar de reconhecer a fôrça dos argumentos que se lhe apresentaram. E, por issso, não tivemos mais do que nos inclinar. É o que fazemos com alegria, não tendo em mira senão a grandeza e a glória de Vossa Majestade.

Catarina, mais atenta do que ninguém, na impossibilidade material de evitar a catástrofe, o desmoronamento de seus projetos, pensou, do seu canto:

— "Eh! mas, que diabo! O sorriso dêsse pobre duque parece-me bem amargo... Entretanto, meu Deus, como êle se mostra dócil, flexível! Ah! eu bem disse que o tal Beaurevers lhe punha embaraços na ação. Ei-lo humilhado... pelo menos agora".

E seu infatigável espírito, não podendo permanecer um instante inativo, refletiu:

"Êsse Beaurevers é um homem decidido, e que sabe ver as coisas, justiça se lhe faça... Muito hábil, palavra, essa idéia de levar o rei a se apoiar nos religionários para infligir derrota aos Guise... A lição não será perdida por mim".

Os outros circunstantes se conservaram em atitudes estritamente observadoras das regras da etiqueta. Esperaram que o rei se pronunciasse.

O rei tinha escutado o duque com essa expressão grave que chegava à severidade e que não cessara de lhe mostrar desde que a desavença se erguera entre êles.

E só quando o duque terminou sua submissão foi que o soberano se dignou a sorrir-lhe. E foi muito amàvelmente que respondeu:

— O que me dizeis me causa grande satisfação, senhor meu tio. Eu teria muito pesar que uma nuvem se metesse entre nós. Seria a primeira... Esperemos que seja, também, a última.

Era, já um comêço de reparação. Os Guise se sentiam aliviados, mas não de todo tranquilizados. Restava saber se o rei, que tão inopinadamente acabava de fazer ato de autoridade, consentiria em lhes entregar o poder... e se êles poderiam exercê-lo tão completamente como o tinham feito até aquele dia.

Tôda a assistência ficou atenta e meio surpreendida, porque, a uma resposta astuta do duque, que parecia considerar como um fato resolvido que o rei, de então por diante, governaria com autonomia, sòzinho, Francisco replicou, com certa vivacidade:

— Mais tarde, duque, mais tarde... Nunca me passou pela idéia arrebatar-vos a administração de meus negócios... Êles estão em muito boas mãos, para que eu não os deixe aí pelo maior tempo possível.

Dessa vez, a reparação era completa. A fortuna dos Guise saía intacta dessa crise em que podia cair. Num momento ia ela, irremediàvelmente, soçobrar.

Alguns minutos êles conversaram em particular com o rei e o chanceler, que exultava, porque êste não cessara, até alí, de, inutilmente, pregar a tolerância para com os religionários. Estando quebrada a oposição dos Guise, pelo menos momentaneamente, o rei e os três ministros se encontrariam depressa de acôrdo sôbre as medidas imediatas a serem tomadas.

Os Guise pediram, sùbitamente, licença ao rei. Êles não tinham um instante a perder para anular as ordens que, antecipadamente, haviam dado, com a certeza de que seriam aprovadas pelo rei. E, anulando-as, substituiu-as por novas ordens conforme as decisões que acabavam de ser tomadas. Ordens que, digamos de passagem, eram muito justas, o que não se dava com as que já tinham sido dadas.

E assim os Guise se dirigiram para a porta, saudados à passagem pelos cortezãos que se apressaram em lhes fazer a côrte... desde que êles tinham reconquistado o seu pôsto e a sua autoridade de chefes. O cardeal e o irmão não iam, porém, sem uma secreta apreensão, que lhes vinha do pensamento de que as portas estivessem

sempre guardadas pelos guardas de Genlis. Tiveram, no entanto, a satisfação de constatar que nada de desagradável se produzia: os guardas se desviavam à sua passagem.

Todavia, só respiraram, aliviados, quando tinham transposto a ponte-levadiça da real morada. Devemos convir que o alarma fôra violento para êles.

Ora, dêsse revés, dessa desventura dos Guise, resultou que, alguns instantes mais tarde, as tropas reais percorriam as ruas da capital e dispersavam, implacàvelmente, todo o ajuntamento que se lhes deparasse aos olhos. De sorte que, em pouco tempo, essa agitação que assinalamos estava acalmada como por encanto. Os bandos de gritadores que invadiam as ruas pareciam se ter volatilizado, tão ràpidamente desapareceram.

Para isso, fôra suficiente, apenas, segurar alguns pela gola do casaco — alguns recalcitrantes que foram parar na prisão.

E a calma e a tranquilidade e a boa ordem reinaram de novo em Paris.

Quanto a saber se essa boa ordem duraria muito tempo, era o que não se podia assegurar.

COMO BEAUREVERS SE INTRODUZIU NA RESIDÊNCIA DO VIDAMA DE SAINT-GERMAIN

Eis-nos voltados à tarde dêsse mesmo sábado. Naquele dia, os leitores devem estar lembrados:

Que, sob os braços estendidos da cruz do Trahoir, o visconde de Ferriére havia colocado o anel de compromisso no dedo de Florinda, a linda cigana;

Que a deixara à porta da pequena casa des Petits Champs, um pouco antes das oito horas e um quarto, bem resolvido, na mesma noite, a solicitar o consentimento paterno para uma união que lhe parecia a mais romanesca, e sem a qual a vida lhe parecia insuportável;

Que Florinda, imediatamente após a partida de seu noivo, fôra aprisionada pelo barão de Rospignac, em obediência a uma ordem de Catarina;

Que Beaurevers, atraído pelo apelo lançado pela jovem, saíra precipitadamente da pequena casa, investigara inùtilmente os arredores e, não tendo um momento a perder, dissera êle, se dirigira para o cais do Louvre e saltara no bote, na intenção de atravessar o Sena;

Que o cavalheiro executava essa manobra alguns minutos depois que Rospignac, também, havia atravessado o rio em canôa.

Enfim, esperamos que o leitor não tenha esquecido que foi nessa noite, às nove horas, que o duque de Guise e o cardeal de Lorena deviam ter chegado, misteriosamente, à casa do vidama de Saint-Germain, afim de ter com êsse personagem uma conferência secreta, à qual êles pareciam emprestar uma grande importância. Se o leitor esqueceu — o que é natural — temos o dever de lembrar-lhe.

evocando-lhe êsses diferentes episódios. Isso feito, vamos reencontrar Beaurevers no momento em que, meia hora depois das oito, êle se afastava do cais do Louvre, a remadas vigorosas.

Alguns minutos mais tarde, Beaurevers punha o pé no cais des Augustins, a alguns passos da rua Pavée-d'Andouilles. (1) Em seguida, se dirigiu para a rua de la Roudelle e foi parar diante da casa do vidama. Não lhe foram precisos nem dez minutos para atravessar o rio e chegar até alí. Mas, tinha perdido um bom momento em procurar Florinda, e receiava chegar muito tarde para o que queria fazer. Eis porque êle vencera em passadas respeitáveis a distância que separava o cais da rua de la Roudelle.

Trinquemaille e Bouracan, logo que seu amo parou não longe da porta, surgiram de não se sabe que invisível buraco e se firmaram a seu lado.

Em voz baixa, e com uma ponta de inquietude, o cavalheiro interrogou:

— Já entraram? Espero que ainda não.

— Exatamente, senhor — exclamou, embasbacado, Trinquemaille.

— Tudo vai bem — murmurou Beaurevers, com um suspiro de alívio.

Sem ajuntar uma palavra, êle já ia partir de nôvo para a rua du Battoir. Trinquemaille o deteve e ajuntou:

— Não entraram, mas saíram, senhor.

— A criada a quem se deu licença?

— Exatamente, senhor — exclamou embasbacado, Trinquemaille. E eu quero que o diabo me enforque se eu compreendo como adivinhastes isso!

Beaurevers sorriu, e respondeu:

— Eu o sei, e é o essencial.

E de nôvo partiu, sempre apressado.

Foi se deter diante da porta do cais, como se tinha detido em frente à grande porta da rua de la Roudelle. Lá, foram Strapafar e Corpodibale que surgiram, repentinamente, diante dêle. E foi Strapafar que, antes de ser interrogado, informou:

— Acaba de entrar, há alguns minutos, apenas.

— Quem lhe abriu a porta? — perguntou Beaurevers.

E Corpodibale respondeu.

— Ninguém. Êle tinha uma chave.

(1) Rua Ségnier.

Completamente tranqüilizado, Beaurevers murmurou, para si mesmo:

— Vamos. Tudo corre muito bem e eu chego a tempo.

Aproximou-se da porta do jardim de Ferriére, fazendo sinal a Corpodibale e a Strapafar para que o seguissem.

Uns trinta segundos mais tarde, tendo escalado o muro com o auxílio de seus dois companheiros, como já vimos fazer uma vez, êle se deixou cair sem ruído no jardim do visconde.

Agora, conhecia os lugares, até os menores recantos; sem demora passou do jardim do visconde para o do vidama.

Foi à escada exterior, subiu os degraus de mármore branco e aproximou-se da porta. Era uma porta-janela. Através dos vitrais multicôres encaixados em chumbo, lançou um olhar para o interior do aposento, que estava brilhantemente iluminado por uma profusão de cirios. Não lhe foi difícil reconhecer o vidama, que conversava com o barão de Rospignac.

Apenas notou que, com a porta fechada, nenhuma das palavras pronunciadas no interior chegava até êle. E, no entanto, Beaurevers tinha o ouvido particularmente fino.

Não hesitou: com precauções infinitas, puxou o ferrolho, sem ruído. Teve a alegria de sentir que a porta cedia. Evitou abri-la e deixou que o ferrolho caísse de nôvo. Sabia agora que a porta se abriria no momento preciso. Isso era suficiente por enquanto.

Esperou pacientemente. Ao cabo de alguns minutos, Rospignac, que estava de pé, desapareceu sùbitamente.

— Eis o que eu esperava! — murmurou Beaurevers, satisfeito. O senhor barão vai fazer de porteiro e introduzir êle próprio os ilustres visitantes... Quanto a **monseigneur** o vidama, eu espero que compreenderá que o menos que pode fazer pelos tais visitantes, é ir recebê-los à escada externa... O que me permitirá entrar sem dificuldade.

Não se enganava em suas conjecturas, Rospignac bem quizera se encarregar de abrir a porta aos Guise, na ausência do porteiro afastado pelas circunstâncias, como todos os outros servidores.

Quando ficou só, o vidama lançou um olhar circular em tôrno de si, para se certificar de que tudo estava em ordem e, julgando chegado o momento, saiu e foi se colocar ao alto da grande escada. E esperou a chegada de seus visitantes numa dessas atitudes de suprema majestade que pareciam naturais nêle.

Era evidente que sua ausência não podia ser longa.

Beaurevers não perdeu um segundo. Abriu suavemente a porta e entrou. Dirigiu-se resolutamente para um reposteiro e abriu a porta que se achava atrás dêle. Encontrava-se à soleira da porta de um pequeno gabinete escuro. Conservou um instante o reposteiro afastado para permitir que as luzes da grande sala iluminassem o gabinete. E estudou a disposição dos lugares. Depressa tomou sua decisão. Monologava:

— "Lá dentro, eu estaria às mil maravilhas para ver e ouvir tudo".

Entrou, deixou cair de nôvo o reposteiro atrás de si e se viu no meio das trevas. Empurrou a porta sem fechá-la completamente, afastou imperceptìvelmente o reposteiro e resolveu a ali passar um dia, o suficiente para ver e ouvir sem trair sua presença.

E sempre assim calmo, extraordinàriamente calmo e frio esperou, com os olhos e os ouvidos à espreita.

Tivera razão de agir sem precipitação, porque um ou dois bons minutos decorreram ainda antes que o vidama voltasse com seus visitantes.

Êsses visitantes eram em número de três: o duque Francisco de Guise, o cardeal Carlos de Lorena e o duque de Nemours.

O vidama caminhava na frente, tendo o duque à sua direita. Atrás dêles, o cardeal em traje de cavalheiro, e o duque de Nemours. Ambos rivalizavam na elegância, a um tempo faustosa e discreta.

Rospignac só, fechava o prestito, pondo-se modestamente, o mais que podia de lado. Mas, o olhar sombrio que êle dardejava sôbre êsses altos e poderosos **seigneurs** que o precediam traía a furiosa inveja, a raiva humilhada que experimentava por se ver relegado ao plano de comparsa sem valor.

Êsses personagens foram tomar lugar nas vastas poltronas dispostas na frente.

O acaso favoreceu Beaurevers para a espreita nesse sentido, porque o duque e o vidama ficaram colocados mesmo ao alcance direto de seu raio visual. De sorte que êle os viu de frente e pôde fàcilmente observar seus menores jogos de fisionomia. O cardeal, pelo contrário, lhe voltava as costas na posição em que se achava na enorme poltrona, cujo espaldar o ocultava completamente. Quanto a Rospignac e ao duque de Nemours, êle não os podia ver. Mas, o que importava a Beaurevers era, sobretudo, entender. E sôbre êsse ponto êle não podia se queixar.

O VIDAMA DE SAINT-GERMAIN

Alguns minutos foram consagrados à inevitável troca de cumprimentos banais. Depois, o duque, que testemunhava uma deferência visível a seu hóspedeiro, rompeu, com certa solenidade:

— Senhor vidama, eu quis em pessoa dizer-vos que acho muito honroso para nós uma aliança com a ilustre casa de que sois o chefe muito respeitável e muito respeitado.

— **Monseigneur** — fêz o vidama, inclinando-se — por mais ilustre que seja, minha casa não saberia marchar de parelhas com a vossa. Quero dizer que considero que tôda honra é para mim e minha casa.

Foi a vez do duque se inclinar, em sinal de agradecimento. Em seguida, disse:

— O casamento projetado do visconde de Ferriére, vosso filho, com Claude de Guise, nossa jovem irmã, deve ser celebrado o mais cêdo possível. Eu ratifico plenamente as diversas cláusulas do contrato, tal como no-lo fizeste submeter por M. de Rospignac, vosso parente. Assim eu rendo uma homenagem merecida à moderação que mostrastes. É mesmo por isso que eu não conservo intactas essas cláusulas, mas ainda farei mais: darei, ao nosso futuro cunhado, o nome das terras que entendo dar a nossa irmã e que se tornarão sua propriedade. Eu sei, senhor vidama, que vossa fortuna é imensa. Alguns dizem que ela é incalculável. Não importa. Creio que ficareis satisfeito da surprêsa que eu vos guardo.

— Quanto a mim — interveio o cardeal, com seu mais gracioso sorriso — eu me reservo, também, fazer minha pequena surprêsa... que não será sem valor, crêde-o bem.

Quais eram ao todo as dotações que os Guise faziam à sua irmã? Isso é questão secundária para nós. É preciso crer, todavia, que elas

deviam representar um valor dos mais apreciáveis, pois que um clarão de satisfação iluminou o olhar ordinariamente grave do vidama, cuja fortuna era imensa, segundo a própria expressão do duque.

Não foi, aliás, senão um clarão muito fugitivo. O vidama não era homem para dar alguma importância a miseráveis questões de dinheiro.

Entretanto, respondeu o pai de Ferriére:

— Esperando que meu filho o faça, êle mesmo, eu desde já devo agradecer a vossa munificência verdadeiramente real. Mas, não vos parece que deviamos, sem mais tardar, abordar questões de um interêsse mais elevado que o dessas questões pessoais de ordem secundária?

— Perfeitamente — aprovou o duque vivamente. É o que devemos fazer.

— Nesse caso — continuou o vidama, com a sua voz grave — eu vou abordar o assunto que nos toca mais ao coração, aquêle que nos reúne aqui.

— Estamos prontos para vos escutar, senhor vidama — disse-lhe o duque, com uma espécie de deferência.

O vidama se recolheu um instante, para começar:

— Sabeis, senhores, que eu sou um crente convencido, sincero, irredutível. Não quero fazer-vos um sermão. Quero apenas dizer-vos que só a fé salvará e regenerará o mundo.

— Nós sabemos — exclamou o cardeal — quais são vossos sentimentos a êsse respeito. Êles são conhecidos de todos. Êles vos valeram mesmo a estima de vossos próprios inimigos.

O vidama agradeceu e continuou:

— É com uma profunda mágua que eu vejo a heresia se implantar neste reino, nesta cidade e, principalmente, nas terras de Mgr. de Bourbon, abade de Saint-Germain, de quem eu sou o braço direito. Por muito tempo eu julguei que se podia, pela dor, reconduzir ao caminho reto as ovelhas tresmalhadas, isto é, fazer voltar, arrependidos, ao seio de nossa Santa Madre Igreja, aqueles que dela se afastaram. Êrro grave que eu devia ter reconhecido. Hoje o mal se estende com uma rapidez assombrosa. Se não queremos que se perca êste belo reino, é tempo de contê-lo na carreira louca em que vai, atraído por êsse mal... É preciso combater êsse mal por todos os meios possíveis... mesmo os mais violentos.

— É essa, também, a nossa opinião — ajuntou, friamente, o duque.

— Eu lancei os olhos a minha volta — voltou a falar o vidama — e vi que poucos homens me pareciam ter essa fé que remove as montanhas, e a vontade sincera, desinteressada, de lutar contra o monstro, e lançá-lo por terra, e vencê-lo. Então eu, que não tinha ambição pessoal, me disse a mim próprio que, desde que sentia palpitar em mim essa fé indispensável, devia sacrificar-me pelo bem, pela salvação comum. E entendo por isso sacrificar meus bens, meus cargos, minhas dignidades, minha vida, tudo... exceto minha honra ou, se melhor quereis, minha consciência. Consciência e honra são, para mim, uma só e mesma coisa. Assim conjecturei e não hesitei em atirar-me resolutamente à luta... E, não podendo agir só... recorri a vós, senhores, a vós...

O homem que assim falava tinha uma gravidade doce, sob a qual se sentia apontar essa inabalável firmeza das convicções fortemente assentadas — êsse homem aparecia como uma espécie de iluminado. Êle podia se enganar, é verdade; mesmo, porém, em seu êrro, por mais horrível que fôsse, se mostrava infinitamente respeitável, porque sua sinceridade não podia ser posta em dúvida um só instante.

O vidama continuou:

— Recorri a vós... Mas, antes de dizer porque, deixai-me dizer-vos em que posso ser útil a vosso partido, se êsse partido se tornar o meu.

Fêz uma pausa, uma pequena pausa e, sem a menor hesitação, como homem que conhecesse a fundo o assunto de que ia tratar, disse:

— Os hesitantes, os timoratos, os descontentes religiosos e políticos, aquêles, enfim, que a ambição, verdadeira ou pretendida, de vossa casa inquieta, formam uma massa impotente. Essa massa não espera senão um chefe para se tornar um partido muito poderoso para vos criar reais dificuldades, numerosos embaraços.

— Sim — fêz o duque, assombrado; — e Antônio de Bourbon, duque de Vendôme, rei de Navarra, por sua mulher Joanna d'Albert — Antônio, eu o sei, não se fará de muito rogado para aceitar e se pôr à cabeça dêsse partido. É isso, eu o reconheço, uma ameaça que não deixa de me causar alguma inquietação.

— Sua Majestade de Navarra — disse o vidama, com uma convicção impressionante, não hesitará um instante em tomar a direção dêsse partido. E quando êle o tiver feito, quer o oculte ou não, será contra vós que êle terá de marchar. Tereis de lutar contra dois par-

tidos: os religionários, dirigidos pelo príncipe de Condé, e os descontentes, ou políticos, dirigidos pelo rei de Navarra. Cada um dêsses dois partidos, tomados isoladamente, poderia ser batido, não sem dificuldade, ficai sabendo. Reunidos, e êles fatalmente se reunirão para vos abater — reunidos, dizia, estareis perdido. Tudo o que podereis fazer será prolongar a luta, tombar gloriosamente... Mas tende como certo de que tombareis inevitàvelmente.

O duque, o cardeal e Nemours se entreolharam em silêncio. Estavam consternados. O que lhes dizia o vidama, com sua voz grave, com uma terrível indiferença, era, infelizmente para êles, rigorosamente verdade.

Depois de tê-los conduzido à beira do abismo, cuja profundidade lhes mostrou, o vidama os arrancou, sùbitamente, à vertigem que caía sôbre êles, ajuntando:

— Vós não ignorais, senhores, que eu disponho de alguma influência. Não é preciso acrescentar que essa influência está tôda ao vosso serviço... desde que eu seja um dos vossos. Por outro lado, creio já ter me expressado suficientemente para que pressintais que se na minha idade, eu me decidi a descer ao combate não é para nêle ficar inativo. Espero e estou disposto a agir com a maior atividade, sem poupar nem meu trabalho nem minhas fôrças. O resultado dessa atividade, que eu desdobrarei a vosso serviço, será que, em pouco tempo, terei reunido a vós a maior parte dêsses descontentes que vêdes prontos a se levantar contra vós. Não digo que todos venham. Não. Mas, o número dêles será diminuído de tal modo, que não restarão senão uma parte insignificante. Sua Majestade de Navarra não consentirá nunca em se colocar à frente de um punhado de descontentes sem dinheiro, sem fôrças, sem coesão, sem nada do que pode constituir um partido. Eis, preliminarmente, o que eu penso, o que estou certo de fazer por vós, o que já me parece apreciável.

— Dizeis que é enorme — exclamou o duque, transportado. Graças a vós, o terreno será notàvelmente desembaraçado. Seria preciso que nós fôssemos verdadeiramente desasados, malgeitosos para não tirar proveito de um favor tão considerável.

— Dissestes, monseigneur — interveio o cardeal, que era todo sorriso — dissestes que podieis fazer isso **preliminarmente**. É, então, que ainda há alguma coisa?

— Com efeito — continuou o vidama. Reduzir os heréticos a suas próprias fôrças, é muito. Mas, é insuficiente, porque essas fôrças, mesmo reduzidas a si próprias, continuarão ainda respeitáveis.

Dividir essas fôrças, é o melhor. Destacando uma notável parte para conduzi-la a vós — eis o coroamento da obra. Se vossas fôrças aumentam à medida que vão diminuindo as do inimigo, o êxito da luta não pode ser duvidoso. E haverá luta séria, apenas? Isso é que é meio duvidoso.

— Isso seria maravilhoso, com efeito, — suspirou o duque, um pouco cético. Infelizmente, para realizar êsse programa, seria preciso uma boa e sólida aliança entre os Bourbons e eu. E isto não me parece realizável.

— **Monseigneur** — disse o vidama, com fôrça — vinte e quatro horas depois de eu ter aderido a vosso partido, **monseigneur** o cardeal de Bourbon se declarará por vós.

— É um efeito moral cujo valor eu não contesto. Mas, não é senão um efeito moral — interrompeu o duque.

— E — continuou, imperturbàvelmente, o vidama — um mês depois, um tratado em boa e devida forma será assinado entre vós e Antônio de Bourbon, rei de Navarra.

— Ah! ah! — fêz vivamente o duque — parece que assim a coisa muda inteiramente. Se acreditais que assim acontecerá...

— Daqui a um mês — interrompeu o vidama, com mais fôrça — daqui a um mês o tratado será assinado. Eu me encarregarei disso. E o asseguro.

Fêz uma pausa e prosseguiu, explicando-se :

— Antônio de Bourbon é um homem sem caráter. Não é um indeciso: é a própria indecisão personificada. Êle podia ser perigoso se tivesse consentido em se deixar governar pela mulher, Joana d'Albert. Mas, tal não se dá. Êles se entendem muito bem. De maneira que êle tem a sua autoridade; pois que venha a vós — e eu repito que disso me encarregarei — e haveis de ter nas mãos um instrumento dócil que podeis manobrar a vosso bel-prazer. Para isso, não precisareis senão falar com o seu irmão mais môço, o príncipe de Conde. Seu irmão que êle inveja, monseigneur, porque se mostra tão ativo, tão turbulento e acrescentemos tão ambicioso que o torna a antitese do rei, indeciso, indolente e desnudo de ambição. Seu irmão que o inquieta e o amedronta, e que o ofusca com a sua superioridade. Superioridade real, de resto.

— Meu irmão — disse o cardeal, insistindo de uma maneira significativa — escutai a voz de monseigneur o vidama. O que êle vos diz é cheio de bom senso.

— Oh! — fêz o duque, com uma certa aspereza, que chegava quase à grosseria; — então julgais que eu não o compreendo!... Mas, é que tudo isso me parece tão belo, que eu não ouso acreditar.

— **Monseigneur** — repetiu o vidama, com uma fôrça de convicção comunicativa — não será assim se o quiserdes.

— Se eu o quiser? Por Deus, podeis perguntá-lo!

Isso era uma explosão. O bravo duque cintilava. Cintilava como os seus dois companheiros: Exultava.

— Entretanto — disse êle — eu vejo muito bem que não vos declareis francamente por nós. Tanto que não dissestes certas coisas que tinheis a dizer. Vejamos, portanto, quais são essas coisas. Talvez assim possamos nos entender melhor.

— Com efeito, **monseigneur,** eu desejo dirigir-vos apenas uma pergunta. Conforme a resposta que derdes, eu serei vosso, ou não o serei.

O DUQUE DE GUISE SE DESMASCARA

Houve um instante de silêncio quase solene.

Os Guise esperavam, com a mais viva curiosidade e não sem inquietude, essa pergunta à qual o vidama emprestava uma tão grande importância. É que havia para êles a ruína ou a realização de seus projetos ou prestigiar à sua vontade, porquanto estavam êles em seus lábios.

Afinal, o vidama exclamou:

— Fala-se muito da ambição de vossa casa. Alguns chegam mesmo a supôr...

Pela primeira vez, o vidama pareceu hesitar em formular seu pensamento com essa franqueza que não cessara de manifestar até ali.

Mas, os Guise haviam compreendido o que êle queria dizer. O duque tomou, bravamente, a frente da acusação que se lhe pretendia fazer. E concluiu, friamente:

— Alguns chegam mesmo a supôr que eu penso em arrebatar a corôa da França em meu proveito. É isso o que quereis dizer, não é verdade, senhor vidama?

— Sim, **monseigneur** — disse claramente o vidama. Era essa a pergunta que eu desejava dirigir-vos. E só depois de me terdes respondido é que eu vos direi se podeis contar comigo, ou não.

— Pois seja — disse o duque, muito calmo. Falemos, portanto, disso, de uma vez.

Levantou-se, deu lentamente alguns passos, com ar pensativo. E refletia:

— "Sob seus modos suaves, êsse vidama é, afinal, um fanático. Para êle, nada existe além de Deus... E quando fala em Deus, quer se referir à igreja. À fôrça de viver em convivência com monges, acabou por se persuadir que Deus ou a igreja é tudo a mesma coisa: servir à igreja é servir a Deus, causar dano à igreja é ofender a

Deus. E o terrível é que êle é sincero em seu êrro. Ora, êsse êrro me serve, a mim... porquanto êle, o vidama, crê que eu também trabalho pelo grande bem da igreja. Sinto que êle está mais ou menos conquistado. Que dizer para o seduzir imediatamente, uma vez que o interêsse ainda não se apoderou dêle?... Santo Deus! Com um homem dessa têmpera, é inútil usar de ardis para o enganar. O que é preciso é a franqueza. Só esta poderá vencê-lo. Por que, pois, não arriscar? Mesmo que não nos entendamos, mesmo que não cheguemos a uma acôrdo, não é possível que êle me vá trair... é bastante digno e honesto para proceder dessa forma".

Tendo tomado essa resolução, o duque voltou a se assentar, e, tomando uma atitude verdadeiramente majestosa, disse:

— E se eu vos dissesse, senhor — que ninguém se engane a meu respeito — que eu tive, de fato, vontade de me apoderar da corôa real para colocá-la sôbre minha fronte — se eu vos dissesse isso, que responderieis?

— Responderia, simplesmente, assim: neste caso, **monseigneur**, eu não serei nunca vosso partidário.

Essas palavras caíram claras, terríveis, cortantes como uma machadada no espírito do duque.

Êste, muito seguro de si mesmo, remexeu em seu gibão e dêle tirou um pergaminho, que desdobrou, explicando-se:

— Fiz dirigir ao atual papa a mesma pergunta que, outrora, o duque Pepino fêz dirigir ao papa Zacharias: "Aquele que tem o poder real de fato, deve tê-lo de nome e carregar a corôa?" E eis aqui a resposta do papa Pio IV, eis aqui a sentença dada pelo representante de Deus, depois de, a respeito, ter deliberado com os cardeais... Tomai, lêde, senhor, e vereis que essa sentença é, sob todos os pontos, conforme a dada outrora. Quem a deu foi mesmo mais longe... Mas, eu não quero que avanceis tanto...

Estendeu o pergaminho aberto, e ajuntou:

— No dia fixado por mim, esta bula será lida, do púlpito, aos fiéis reunidos, à mesma hora, nas cento e cinqüenta e duas mil igrejas e capelas da França.

VIVA O REI!

O vidama, desconcertado, aturdido com tudo o que acabava de ouvir, tomou o pergaminho com o sinal do mais profundo respeito e o percorreu com os olhos. Estava escrito em latim. É de crer que isso não era para embaraçá-lo, porque, depois de ter lido, êle murmurou:

— A casa de Valois inteira declarada indigna de reinar... Francisco II deposto... herege, arrenegado, pôsto fora de tôdas as leis humanas e divinas... Ordem a todos os fiéis para o perseguirem... Indulgências plenárias concedidas a quem o abata como a um animal danado... A êle e a seus diretos, a saber: Carlos, duque d'Orleans; Henrique, duque de Anjou; Francisco, duque d'Alençon... E proclamado rei de França, Francisco, duque de Guise, defensor da igreja, restaurador da fé...

Coisa extraordinária e que não tinham certamente previsto, o duque e o cardeal; essa leitura, em lugar de convencer o vidama, em lugar de o unir completamente a êles, como esperavam os Guise, pareceu perturbá-lo ainda mais e torná-lo ainda mais indeciso do que antes.

Com mão trêmula, o vidama depôs maquinalmente o pergaminho sôbre uma mesa que se achava a seu lado, e o contemplou um instante, como se se negasse a crer no que testemunhava com seus olhos.

A fim de quebrar os últimos escrúpulos que nêle persistiam, o duque fêz, então, arranjando-a à sua maneira, a narrativa dos acontecimentos que, na manhã daquele dia, se tinham passado no Louvre. Insistiu, notadamente, sôbre a violência que lhe fôra feita para quebrar sua resistência e o levar a executar as medidas favoráveis que o rei lhe impuzera. E terminou dizendo:

— Porque eu não tenho necessidade de vos dizer, penso, que, se cedemos, não foi nem pelo receio da desgraça, nem pelo mêdo da morte. Mas, pensei que, se eu caísse, muito sofreria a religião católica que, posso dizê-lo sem falsa modéstia, precisa de meu braço.

— E fizestes bem, **monseigneur**, fizestes muito bem — aprovou, calorosamente, o vidama. Desde que vos ficou o poder, nada está perdido.

Levantou-se, pôs o joelho em terra diante do duque e, com uma voz que a emoção fazia tremer, disse:

— Livre, eu suplico de Vossa Majestade veja em mim o mais fiel e o mais devotado de seus vassalos. Suplico-vos considerar minha pessoa, minha casa e meus bens como lhe pertencendo e dos quais pode dispor segundo vossa vontade, e conforme julgue útil à causa da nossa santa religião. E por isso eu não peço outra recompensa senão a honra de ser o primeiro a saudar Vossa Majestade, com esta exclamação de vitória: "Viva o rei, filho mais velho da igreja!"

A êsse título de Majestade que o vidama lhe dava inopinadamente, uma chama de orgulho purpurejou a fronte do duque, que se levantou, e tomou, de pé, uma atitude de soberana majestade.

E, como que atingidas pelo contágio, sacudidas por uma rajada de entusiasmo, as três testemunhas dessa cena — o cardeal de Lorena, o duque de Nemours e o barão de Rospignac — se levantaram num mesmo movimento, dobraram o joelho e, com a mesma voz vibrante, repetiram:

— Viva o rei!

E todos três pareciam tão sinceros quanto o honesto e digno vidama. E talvez o fôssem realmente, porque uma emoção poderosa se apoderara dêsses cinco homens, sufocáva-lhes a garganta e lhes humedecia as pálpebras...

Essa emoção durou um segundo, talvez dois segundos. O duque levou os dois outros a saborear seu triunfo. Depois da cena imprevista, foi êle o primeiro a falar. Com uma voz mal segura, êle assim começou:

— Levantai-vos, senhores... Eu não esquecerei... eu não esquecerei nunca...

Suspirou fortemente, dessa vez sem emoção aparente, e repetiu, num tom mais imperioso:

— Levantai-vos.

Êles obedeceram. Os quatro se levantaram e ficaram em pé diante dêle. O duque sentou-se, cruzou as pernas e, lentamente, muito frio, falou:

— Não é chegado ainda o momento para me ser dado êsse título supremo que, em breve, me pertencerá. Por enquanto, é conveniente que eu permaneça ainda simplesmente como duque de Guise. Peço-vos que não esqueçais isso, senhores.

Todos se inclinaram, em silêncio. Tinham recuperado seu sangue frio; todos, com exceção do vidama, cuja emoção era ainda visível. E isso se explica, porque era o único que não representava um papel de comedia.

O duque prosseguiu, com uma doçura que contrastava singularmente com sua habitual rudeza:

— Eu não esquecerei o nome dos quatro gentis-homens que foram os primeiros a homenagear em minha pessoa o rei de França. Eu não esquecerei que, entre êsses quatro, vós fostes o primeiro, senhor vidama... Sentai-vos, senhores, e terminemos esta conferência.

Êles obedeceram dòcilmente, salvo o vidama, que julgou dever protestar com o gesto. Mas, o duque repetiu, com mais força, seu convite. E o vidama, diante disso, resolveu obedecer, como os outros.

BEAUREVERS VEM DIZER SUA PALAVRA...

Como se de nada ainda tivesse tratado, o duque prosseguiu a conferência do ponto em que a tinha interrompido. E, dirigindo-se ao vidama:

— Senhor, vós não podeis responder, agora, que o rei favorece a heresia?

— Qual! Não, **monseigneur**.

— Eu vou mais longe: sustento que o próprio rei é um herege. E vou provar-vos. Haveis, fatalmente, de ter ouvido sussurrar por aí que o rei passa a maior parte de seu tempo fora do Louvre, á correr a cidade sob um disfarce.

— Com efeito, **monseigneur**, isso se murmura por aí. Mas, como nunca ninguém pôde descobrir uma prova certa, as pessoas sensatas acabaram por se persuadir de que o vago murmúrio era sem fundamento.

— Foi o que nós próprios supusemos durante muito tempo. O rei tinha, admiràvelmente, tomado suas precauções. Mas, posso dizer-vos, com tôda a certeza, que o fato é, rigorosamente, exato. Acompanhado dêsse miserável aventureiro de quem vos falei, um bandido e salteador que acode pelo nome de cavalheiro de Beaurevers, e que tôda a côrte se espantava e se indignava de ver tão forte no prestígio real — acompanhado dêsse patife, o rei Francisco corre a cidade em aventuras indignas. Êsse Beaurevers, secundado por alguns outros fanfarrões de sua espécie, lhe serve de guarda do corpo.

O duque fêz uma pausa, e exclamou:

— Ouvistes falar do escândalo ináudito que ontem se verificou no Caminho dos Clérigos?

— Oh! não! — exclamou o vidama, constrangido. Eu não me abalei de casa... Mas, o Caminho dos Clérigos é da jurisdição do senhor abade... por conseguinte da minha, e eu examinarei, a êsse respeito, os relatórios que não deixaram de ser feitos e que não me foi possível ainda estudar.

— Nesses, haveis de encontrar coisas bem interessantes, das quais eu vou dar-vos a conhecer o essencial.

Aí, o duque arranjando sempre as coisas à sua maneira, fêz a narração dos acontecimentos que se haviam passado no Caminho dos Clérigos. Terminando, disse:

— E sabei quem é, na realidade, o conde de Louvre?

— Não, mas espero que me fareis a honra de me informar.

O duque não respondeu imediatamente. Êle preparava seu efeito. Afinal, disse:

— O conde de Louvre é o rei Francisco II.

— O rei! — exclamou o vidama, que se levantou perturbado. O rei entre os herejes, cantando com êles seus cantos execráveis! Oh!...

— Sim, senhor — confirmou o duque, com fôrça. O próprio rei. Bem vêdes, portanto, que é razoável que eu possa dizer: o rei é um hereje. É indigno de reinar na França Católica.

Nesse momento, uma voz clara e vibrante lançou no ar, a plenos pulmões, como um formidável fole:

— Estais mentindo, duque!

O raio, caindo com estrondo no meio da nobre assistência, não produziria um efeito comparável ao que produziram essas palavras caindo repentinamente em meio de um silêncio completo.

E três gritos, ou melhor três uivos, que confundiram num só, foram ouvidos:

— Beaurevers!...

— O infernal Beaurevers!...

— O danado Beaurevers!...

Eram o duque, o cardeal e Rospignac que acabavam de lançar êsses gritos. No mesmo instante, todos ficaram de pé, com a durindana em punho. Todos, com exceção do vidama, que não estava armado.

Foi o primeiro movimento que êles tiveram, depois daquelas palavras de desapontamento e assombro. E tudo isso não durou a décima parte de um segundo. Imediatamente depois, um outro grito, um grito terrível, de desespêro feroz, foi lançado pelo cardeal:

— A bula!... A bula do papa!...

Todos se voltaram, então, para a mesa sôbre a qual o vidama tinha depositado êsse papel.

E êsse choque foi um raio, mais terrível que o primeiro, que os fulminou.

A bula já não estava na mesa.

ONDE AS COISAS SE ESTRAGAM...

Vendo-os desembainhar suas espadas, Beaurevers os imitou. Também êle puxou da sua espada, caiu em guarda, vigiou-os com o seu olhar chamejante e aproveitou a espécie de tonteira na qual os mergulhara sua repentina aparição e — catástrofe terrível — o desaparecimento do precioso pergaminho, para se colocar de maneira a poder se movimentar como quisesse. Ao mesmo tempo, explicou, com sua voz mordaz e zombeteira:

— Tranqüilizai-vos, senhores, que êsse pergaminho não desapareceu... Êle está em minhas mãos... É o mesmo que vos dizer que está em boas mãos. Há empenhos para que êle não seja lido no mesmo dia, à mesma hora, aos fiéis reunidos, nas cento e cinqüenta e duas mil igrejas e capelas da França... Mas, ficai tranqüilos, que êle não deixará de ser lido... no Louvre, por exemplo... E eu, senhor duque de Guise, eu, Beaurevers, bandido e salteador, como pensais, digo, diante de todos aqui presentes, digo e repito que mentistes baixamente, covardemente. Que diabo! Assassinai as pessoas para roubá-las à vossa vontade, mas não procureis macular a memória de vossas vítimas.

Sua voz açoitava. Tôda a sua atitude era um insulto e uma ameaça.

Mas, enquanto êle falava, os outros se restabeleciam do choque que os atordoara.

Embora estivesse desarmado, o vidama se atirou à frente do duque a quem defendia com o peito.

Rospignac, Nemours e o próprio cardeal estavam colocados ao lado do futuro rei, embora êste não se sobressaisse precisamente pela bravura.

O duque, com voz rouca, indistinta, falou:

— Estaremos todos perdidos se êste espião sair vivo daqui!

O cardeal, a quem o mêdo fazia tremer, deplorou:

— Que desgraça não têrmos trazido nossa gente para aqui!

Rospignac tranqüilizou, com um sorriso lívido:

— Felizmente, eu sou um homem de precaução: com um simples apito posso fazer aparecer aqui vinte homens.

Isso era murmurando entre alto e baixo, enquanto Beaurevers falava. Já Rospignac levava a mão ao peito para tirar o seu apito. O vidama tinha ouvido as palavras do barão. Voltou-se para o grupo que emoldurava o duque e, como Beaurevers concluísse reiterando seu desmentido, exclamou, em voz alta e inteligível:

— Que ninguém se mexa. Que ninguém chame. Vós estais em minha casa. Sou, portanto, o responsável pelo que vier a acontecer-vos. Sou eu e só eu que tenho o direito de regular êste incidente.

Falava com um ar de tal autoridade, que ninguém se atreveu a se mover e Rospignac não concluiu seu gesto. Todos, mesmo Beaurevers, ficaram ansiosos, à espera do que ia dizer o velho.

Com êsse andar majestoso que lhe era habitual e com essa calma grave e respeitável que raramente o abandonava, êle se dirigiu para o móvel sôbre o qual havia colocado sua espada. Apanhou-a e, com ela em punho, voltou a se colocar diante de Beaurevers atento, e que nem sequer ensaiou um movimento.

— Senhor — disse o vidama, com a sua voz grave, muito firme — vós vos introduzistes em minha casa como um malfeitor...

E como Beaurevers tivesse um gesto de protesto, ajuntou:

— A palavra vos parece dura? Pois eu não encontro outra para qualificar a ação vergonhosa que acabais de praticar, senhor. Repito, portanto: introduziste-vos aqui como um malfeitor. Na ausência da minha gente, eu poderia tratar-vos como tal e vos abater sem piedade. Minha consciência não me reprovaria por êsse homicídio. Mas, tenho piedade de vossa juventude, e vos digo: Devolvei, môço, o pergaminho que, indevidamente, vos apropriastes. Devolvei-o, que nós esqueceremos o fato de terdes surpreendido aqui segredos mortais, que ninguém deve conhecer. E podeis vos retirar livremente. Dou-vos minha palavra.

Beaurevers contemplou por um instante o vidama, com uma estranha expressão onde havia como que respeito, admiração e piedade. E muito calmamente falou:

— E se eu me recusar a fazê-lo?

— Nesse caso — disse o vidama, mostrando sua espada — eu pedirei o julgamento de Deus. E como minha causa é justa, Deus me dará a vitória: eu vos matarei, jovem, isso é que não há dúvida. É melhor assim? Pois seja.

Êle dizia isso com uma imperturbável confiança. Via-se que estava muito convencido.

Pela segunda vez, Beaurevers lançou-lhe um demorado olhar apiedado. Depois, seus olhos se projetaram no grupo formado pelo duque e seus companheiros. E um vislumbre de cólera passou pelo seu claro olhar. Conjeturava:

— Ah! que miseráveis! Abusam assim da honestidade dêsse pobre homem!

O vidama surpreendeu êsse olhar. E, não atinando com a sua significação, disse, dirigindo-se a seus visitantes, num tom de irresistível autoridade:

— Embainhai de nôvo vossas espadas, senhores, e nos cedei campo. É preciso que êsse senhor não possa supôr um só instante que temos a intenção de assassiná-lo.

Os quatro a quem êle se dirigia tiveram um segundo de hesitação. Mas, o duque, com um visível desapontamento, obedeceu, e os outros fizeram o mesmo. E recuaram alguns passos, depois de ter metido as espadas na bainha.

O vidama voltou-se então para Beaurevers e, com uma polidez altiva, exclamou:

— Quando quiserdes, senhor. Estou pronto. Beaurevers sacudiu a cabeça, e repetiu, com a mesma calma.

— E se eu me recusar a bater-me convosco, senhor?

— Senhor — disse, secamente, o vidama — pelo respeito que devo aos meus visitantes e a mim próprio, quis tratar-vos como um homem de coração. Não me obrigueis a lembrar-me que vós vos insinuastes numa casa honesta, numa intenção de vil espionagem. Não me obrigueis a vos dizer...

Beaurevers viu brotar o insulto. E, como não era, naturalmente, muito paciente, interrompeu, muito brutalmente:

— Ah! com os diabos! Desde que não quereis compreender que me repugna cruzar o ferro com um débil ancião... acabemos com isso, de uma vez... E não vos queixeis senão de vós mesmos se algo de desagradável vier a acontecer-vos.

Com um gesto rápido, êle afastou duas poltronas e a mesa. Êsses móveis não o incomodavam de modo algum. Mas, êle precisava es-

tar de olho aberto. As quatro testemunhas enfileiradas atrás do vidama não lhe inspiravam nenhuma confiança. Êles os via muito bem, por traz do pai de Ferriére, de olhos fitos nele. E essa mesa e essas poltronas, por mais frágeis que fossem, podiam servir de trincheira àqueles homens de ar traiçoeiro. Era preciso, portanto, afastá-las.

Os dois homens caíram em guarda: o vidama e Beaurevers. As armas se encontraram. Beaurevers vigiava atentamente o duque e seus companheiros. Não olhava, por assim dizer, o seu adversário, que não contava com aquela resistência.

O duello foi breve. Alguns atritos de ferros, e estava terminado. A espada do vidama, como que arrancada por fôrça irresistível, saltou, descreveu uma curva no ar e foi cair no tapete, a dez passos dos contendores. Entretanto, o vidama passava por fino esgrimista e, apesar de sua idade, era dotado de uma fôrça física das mais respeitáveis. Beaurevers, porém, o derrotou, numa luta leal e muito bem dirigida.

Quando a espada do velho saltou pelo ar, com grande espanto do vidama, que não esperava semelhante infortúnio, Beaurevers, com um respeito visível, se desculpou:

— Deus há de ter verificado, senhor, que eu queria vos poupar essa humilhação. Mas, vós a quisestes absolutamente.

— Recomecemos — disse, friamente, o vidama.

E foi levantar sua espada do chão.

— Desde que seja de vosso agrado, senhor, estou às vossas ordens — disse, polidamente, Beaurevers.

E esperou, com indiferença, a ponta da espada do vidama.

Mas, enquanto o vidama ia apanhar a sua arma, o duque rugia:

— Eu já tinha previsto! Perdemos um tempo enorme e precioso, e êsse espião pode nos escapar. Chamai vossos homens, Rospignac e, esperando que êles cheguem, arremetamos os quatro de uma vez e o liquidemos.

Mal êle acabava de assim falar, quando um apito estridente rasgou o espaço. E o vidama, assombrado e indignado, os viu se lançarem juntos para o cavalheiro, gritando:

— Mata! Mata!

Apenas Rospignac se tinha retardado um pouco para soltar o seu apito. O cardeal, voluntàriamente, se atrazou dos outros. Aconteceu, assim, que o duque de Guise e Nemours foram os únicos que se adiantaram. O duque, violento e colérico por temperamento, co-

locado fora de si pela extraordinária desgraça que lhe sucedia — o duque, diziamos, desesperado e enraivecido em pouco tempo, incapaz de refletir, nem siquer mediu o seu arrôjo e deixou atrás seus três companheiros.

Dissemos que Beaurevers desconfiava. O ataque não o surpreendeu, portanto.

— Em boa hora, duque — exclamou êle — ao menos hoje fazeis vós mesmo vosso trabalho de assassino!

— Miserável espião! — rugiu o duque, louco de raiva. Hás de morrer nas mãos do carrasco!

— É então, que esperais ferir-me vós próprio? — escarneceu Beaurevers.

Entretanto, o duque, em alguns saltos prodigiosos, conseguia aproximar sua grande espada de Beaurevers. Porque os gestos se sucediam com uma rapidez extraordinária. Por mais rápidos, porém, que fossem, não logravam se sobrepôr à rapidez dêste pensamento que cruzava o espírito exorbitante de Beaurevers, que havia compreendido a significação do apito de Rospignac:

— Eu devia ter previsto que Rospignac faria guardar a casa!... Seus asseclas vão cair sôbre mim de todos os lados. E, a menos que haja uma manobra excepcional, eu vou ser aprisionado como uma raposinha inexperiente na toca de coelhos.

Que manobra excepcional? Êle não sabia. Mas, no mesmo instante notou que o duque se adiantava dois ou três passos de seus companheiros. E isso foi uma revelação.

Até então êle tinha esperado o ataque. Abalou por sua vez. Partiu bruscamente com a fôrça impetuosa de um furação. E isso foi o raio que caiu sôbre o duque.

Uma chicotada formidável levantou violentamente a espada do duque, no momento em que êle julgava alcançar Beaurevers com sua arma. No mesmo instante, um pulso, uma tenaz de aço, o segurou pela garganta, o apertou, o puxou, o levantou como uma pena.

Meio estrangulado, o duque soltou um surdo gemido e largou sua espada. Então, mais rápido que o pensamento, Beaurevers tomou sua espada entre os dentes e, com sua mão direita, livre, agarrou o duque pela cintura. Um salto fantástico reconduziu Beaurevers, carregando Francisco de Guise, para trás.

O cavalheiro ergeu o duque, estendeu-o sôbre a mesa, sustentou-o com uma das mãos e, encostando-lhe a ponta da espada na garganta, falou, friamente:

— Um passo mais, um movimento suspeito, e eu enterro a espada, e envio vosso duque para o outro mundo a ver se êle lá encontra corôas para roubar.

Tudo isso era executado com uma rapidez prodigiosa. Êles não tiveram oportunidade de se opôr à hercúlea manobra: não viram senão depois de concluída. Escumando, rangendo os dentes, murmurando injúrias intraduzíveis e terríveis ameaças, êles permaneceram pregados no lugar em que se achavam. Porque compreenderam que, se ensaiassem um movimento, o raivoso Beaurevers não hesitaria em pôr em execução a sua ameaça, e apunhalaria o duque sob as vistas de todos.

O vidama contemplava atônito aquela cena, como um homem que nada compreendesse. Êle não tinha voltado a si do espanto e da indignação que lhe haviam causado aquele traiçoeiro ataque.

O duque, meio privado dos sentidos, se conservava imóvel, rígido como um cadáver.

Beaurevers estava senhor da situação. E, compreendendo que o duque era incapaz de ensaiar um movimento no estado em que se achava, diminuiu seu apêrto e lhe permitiu respirar. Mas a ponta de sua espada não cessou de pesar-lhe na garganta.

Nesse momento, Guilherme Pentecostes e seus homens apareceram na escada exterior. Beaurevers os percebeu imediatamente. E pensou:

— Era tempo!

E, alto, com um sorriso agudo, num tom inquietante, disse:

— Rospignac, eu te aconselho a não deixar entrar êsses patifes aqui.

E Rospignac, que compreendeu a ameaça, quiz avançar, na esperança de dar alguma ordem secreta que, talvez, os tirasse dêsse mau momento.

Beaurevers, porém, não se deixava zombar tão fàcilmente. Por isso saiu do lugar em que estava, ordenando com o seu ar indiferente:

— É inútil mover-se para isso. Teus capangas conhecem tua voz, suponho. Fala-lhes.

E Rospignac, furioso, executou a ordem. Por sua vez ordenou aos seus homens, num tom grosseiro:

— Não entreis, patifes. Esperai minhas ordem no jardim.

E Guilherme Pentecostes e seus partidários cegos e devotados mergulharam sùbitamente na sombra.

Beaurevers teve um fino sorriso de satisfação. E, sempre friamente, exclamou:

— Entendâmo-nos agora. Mas, eu vos advirto: não me fio senão na palavra do senhor vidama.

Essas palavras e o tom desdenhoso com que foram pronunciadas ecoaram como um assovio forte e atordoaram os três personagens a quem eram dirigidas. Não se enganavam, entretanto. A espada de Dámocles sôbre o duque os aniquilava, os alarmava, e enquanto não fôsse afastada lhes era preciso aceitar em silêncio tôdas as humilhações que o vencedor quisesse lhes infligir.

O cardeal voltou-se para o vidama e com os olhos implorou a sua intervenção conciliatória. Expulsando a penosa impressão produzida nele por essa sucessão rápida de acontecimentos desagradáveis, o pai de Ferriére acedeu à súplica muda do irmão do duque de Guise. Apressou-se a declarar:

— Formulai vossas condições, senhor. Em nome dêsses senhores e no meu próprio nome, declaro que elas serão aceitas sem discussão Dou-vos a minha palavra de honra.

— Isso me é suficiente — disse Beaurevers, com o seu mesmo ar de indiferença terrível. Eu vos entrego o vosso duque são e salvo. Em troca, quero sair livremente daqui. O senhor vidama far-me-á a honra de acompanhar-me até a porta do jardim.

— É tudo? — indagou, espantado, o vidama.

— É tudo. Sim, ou não? Respondei, senhor.

— Perfeitamente. Está combinado.

— Pois bem — replicou Beaurevers. Começo eu a cumprir as cláusulas do contrato.

Largou o duque, meteu, tranquilamente, sua espada na bainha e se afastou da mesa, sem mais se ocupar de sua vítima, que tomava fôlego, se endireitava penosamente, passeava um olhar espantado em tôrno de si, voltava lentamente ao sentido das coisas.

Essa indolente bravura suscitou um sentimento de admiração por parte do vidama. Ao mesmo tempo essa prova de confiança dada agradava delicadamente seu coração, que era nobre. Êsse gesto que Beaurevers tinha executado muito naturalmente, sem cálculo induziu uma mudança de resolução no espírito do pai de Ferriére. Êsse moço se tornava para êle um inimigo terrível que era preciso suprimir, é verdade, mas que deixava de ser o vil espião, o ser mais desprezível que a princípio lhe parecera. O que é fato é que, para

agradecer-lhe, êle dirigiu um cumprimento em que já não havia mais essa fria distância, para não dizer desprezível que até alí havia notado.

— Por minha parte, estou disposto a manter minha palavra — disse o vidama. Vinde, senhor.

— Eu vos sigo, senhor — disse, polidamente, Beaurevers.

Saíram.

Logo que a porta se fechou, o cardeal e Nemours se precipitaram para o duque de Guise, a quem se puseram a prestar os socorros que reclamava seu estado. Beaurevers o tinha rudemente segurado, e talvez tivesse apertado a garganta mais do que devia.

Tranquilamente, no seu passo habitualmente lento, o vidama atravessou o jardim em companhia de Beaurevers impassível. E, mostrando o cais deserto, exclamou:

— Eis-vos livre, e eu sustento minha palavra. Ide, jovem, e tratai de vos guardar bem, porque ides vos entender com inimigos, que não vos pouparão. No que me concerne, pedi a Deus que nunca me vindes cair nas mãos, porque eu vos previno lealmente que delas não saireis vivo.

— Mil agradecimentos, senhor — fêz Beaurevers, inclinando-se cortezmente — pela vossa cortezia e pela vossa lealdade.

E com uma certa aspereza na voz:

— Lamento, apenas, por vós, que não creiais dever usar da mesma lealdade para com o vosso príncipe, a quem, entretanto, jurastes leal e fiel assistência.

— Isso, meu jovem — fez secamente o vidama — é um negócio entre minha consciência e eu. Ide, agora.

— Um instante ainda, se é possível, senhor vidama. Antes de transpôr a soleira desta porta, eu tenho coisas importantes e dizer-vos. Serei breve, aliás, não querendo abusar de vossa paciência.

— Senhor, vós estais ainda em minha casa, por consequência sob a garantia de minha palavra. É preciso, portanto, sujeitar-me ao que não posso impedir.

Isso era dito num tom que teria indignado outro que não fôsse Beaurevers. O cavalheiro, porém, não se indignou. E falou, apesar de tudo:

— Por convicção religiosa, vós estais ao serviço dos Guise. Eu, por pura amizade, estou a serviço do rei... dêsse rei a quem odiosamente se difamou aos vossos olhos com o fim único de vos fazer aceitar uma traição que vossa honestidade natural teria, sem isso,

repelido com indignação. Êsse rei, eu estou disposto a defendê-lo com tôdas as minhas forças. E pudestes ver que eu não receio expôr-me por êle. Fiz o juramento solene de também defender-lhe o trono enquanto êle vivesse. E isso hei de fazer. A coisa há de ser assim. Quer dizer que vosso duque jamais será rei de França... Não se deve crer, senhor, que ajo assim em nome e sob a ordem do rei. Não e não! Ajo assim porque isso me agrada, porque assim quero agir. E o rei ignora o que faço por êle. Desagradar-me-ia soberanamente — porque muito vos estimo — que pudésseis supôr que eu iria denunciar-vos. Dou-vos minha palavra que o rei de nada saberá por meu intermédio. Não m'o crêdes? Vou dar-vos uma prova disso.

Remexeu no seu gibão e dêle retirou a bula, que estendeu aos olhos do vidama, dizendo:

— Reconheceis êste pergaminho?

— Ora!... sim...

Beaurevers abaixou-se e apanhou uma pedra. Pôs a pedra no meio do papel e fez uma bola de tudo.

O vidama, intrigado, contemplava-o sem dizer palavra.

— Agrada-vos ir comigo até a beira d'agua? — perguntou Beaurevers, quando a operação estava terminada.

E, sem esperar resposta, saiu. Mais intrigado ainda, começando a prever o que se ia produzir, o vidama o seguiu pelo cais.

Com braço vigoroso, Beaurevers atirou a bola longe, dentro d'agua. Ouvia-se um **plonk**, a água esguichou e a bola desapareceu no rio.

— Aí está, senhor — disse, friamente, Beaurevers. Essa bula não poderá servir ao duque, e é o que eu queria. Estais, agora, seguro de que ninguém a verá: nem o rei nem outros. Adeus, senhor vidama.

E Beaurevers partiu serenamente, deixando o vidama cada vez mais atônito no meio do cais.

COMO TERMINOU A AVENTURA PARA BEAUREVERS E SEUS COMPANHEIROS

O vidama de Saint-Germain permaneceu um instante imóvel no meio da calçada do cais, olhando pensativo e espantado a alta silhueta de Beaurevers que se afastava na direção da ponte Saint-Michel.

Quando não o viu mais, soltou um suspiro, e murmurou:

— Êsse moço tem maneiras verdadeiramente desconcertantes.

E, todo pensativo, entrou em sua casa, fechou a porta e passou os ferrolhos.

. . . . . .

Logo que a porta da residência do vidama foi fechada, Beaurevers, que parecia ter o dom de ver pelas costas, fez meia volta e foi, novamente, se deter diante dessa porta.

Parecia procurar alguém ou alguma coisa. Com efeito, êle procurava seus companheiros, que se admirava de não mais encontrar onde os tinha deixado. E, com um começo de impaciência, murmurou:

— Onde estarão, então, êsses patifes? Aonde terão ido?

Assobiou docemente entre os dentes.

Mais longe, na cimeira do muro do jardim do visconde, uma cabeça apareceu. Depois duas, três, quatro... Em seguida os corpos se mostraram e, suavemente, se deixaram cair no cais.

Antes mesmo de tê-los visto, advinhou as figuras de Bouracan, Strapafar, Corpodibale e Trinquemaille.

Em algumas passadas, estava reunido a êles, com quem conversou à beira do rio, lá onde se achava amarrada a sua canôa. Enquanto caminhava, os repreendia num tom de enfado:

— Então, patifes, vós desertastes do posto que vos confiei!... Que fostes fazer naquela honesta casa?... Com que direito vos permitistes fazer isso?... Respondei, beberrões, celerados!

Foi Trinquemaille quem, piedoso e contrito, se encarregou de explicar essa extraordinária desobediência, que espantava o cavalheiro e o punha fora de si.

A explicação era, aliás, muito simples. Ei-la:

Os leitores estão lembrados de que Trinquemaille e Bouracan tinham ficado de sentinela diante da porta da casa da rua da Rondele, enquanto que Corpodibale e Strapafar permaneceram diante da porta baixa do cais des Augustins.

Strapafar e Corpodibale nada tinham notado de extraordinário e insólito, porquanto pessoa alguma entrara ou saira por lá.

O mesmo não havia acontecido com Trinquemaille e Bouracan. Primeiro, êles viram chegar os Guise e Nemours. A porta estava aberta antes. Lembram-se os leitores que era Rospignac quem fazia as vezes de porteiro, afastado pela circunstância. Os dois companheiros de Beaurevers não se tinham movido do lugar.

Mas, quando os três visitantes noturnos entraram, Rospignac tardara alguns minutos em fechar a porta. Ora, essa porta, êle não a tinha fechado. E, pondo a cabeça do lado de fora, com um movimento dos lábios, o barão assobiara uma leve modulação. Após o que, entrara e, com algumas passadas, fôra se reunir aos Guise. Deixara a porta entreaberta atrás de si.

Isso parecera suspeito aos dois companheiros escondidos num buraco.

Fôra bem pior se êles alí permanecessem: porque, após o assobio discreto de Rospignac, êles viram uns vinte homens escorregarem, um após outro, até a porta da casa e fechá-la sem ruído.

Bouracan era incapaz de um reflexão. Estava alí simplesmente para vêr. Tomava nota do que via afim de o repetir conscienciosamente a seu chefe.

Eis tudo. Não era, pois, necessário mais nada.

Trinquemaille era, porém, parisiense, franco, astuto, desembaraçado e vivo. Essa entrada clandestina de tantos bandidos, armados até os dentes, chamados pelo barão de Rospignac, dirigidos por Guilherme Pentescontes — essa entrada tinha feito desconfiar e refletir.

Êle não sabia nada mais do que sabia o seu companheiro. Sabia, entretanto, o suficiente para compreender que êsse acontecimento não tinha sido previsto por Beaurevers. E, de reflexão em reflexão, chegara à conclusão de que êsse negócio cheirava a emboscada. E, em seu espírito, essa emboscada não podia visar senão o senhor cavalheiro.

Não hesitara, portanto. Atraíra seu companheiro ao cais, e se fôra reunir a Strapafar e Corpodibale, a quem explicara o que se passava. O que, aliás, Bouracan, por falta de inteligência, deixara de fazer.

Houve um breve conselho de guerra entre os três homens. E o resultado dêsse conselho fôra que êles tinham transposto o muro e saltado ao jardim, onde estavam tão bem escondidos, sem que Guilherme Pentecostes os tivesse descoberto, nem mesmo Beaurevers os adivinhara.

— Compreendeis, senhor cavalheiro — desculpou-se Trinquemaille, terminando — desde que lá nos encontrávamos para velar, para observar atentamente, podíamos fazê-lo tanto do lado de dentro como de fora.

— **vivadiou!** — apoiou Strapafar. Eu vos peço que acrediteis se estava de olho aberto. Sobretudo quando vimos os capangas mal encarados dêsse bandido que se chama Pentecostes se insinuarem pela pequena escada. Ah! se nós lhes puséssemos as mãos! Se lhes caíssemos em cima! Estariam **fritos!**...

— **Si, Dio birbante!** — ganiu Corpodibale. **A gente se dizia:** "Atenção, que vai chover pedras"! Mas não houve nada, **pecato!**

— É — rugiu Bouracan — não houve nada. Mas, a gente estava lá, e velava, velava...

— Então — disse Beaurevers, comovido — estáveis lá? Ao alcance de minha voz?...

— Perfeitamente, meu chefe! — balbuciou Trinquemaille, que ia cada vez mais perdendo o medo.

— Ah! patifes! — exclamou Beaurevers, que fingia estar irritado. Então julgais que eu não sei tratar sòzinho dos meus negócios?... Estais a merecer...

— Ah! senhor! — suplicou Trinquemaille, entalado. Bem vimos que tínhamos feito uma asneira. Quando vos ouvi dizer: "Rospignac, eu te aconselho a não consentir que êsses patifes entrem aqui!" quando ouvi o barão gritar: "Não entreis, patifes!"; quando vi os

homens de Pentecostes desfilarem de cabeça baixa como cães açoutados e escorraçados — eu lhes disse: 'O senhor cavalheiro é capaz de agarrar o próprio Satanaz pelos cornos e fazê-lo curvar-se à sua pessoa, tanta é a sua coragem...'"

E, por fim, com uma insigne má fé:

— Tudo isso não se teria dado se não fôra Bouraçan!...

— É... é — confirmou Strapafar, apoiando a manobra de seu camarada. Bouracan foi culpado de tudo isso. Eu achei que devia dizer-lhe alguma coisa, que devia censurá-lo, e o fiz, mas êle não ligou...

— Êle nada quiz ouvir — interrompeu Corpodibale, que estava rôxo para servir também de testemunha e fazer o seu depoimento, aliás tão falso quanto o de seus companheiros.

E os três, em côro:

— É um indivíduo ruim, êsse Bouracan!... E teimoso como êle mesmo...

Diante dêsse concêrto de reprovação, o infortunado Bouracan exclamou, espantado, sufocado:

— Eu?!...

E de uma vez, sem parar, soltou a sua carga:

— Mentirosos! Bandidos! Bêbedos! Cães! Víboras! Porcos!... Que o diabo vos leve! Que a febre vos mine! Que a febre vos aniquile! Que tenhais um fim trágico!...

— Vamos, deixemos disso — atalhou, apaziguando, Beaurevers, que ria a bom rir. Então, fôste tu, meu bravo Bouracan, fôste tu que arrastaste teus camaradas?...

— Por Deus, por Deus! — berrou Bouracan, desvairado, sem que fôsse possível distinguir se protestava ou confessava.

— Nesse caso — prosseguiu Beaurevers, fingindo uma grande seriedade — como teu devotamento e tua inteligente iniciativa merecem uma recompensa, trás o direito, preliminarmente, a duas garrafas a mais do que teus camaradas. E escolherás o vinho que mais te agrade.

Os quatro bravos não esperavam por semelhante decisão. Beaurevers, que se deleitava como um bemaventurado, os observava com o canto do olho. E ria discretamente do ar lastimoso e desconfiado dos senhores Strapafar, Corpodibale e Trinquemaille, vítimas de sua má fé, e cujo nariz se alongava desmesuradamente.

Quanto a Bouracan, êle exultava. Aceitava cìnicamente os elogios e a recompensa. E, tão cheio de má fé como seus companheiros, êle triunfou sem moderação:

— E vós não tereis uma gota dessas duas garrafas! — exclamou, dirigindo-se aos seus três camaradas. Isso vos acontece, velhacos, por não terdes querido escutar-me quando eu vos dava um bom conselho e quando se tratava do serviço do senhor cavalheiro.

Aí Beaurevers não pôde mais: rebentou. Pôs-se a rir alto, diante do espanto dos outros. Vendo isso, os três também estouraram de riso e se agitaram tanto que estiveram a ponto de virar o barco em que entraram.

Enquanto manejavam vigorosamente os remos e o barco deslisava pelas águas do rio, Beaurevers se lamentava, com um suspiro de pesar:

— "Se eu soubesse que êles estavam tão perto de mim, teria passado entre os capangas de Rospignac e teria arrebatado o Guise!..."

Menos de meia hora mais tarde, estavam de volta à casa da rua Froidmantel.

Beaurevers, cuja jornada, naquele dia, fôra bem longa, atirou-se ao seu leito onde não tardou em adormecer.

Quanto a Trinquemaille, Bouracan, Corpodibale e Strapafar, êles se abancaram diante de um formidável número de garrafas enfeitadas com rações destinadas a fazer companhia ao vinho... no estômago...

Bouracan — disse Trinquemaille, esvaziando um enorme copazio — tu tens direito a duas garrafas mais do que nós.

— Já sei, com os diabos! E vós não tereis nem uma gota dêsse vinho... Nem uma gota...

— Já o dissestes — interrompeu Trinquemaile, grosseiramente. Terás tuas duas garrafas... Sim... Mas, não as poderás beber... Ouvistes?... Não as poderás beber.

— Que?! Não as poderei beber?! — rugiu Bouracan, irritado. E porque? Quem m'o poderá impedir?...

— Ninguém. Mas, não beberás, compreendes? Aposto como não beberás.

— Por que?

— Porque te fartarás antes e te embriagarás, explicou Corpodibale.

— Que me fartarei! que me embriagarei! — vociferou Trinquemaille. Quer fazer a aposta? Queres?...

— Faço, sim!

Os três outros declararam, sentenciosamente, e com uma harmonia perfeita:

— Então, seremos nós que beberemos as duas garrafas, amanhã. Porque tu perdestes, antecipadamente, a aposta.

— E nós não te cederemos uma só gota do vinho...

— Nem que estejas a morrer de vontade...

E êles se puseram a beber com delírio, enquanto o simples e ingênuo Bouracan torturava o cérebro para compreender como se lhe poderia impedir de beber duas garrafas de vinho às quais tinha direito, segundo a decisão do senhor cavalheiro.

Ninguém o impediu. Mas, perdeu a aposta. E da maneira mais simples possível: tôda vez que êle esvaziava uma garrafa, os outros se apressavam em desarrolhar uma cada um.

Apenas, ao cabo de duas horas dêsse pequeno divertimento, estavam todos quatro bêbedos de morte. Adormeceram mesmo nas suas cadeiras e rolaram promiscuamente para baixo da mesa, onde ficaram de ventre para o ar. E em breve roncavam todos quatro como surdos. Se e que um surdo tenha o privilégio de roncar mais forte que o comum dos mortais...

FERRIÉRE VEM A TER CONHECIMENTO QUE ERA, SEM O SABER, NOIVO DE UMA OUTRA QUE NÃO A QUE ÊLE AMAVA...

Todo pensativo, o vidama de Saint-Germain se encaminhou para sua casa. As palavras de Beaurevers repassavam em seu espírito, e êle se sentia perturbado, por mais que quisesse se conservar calmo.

Quando passava nas priximidades de uma da três portas que faziam comunicar seu jardim com o de seu filho, essa porta se abriu e um vulto apareceu.

— Sois vós, visconde? — perguntou êle.

— Sim, senhor — respondeu a voz de Ferriére.

O jovem visconde se aproximou, respeitosamente, de seu pai. Êste o inspecionou dos pés à cabeça. E seu olhar traía a inquietude paternal.

Ferriére parecia preocupado, inquieto. Nada nêle, nem em suas vestes, indicava que sustentara uma luta recente. Parecia em excelente saúde. E isso acalmou o pai. Apenas, êsse sentimento de inquietude passou tão ràpidamente pelo rosto do vidama, que o visconde, aliás aparentemente, não o notou.

— Então, visconde — disse o vidama — é a esta hora que vindes! Quando eu vos recomendara que estivesses lá às oito horas, o mais tardar...

— Senhor — respondeu Ferriére, perturbado — castigai-me. Eu o mereço. Confesso que esqueci inteiramente a ordem que me destes. Confesso que essa ordem só agora me volta à memória... porque vós me lembrais.

— É possível, portanto, que vos tenha acontecido alguma coisa de bem grave. Porque eu reconheço que sois, ordinàriamente, respeitoso e obediente às ordens paternais.

— Com efeito, senhor, me ocorreu alguma coisa de grave.

— Nada de funesto, eu espero.

— Nada, senhor: tranqüilizai-vos. E é por vos falar destas coisas que, apesar da hora avançada, vinha suplicar-vos conceder-me o favor de uma audiência particular.

Ferriére parecia comovido. Essa emoção não escapou ao olhar atento do pai. E de nôvo a inquietude penetrou no espírito do vidama. Seu rosto, porém, não mudou de expressão. Sua atitude se conservou como estava: um pouco séria e distante.

Entretanto, não fêz nenhuma das exprobações que Ferriére esperava receber. E consentiu assim:

— Seja, meu filho. Podeis falar quando entendais... mas depois que hajam partido os visitantes que se acham em minha casa. Porque eu recebi a visita de ilustres personagens. E era prevendo essa visita que eu vos recomendara estar lá. Vinde, visconde.

E levou Ferriére, a um tempo intrigado e aborrecido.

A entrada de Ferriére em tais circunstâncias passou completamente despercebida. E isso se justifica.

O duque de Guise parecia completamente voltado para a recordação do ataque furioso e imprevisto de Beaurevers.

— Senhor — disse êle logo que o vidama reapareceu na sala — esperávamos a vossa volta para combinarmos acêrca das medidas que convém tomar, que devemos tomar.

— A que respeito, **monseigneur**?

— Ora... a respeito dêsse bandido, que o diabo carregue. Vós deveis pensar bem que êle não deixará de, imediatamente, ir nos denunciar. E, como, infelizmente, êle levou consigo a bula do papa, possue uma arma terrível contra nós.

— Tranqüilizai-vos, **monseigneur**, que essa arma já não existe.

— Então, lha arrebatastes? — indagou vivamente o duque, espantado, ansioso.

— Não, **monseigneur**, mas êsse môço se desfêz dela por suas próprias mãos — respondeu o vidama.

E, contou, em poucas palavras, como Beaurevers tinha arremessado a bula ao rio.

Sabendo que Beaurevers não possuía mais a bula, prova irrecusável de seus artifícios tortuosos para extorquir a corôa de França, os Guise se sentiram como que aliviados do pêso enorme que os oprimia. O duque retomou seu ar amável. Só então lhe pareceu notar a presença de Ferriére.

— Não é o visconde, vosso filho, que eu vejo lá? — disse, com um gentil sorriso. E por que diabo se conserva êle afastado?

— Deixei o visconde de lado porque compreendi que esperáveis de mim informações que, na incerteza em que estáveis, tinha uma importância que supera tudo.

— E eu vô-lo agradeço, senhor. Mas, agora, creio que podemos com tôda a tranqüilidade de espírito, regular êsse negócio de família que vos toca particularmente ao coração, segundo me dissestes.

O vidama, com essa franqueza tão notável nêle, não se deu ao trabalho de dissimular a alegria que lhe causavam essas palavras. E, dirigindo-se ao filho, disse:

— Visconde, fazei vosso cumprimento ao senhor duque de Guise que, em breve, será reconhecido como legítimo rei de França. E agradecei-lhe a insigne honra que vos quer dar, concedendo-vos a mão de mademoiselle Claude de Guise, sua irmã.

Essas palavras caíram sôbre o amoroso Ferriére como uma formidável cacetada. Pareceu-lhe que o teto desmoronava sôbre sua cabeça. E êle cambaleou. E teve um gesto de loucura, e permaneceu aniquilado, sem voz.

Só Rospignac, que o observava com uma satisfação feroz, compreendia o que nêle se passava.

Quanto aos Guise, êles se espantaram, chegariam quase a se escandalizar se alguém lhes dissesse que não se podia mostrar encantado e honrado de entrar na sua família. O embaraço do jovem visconde foi interpretado por êles, pelos Guise, como uma conseqüência da surprêsa e da alegria que lhe causava uma tão grande honra. E o duque, que tinha necessidade de terminar com um negócio de mínima importância para êle, se apressou a anunciar a sua surprêsa.

— E, pelo que ficou entendido entre nós, prestai atenção, eu vos peço; o nôvo casal terá como sua propriedade, que poderá passar aos herdeiros, minha terra de Nanteuil, que se compõe de cinqüenta e quatro mil alqueires e que tem título de condado. Mais tarde, veremos se é possível fazer melhor.

— E eu — declarou o cardeal — eu dou, igualmente, minha terra de Chevreuse, que tem dignidade de ducado.

— Monseigneur — fêz o vidama, radiante — vós sois de uma generosidade verdadeiramente real.

A dupla oferta era, com efeito, real... É verdade que não custava caro aos Guise: quatro anos antes, o duque Francisco, por ameaças e violências, tinha obrigado a viúva de Henrique de Lénoncourt a

ceder-lhe o condado de Nanteuil, e isso em prejuízo do filho menor da viúva. A terra de Chevreuse também nada custara ao cardeal, que a confiscou à duqueza d'Etampes com a maior parte dos bens que lhe haviam sido dados pela liberalidade de seu real amante Francisco I.

O duque se apressou em voltar aos seus próprios negócios, que lhe pareciam diversamente importantes. E conversou com o vidama sôbre o que contava fazer para levar o rei de Navarra a abraçar o seu partido.

O vidama não deu grandes explicações. Ainda uma vez, porém, assegurou que respondia pelo bom êxito e que, finalmente, os teria ao corrente da marcha das negociações que ia encetar o mais cêdo possível. E como os Guise tinham uma grande confiança em sua palavra, deram-lhe plenos podêres para agir em nome dêles.

Questões diversas foram discutidas, planos preparados, resoluções tomadas. Tudo isso, naturalmente, visava a destruição da heresia e a vitória da causa dos Guise.

Falou-se apenas do rei. O duque compreendia confusamente que, sôbre êsse assunto escabroso, fôra imprudente pedir o concurso do vidama. Tinha-se levado a considerar como natural o que, para chamar as coisas pelo seu verdadeiro nome, era um assassinato. Fôra perigoso convidá-lo a participar dêsse assassinato.

O duque se contentou a dizer, incidentemente:

— Quanto a Francisco II e seus herdeiros diretos, como pudestes ver pela leitura da bula que êsse miserável aventureiro destruiu, êles foram condenados pelo soberano pontífice que, para nós, bons católicos, é o representante de Deus. (E insistia nessas palavras que êle sabia de natureza a impressionar o ouvinte). Êles estão mortos. Não falemos mais disso.

Ferriére, que de nôvo se pusera de lado, escutava tudo isso com um espanto grandioso. Suas surprêsas não tinham acabado.

Tudo arranjado, os Guise se levantaram para se retirar.

No último instante, lembrando-se repentinamente de alguma recomendação que tinha esquecido, o duque exclamou:

— A propósito, senhor: não deixeis de me avisar se descobristes o nome do homem que, ontem, tão desastradamente, favoreceu a fuga do conde de Louvre e dêsse Beaurevers.

Êsses dois nomes, atirados bruscamente no silêncio da sala, soaram no espírito de Ferriére como um trovão. Não havia dúvidas sôbre as intenções do duque: elas estavam longe de ser benévolas.

Ferriére entreviu, repentinamente, a possibilidade de se subtrair a uma união que lhe parecia cada vez mais odiosa. E não hesitou em dizer, intervindo inesperadamente:

— Perdão, senhor, mas vós falais, sem dúvida, do conflito da rua des Marais, não é assim?

— Exatamente.

— O homem que procurais, se não me engano, é o que acertou em fazer passar às duas pessoas que acabais de referir, uma corda que lhes permitiu se livrarem da perigosa situação em que se encontravam?

— Perfeitamente — exclamou vivamente o duque. Conhecei-o, porventura?

— Conheço-o — declarou, gravemente, Ferriére. Sou eu.

E, embora compreendesse que a situação era grave, não pôde reprimir um sorriso vendo a surprêsa atordoadora e profunda das pessoas que o escutavam.

O duque voltou sôbre seus passos, e contemplou o vidama com em fazer passar às duas pessoas que acabais de referir, uma corda tual. Apenas seu rosto conservou uma expressão de contrariedade muito viva. E, respondendo à muda interrogação do duque, disse:

— Se quiserdes, senhor, vamos tirar a limpo êsse negócio, vamos esclarecê-lo, sem mais tardar.

— Eu ia pedir-vos isso.

O vidama voltou-se para Ferriére, que esperava impassível e, com ar severo, exclamou:

— Como, visconde, então socorreis herejes, prestando-lhes auxílio, dando-lhes meio de escapar à perseguição dos arqueiros que os queriam prender?! Isso é, positivamente, estranho.

A surprêsa que essas palavras causaram a Ferriére se manifestou de uma maneira muito visível em seu rosto. O pai notou essa expressão, cuja sinceridade não podia ser posta em dúvida, e lançou ao duque, que compreendeu e aprovou com um ligeiro sinal de cabeça, um olhar que queria dizer: "Vêdes!"

Entretanto, Ferriére respondia:

— Não compreendo nada do que me fazeis a honra de dizer, senhor. Fui em auxílio do conde de Louvre e do senhor cavalheiro de de Beaurevers, porque êles são meus amigos. Eis tudo.

— Conheceis o conde de Louvre? — perguntou o vidama.

— Tenho a honra de vos dizer que êle é um de meus bons amigos.

O vidama e o duque trocaram algumas palavras em voz baixa. E o vidama prosseguiu, desembaraçadamente:

— Que homem é êsse conde de Louvre?

E todos êles analisaram profundamente o rosto franco e aberto do visconde, procurando nêle descobrir alguma coisa sôbre a identidade do conde de Louvre.

Com a maior naturalidade dêste mundo, Ferriére respondeu:

— Mas... é um gentilhomem de minha idade, aproximadamente, de excelente casa, muito rico, um bravo e gentil companheiro. Aliás, posso vos assegurar que, como nós, êle pertence à religião católica. Tanto êle como o senhor de Beaurevers.

O vidama lançou ao duque um olhar que queria dizer:

— "Êle não sabe".

E o duque respondeu por um outro olhar:

— "Deixêmo-lo ignorar".

Efetivamente, Ferriére não sabia. Mas, começava a ter suspeitas, aliás imprecisas e ainda vagas.

O vidama prosseguiu seu interrogatório. Porque era um verdadeiro interrogatório que êle fazia a seu filho.

— Está bem — disse êle. Nada tenho a dizer contra o conde de Louvre que, com efeito, é de muito boa casa. Mas, êsse Beaurevers? Sabei, visconde, que êste é um aventureiro temível, equívoco e que se diz sem escrúpulos. Ignorais por acaso isso?

— Estais mal informado, senhor — protestou Ferriére, com uma calma comunicativa. Beaurevers! Mas, êle é a lealdade, é a bravura, é a generosidade mesma! Não conheço caráter mais nobre, mais elevado que o seu!

— É, então, o mesmo de quem me falaste? o mesmo que desejais apresentar-me?

— O mesmo, sim, senhor. E admiro-me que pareceis tê-lo esquecido, porque sei que tendes boa memória...

— Eu não o tinha esquecido, mas pensava que se tratava de um outro Beaurevers. A descrição que me fizestes parece tão pouco com o que vimos...

— Em todo o caso, não tendes o direito de falar mal dêle. Porque, sabei, senhor, que se vosso filho ainda está vivo, é a Beaurevers que o deveis.

— Mas, não me tinheis dito isso! — exclamou o vidama, com voz comovida.

— Julguei inútil vos inquietar, senhor — explicou Ferriére, com uma grande doçura.

— E, — prosseguiu o vidama — sois vós devedor de um serviço tão assinalado também ao senhor conde de Louvre?

— Não, senhor — sorriu Ferriére. É inteiramente o contrário.

— Quereis dizer que fostes vós quem salvou a vida de M. de Louvre?

— Eu lhe prestei um ligeiro serviço — fêz Ferriére, embaraçado.

— Que serviço? Não podeis precisá-lo?

— Para que, senhor?

— Para alguma coisa, visconde. Bem deveis pensar que eu tenho boas razões para exigir de vós a verdade em seus menores detalhes.

Ferriére compreendeu que não podia se esquivar à narração que se lhe pedia com tanta insistência. E expôs como tinha feito conhecimento com o conde de Louvre indo em seu socorro no momento em que êle ia sucumbir na emboscada que Rospignac lhe tinha preparado à porta de Nesle.

Apenas fêz essa narração muito sòbriamente, ocultando, com uma encantadora modéstia, o verdadeiro papel que tinha desempenhado nesse caso. Pelo contrário, se mostrou condescendente em excesso a respeito da intervenção de Beaurevers nesse mesmo caso.

Há de se pensar que essa narrativa foi escutada com uma atenção apaixonada por todos. E isso é verdade. Rospignac, porém, a ouvia particularmente interessado. Quando o visconde tinha terminado, o duque, com ar melancólico, disse:

— De maneira que duas vêzes, em alguns dias, o conde de Louvre vos terá devido sua vida.

E fixando o vidama com uma insistência significativa, acentuou, entre alto e baixo:

— Há dessas fatalidades.

— Senhor — disse o vidama, respeitosamente, mas com firmeza — é preciso reconhecer que, nessas duas circunstâncias, o visconde agiu como um bravo e leal gentilhomem que é.

Ferriére esperou com ansiedade a resposta do duque. Depois da confissão que acabara de fazer, esperava que os Guise iam se desprender, rompendo a união projetada.

Notou bem que os Guise lhe arremessavam olhares furiosos, quase odientos. Entretanto, o duque concordou com as palavras do vidama, e disse:

— Com efeito, senhor, e por mais deploráveis que fôssem êsses acontecimentos, não saberíamos responsabilizar o visconde por êles.

Sôbre o casamento não disse uma palavra. Do que se concluiu que nada do que dissera Ferriére trocara o resolvido.

Os Guise não tinham mais nada a fazer em casa do vidama. Pediram, portanto, licença. O próprio vidama, com uma vela na mão, os precedeu. Não agiu assim senão por causa do rei. Para êle o duque Francisco de Guise era agora o verdadeiro rei. Por isso é que fêz tudo aquilo. Homenageava o rei, só o rei.

Rospignac pediu licença a seu parente o vidama. Queria, segundo declarou, aproveitar a amável e honrosa companhia dos príncipes para voltar a sua casa. O vidama compreendeu muito bem que isso não era senão um pretexto. Mas fêz que acreditava nas palavras do barão, e não hesitou em lhe dar licença. Mesmo porque não esquecêra que seu filho lhe solicitara uma audiência particular e, além disso, desejava êle próprio obter certos esclarecimentos.

Êle não estava enganado quanto ao resto, porque Rospignac, logo que se viu na rua, se aproximou do cardeal e lhe disse baixinho, ao ouvido:

— **Monseigneur,** não vos parece que se poderia tirar partido dessa amizade que une o visconde de Ferriére, o conde de Louvre e Beaurevers?

— Ah! ah! — fêz o cardeal, interessado. Tendes alguma boa idéia, Rospignac?

— Por enquanto nada, **monseigneur,** mas creio que a terei dentro em pouco.

— Pois bem: quando a tiverdes achado, não deixeis de vir ver-me, a fim de expôr-me a vossa idéia.

— Espero, **monseigneur,** que isso se dará brevemente...

O PAI E O FILHO

O vidama voltou à sala, tomou lugar pausadamente em sua grande poltrona e contemplou um instante seu filho, em silêncio.

— Visconde — disse, por fim — sabei que, vendo-vos assim tão triste, eu julgo não ser de vosso agrado êsse casamento...

— E não vos enganarieis nada, senhor — confessou sinceramente Ferriére.

— Então êsse casamento não vos convém? — indagou o vidama, estupefacto.

— De modo algum — repetiu Ferriére, com mais fôrça.

— Por quê? Vejamos. Falai. Explicai-vos.

— Uma bastarda, senhor... Porque mademoiselle Cláudia não é senão uma bastarda... Filha espúria!...

— Legitimada, visconde, não esqueçais, legitimada pelo falecido duque Cláudio antes de sua morte.

— Eu não a conheço, nunca a tinha visto, não a amo... e sinto que a detestarei, se fôra obrigado a recebê-la por minha mulher. Por minha mulher!

O vidama olhou seu filho com êsse ar de comiseração um pouco espantado que se toma diante de uma pessoa que divaga. E disse-lhe:

— Falais como uma criança que não sabe nada da vida. Há necessidade de se conhecer para se amar? Pois se fôsse assim eu não amava a senhora sua mãe. Nunca nos víramos até quando nos casamos. Inclinâmo-nos diante da decisão dos nossos pais. E nossos pais tomaram essa decisão quando entenderam. O amor veio mais tarde.

— Meu coração está ocupado, senhor. Já não me pertence. Dei-o uma vez e não posso mais dispôr dêle. Amo, senhor, amo alguém que não é mademoiselle Cláudia. Compreendeis. E era para vos dizer isso que eu vos tinha pedido conceder-me uma audiência. Amo, senhor, e nesse amor botei a esperança de minha vida. Amo e, infelizmente sou, sinto-o, sou dos que só se dão uma vez na vida. E eu me dei, senhor, de coração, corpo, alma, espírito, tudo. Quereis fazer-me a desgraça de minha vida impondo-me uma união que me é odiosa? Não, vós não haveis de querê-lo, meu pai, porque me amais. Ora, sabei-o e podeis crer-me, pois sabeis que eu não minto, nunca menti, se eu não puder desposar a mulher que amo, nenhuma outra, juro-vos, me terá, porque morrerei.

Êle não estava animado. O desespêro lhe tinha dado coragem para enfrentar seu pai com essa revelação. A paixão fôra mais forte do que o mêdo e o respeito, e êle tinha dito o que lhe ditara o coração, dito de um fôlego.

E o velho vidama ficara tão sufocado, que nem encontrara uma palavra para interromper o filho, que deixara ir até o fim. E analizava com assombro êsse rosto assolado pela dor. Apesar de sua insensibilidade aparente, o velho amava seu filho. Compreendeu que êste era sincero. E tremeu de terror ao pensar que seu filho poderia matar-se se êle não consentisse que o visconde desposasse aquela a quem amava.

Tendo baixado a cabeça, o vidama, cuja opulenta barba branca se estendia em ondas de prata sôbre o veludo negro do gibão, o vidama dizia, com horror, falando a si mesmo, que nesse caso seria o pai a causa da morte e da condenação de seu filho. E isso por ter ambicionado um aumento de poder e de grandeza de sua casa. O vidama pensou nisso e não hesitou. E, endireitando sua bela cabeça entristecida, disse dirigindo-se ao filho:

— Eu quisera ver nossa casa aliada a uma casa real. Vós não o quereis. Está bem. Não falemos mais nisso. Irei procurar monseigneur o duque, a quem explicarei tudo... Fui eu que, por assim dizer, lhe impus êsse casamento... Espero que êle não fará nenhuma dificuldade de devolver-me a palavra... embora eu continue a ser, pelo menos, um de seus partidários... Estais satisfeito, visconde?

Ferriére ficou estupefato diante de sua vitória. Olhava seu pai com olhos de louco. E, como se não pudesse crer no que ouvia, balbuciou:

— Que, meu pai! Então, tendes a bondade de consentir?...

— É... — fêz o vidama, com uma grosseria afetada. Eu não quero que morras...

Ferriére se precipitou aos joelhos de seu pai, tomou a mão do velho, levou-a respeitosamente, aos lábios, e exclamou, numa voz trêmula de emoção:

— Ah! meu pai! Agora é que vejo quanto me amais! Porque, eu o sinto, vós fazeis um grande sacrifício renunciando a essa união.

— Mas, é bem necessário que nós os velhos, saibamos nos sacrificar pelos nossos filhos, desde que êles recusem ouvir a voz da razão, fêz o vidama, com uma ponta de amargura.

Permaneceu um momento pensativo, dando suspiros.

Ferriére, que se erguera e se mantinha respeitosamente de pé diante dêle, evitou bem perturbar a meditação do velho.

Ao cabo de um instante, de silêncio, o vidama prosseguiu sua conversação, dizendo assim, com ar de quem tomou parte numa penosa desventura:

— Vejamos visconde. Falai-me agora da mulher que escolhestes e sem a qual a vida, para vós, seria, como afirmais, impossível, sem encanto.

Como era de supor, o nosso amoroso não se fêz de rogado. E começou um interminável poema de louvôres ditirambicos em honra de Florinda.

O vidama o escutou com uma paciência inalterável.

— Vamos — disse o velho, afinal, quando lhe foi possível entrar com a palavra — mas vós a vedes ornada de tôdas as perfeições...

— É que ela tem tôdas, meu pai! — interrompeu Ferriére, com uma ardente convicção.

— Está muito bem. Não quero deixar de acreditar em vós. Mas, vamos: a que casa pertence essa pérola rara? Tem ela fortuna? Como se chama, enfim?

Ferriére chegava então à parte escabrosa de sua confissão. Teve um apêrto de coração. Mas, como já tinha começado, não hesitou em responder:

— Ela é sòzinha no mundo, senhor. É pobre. Chama-se Florinda.

Aqui, o vidama começou a franzir as sobrancelhas. Sua atitude deixou de ser paternal. Retomou êsse ar severo, algo sinistro, que afetava quando estava perto de seu filho. Refletiu um segundo e, suspirando, disse, enfim:

— É lamentável!

E insistiu:

— Sobremodo lamentável... Quando penso que recusais... Sim, tendes razão. Não recriminemos. Está muito bem, visconde. Não quero que se diga que eu me detive muito tempo por uma miserável questão de dinheiro... Essa môça não possui fortuna. Não tem bens. Não importa. Passaremos. Felizmente, vós os possuis que chegam para os dois.

— Ah! senhor — murmurou Ferriére, comovido — vós sois a própria bondade! Não sei como agradecer-vos...

— Não falemos mais disso. Estais em vésperas de fazer uma loucura. Não a façamos pela metade... como me dissestes que se chama essa môça a quem destes vosso coração?

— Florinda, senhor.

— Florinda! Belo nome! Alguma estrangeira, sem dúvida... Sem dúvida alguma dama do séquito da rainha Maria Stuart ou da rainha Catarina de Medicis... Mas, dizeis Florinda... Florinda de quê?...

— Florinda, apenas, senhor. Ela não é conhecida por outro nome... Não é do séquito de nenhuma rainha... Não é nobre, nem burguêsa... É uma humilde filha do povo e vive de seu trabalho... E êsse trabalho consiste em dizer a buena-dicha nas praças e nas encruzilhadas.

Nunca Ferriére pensara em dissimular a menor coisa sôbre a situação de Florinda. Tendo dito de um fôlego o que era mais duro dizer, respirou fortemente, sentiu-se aliviado, recuperou tôda a sua calma, todo o seu sangue frio. Apenas êsse sangue frio semelhava, estranhamente, ao que, tal como Beaurevers, mostrava no campo de batalha. E isso indicava que, por instinto, êle se sentia em plena luta e que todos os seus esforços concorriam para fazê-lo vencedor. Ora, um único olhar lançado sôbre seu pai lhe fôra suficiente para fixá-lo sem êrro possível.

Com efeito, à medida que êle falava, via a expressão do vidama

mudar. De severa que se tornara, a fisionomia do velho se endurecera, se petrificara, por assim dizer. Quando acabou, não viu mais do que um bloco de pedra, diante de si.

Com voz rouca, o vidama falou:

— Eu me dizia também: Eis aí um nome que não me é desconhecido. Nunca me passaria pela idéia que pudesse se tratar dessa cigana que se vê correr as ruas de manhã à tarde... Uma pobre e infeliz marafona das ruas!... Mas, senhor, um gentilhomem que se presa não dá seu nome a uma rapariga dessa espécie. Tomava por amante e é ainda uma grande honra que lhe dá. Ela vos agrada?... Fazei-a, pois, vossa amante, e não falemos mais nisso.

Essas palavras e o tom soberanamente desdenhoso em que eram elas pronunciadas levaram o rubor da indignação às faces de Ferriére. Pouco faltou para que êle rebentasse. Conteve-se, entretanto, mas não foi sem pesar que o fêz. E foi com uma voz em que se distinguia palpitar a revolta que êle respondeu:

— Tomai cuidado, senhor, que vós estais enganado. Florinda não é essa que cometeis a injúria de crer que o seja. E, se não fôsseis meu pai, eu teria... Florinda é uma môça honesta, digna de todo o respeito. Não o esqueçais, senhor, eu vos suplico...

— Vamos, então! Mostrai uma bôlsa convenientemente repleta, e haveis de ver como ela vos seguirá por tôda parte aonde queirais levá-la. É uma aventura que deve...

Não concluiu a frase. Ferriére, lívido, a mandíbula contraída, o olhar injetado, os punhos crispados, o interrompeu bruscamente, dizendo, com voz rouca:

— Nenhuma palavra mais, senhor, nenhuma palavra mais!... Se deixardes sair o insulto que eu leio em vosso pensamento creio, sim, creio que esquecerei que sois meu pai. Eu seria capaz!...

— Deus me perdoe — interrompeu, por sua vez, o vidama, com uma inexprimível majestade — mas eu creio que ameaçais vosso pai, senhor!

— Senhor — prosseguiu Ferriére, com voz clara, mudada, estranha, com uma calma terrível e o fragor da mais violenta cólera — eu insultaria, ameaçaria, mataria o próprio Cristo se, descendo de sua Cruz, ousasse proferir a injúria que acabo de deter à ponta de vossos lábios.

— Horrível blasfêmia! — exclamou o vidama, fazendo o sinal da cruz.

Apenas, compreendeu que seu filho estava num estado vizinho da loucura, pois sempre, até ali, Ferriére se mostrara respeitoso e obediente. E agora, esquecido de que se achava diante de seu pai, não vacilava em ameaçá-lo e, quem sabe? levantar a arma contra êle!

O velho fidalgo teve mêdo disso, quis evitar essa irreparável desgraça. Por isso, não insistiu. Com o mesmo ar indiferente, declarou:

— Estais louco, senhor! Só isso pode justificar as inqualificáveis palavras que acabais de dirigir-me. Quero esquecer o que me dissestes. Mas, não espereis de mim que eu prolongue esta discussão: não se discute com loucos. Ide, visconde, voltai à vossa casa. Amanhã, em alguns dias, quando tiverdes voltado ao uso da razão, continuaremos esta conversação.

Ferriére compreendeu que seu pai não queria levá-lo ao fim. Teve vontade de calar-se. Mas, compreendeu também, que semelhante palestra que, desde o primeiro instante, se elevara a um diapasão tão agudo, não podia ser recomeçada depois. Era, portanto, necessário que ela fôsse liquidada.

— Senhor — disse êle, respeitosamente — perdoai-me se resisto à vossa ordem. Mas, acho que o melhor é acabar o mais depressa possível com isto.

O vidama foi enganado por essa calma aparente. Refletiu um segundo e, julgando fazer com que o filho ouvisse a voz da razão, disse:

— Vá lá... Talvez tenhais razão.

Ia começar uma espécie de sermão. Ferriére, cortou-lhe, porém, a palavra, dizendo:

— Senhor (e a voz do visconde era comovida), eu vos suplico, humildemente, dar-me o vosso consentimento. Suplico-vos de joelhos. (Efetivamente, se deixou cair rudemente sôbre os dois joelhos). Ofendi-vos gravemente, senhor, e vos peço perdão por isso... Mas, não sabeis, não podeis saber de que violências é capaz um homem apaixonado, um homem que a paixão dominou.

— Dizei: que a paixão cegou — interrompeu o vidama.

— Se quereis, senhor, consenti dòcilmente — disse Ferriére. Sempre fôstes de um temperamento calmo, ponderado, quase frio. Sois feliz por isso. Eu, senhor, eu sou um infeliz: sou um exaltado... Digo-vos isso, senhor, não para excusar, mas para explicar um esquecimento involuntário. Vejamos, senhor, não deixareis de vos comover? Sois meu pai, entretanto. E se eu vos digo que a vida não me é nada boa se eu não tiver a companheira que escolhi, ainda permaneceis inflexível? Não, não é possível. Haveis de ver que eu tenho razão. Juro-vos, senhor, que Florinda é mais pura do que as nobres damas que desejais ver-me desposar... Ela é pobre, não tem nome, nem títulos, nem terras... Ora, Deus do céu, mas eu não tenho tudo isso?...

O pobre Ferriére, longamente, deixou transbordar seu coração aos pés de seu pai. Êle foi eloqüente, dessa eloqüência simples e forte que vem do coração.

Infelizmente, feriu um preconceito, o mais temível de todos, que seu pai tinha na mais alta conta: o preconceito de casta. Porque todo o motivo da oposição do vidama era êste: Florinda não era "bem nascida".

Ferriére acabou por compreender que seu pai não se deixaria dobrar. E levantou-se penosamente, com o desespêro na alma.

O vidama deixou sua poltrona. Pôs-se de pé diante de Ferriére. E falou, com sua mesma voz doce, sem gestos, o rosto paralisado numa imobilidade de mármore. E essa calma aparente sublinhava a energia das palvras, indicava que nem súplicas nem ameaças nada, nem ninguém no mundo, poderia contrariar-lhe a implacável decisão que tomava.

— Senhor — disse êle — sabei (e que Deus me julgue e me condene, se eu blasfemo) eu vos mataria com minhas próprias mãos antes de consentir nessa união vergonhosa, que desonraria para sempre um nome que, até hoje, até êste dia, permaneceu sem mancha. Ouvis, senhor, estais ouvindo? Eu vos mataria com minhas próprias mãos.

Mas, acontece que essas terríveis palavras excederam ao fim que êle se propunha atingir. A ameaça não podia espantar Ferriére. Ela não fêz mais do que confirmar sua resolução. E, então, pela primeira vez, o visconde pensou que, desde que seu pai lhe falava naquele tom, era que se tratava de uma outra resolução, penosa, de certo,

mas muito mais prática e mais sábia que a de passar estùpidamente a sua espada através do corpo. Não havia dúvida que seu pai estava falando sério. Foi com uma calma que nada tinha de forçado que Ferriére respondeu, tranqüilamente:

— Estou ouvindo, senhor.

O vidama continuou, sem elevar a voz:

— Tive a fraqueza de discutir convosco. Fiz mal. Foi um êrro que jamais voltarei a cometer. Eis aqui a minha vontade formal: concedo-vos o dia de amanhã para refletir. Amanhã à tarde, à mesma hora, responder-me-eis. Dir-me-eis se aceitais a união que eu vos proponho. Só então eu esquecerei que tivestes a audácia de vos revoltardes contra a autoridade paterna. Ide, senhor.

— Um momento ainda, se é possível, senhor — fêz Ferriére, com voz doce e entristecida. E, se amanhã eu vos disser que persisto em minha resistência, que sucederá?

— Convencer-me-ei de que não tenho mais filho.

Essas palavras, que o vidama proferiu friamente e sem hesitar, Ferriére já as esperava. Entretanto, elas produziram nêle um efeito terrível. O visconde permaneceu um instante sem voz, com os olhos fixos no vácuo.

O pai compreendeu que era a luta suprema que se feria em seu coração e em seu espírito. E esperou em silêncio, aparentemente calmo, ansioso e inquieto.

Isso não durou, no entanto, muito tempo. A paixão foi mais forte, dominou, afugentou qualquer outro sentimento. E Ferriére, com sua mesma voz entristecida, mas com a firmeza de uma inabalável resolução, exclamou:

— É a maior desgraça que poderia cair sôbre mim. É bem inútil, porém, esperar até amanhã, senhor. Nada me fará mudar de resolução. Prefiro declarar-vos aqui, francamente, decididamente: eu não aceitarei outra espôsa que não seja aquela que meu coração escolheu.

— Esqueceis que eu não mudo nunca de resolução. E declaro-vos que nunca tereis meu consentimento. Então?...

— Então, senhor, acabo de pensar que não tenho mais de vinte e dois anos. Tenho longos anos diante de mim. Reflito que será verdadeiramente abominável o condenar-me a passar êsses anos no

desespêro e na dor, tudo isso por um preconceito de casta respeitável apenas se se quer, mas que não vale o sacrifício de duas existências. Hei de encontrar, não há dúvida, um padre que consentirá em nos unir sem exigir o consentimento paterno.

Dessa vez, foi o vidama quem duvidou e quem, numa voz perturbada, exclamou:

— Que! Ousareis então passar por cima de minha vontade?

— Infelizmente, amargamente, sim, senhor.

— Ah! — fêz o vidama, que já começava a tomar alento. Nunca pensei que terieis a coragem de vos matar a vós mesmo. Santo Deus! Os môços de hoje não sabem pesar as suas pessoas. Está tudo muito bem... Quereis que seja assim? Pois seja. É, com efeito, muito fácil se prescindir; para um casamento do consentimento paterno. E eu vos confesso que não tinha pensado nisso. Estais resolvido? Agi, portanto, como entenderdes. Agi de acôrdo com a vossa desatinada intenção. Eu não vos exorto mais ao cumprimento de vosso dever. Já fiz tudo para salvar-vos. Uma vez, porém, que persistis no êrro que vos obscurece o entendimento, eu vos abandono. Contais unir-vos clandestinamente pela complacência de um padre tolerante? Ide, pois, e que minha maldição vos acompanhe.

O velho estava indignado. Sua voz tremia. Foi num grunhido selvagem que êle lançou sua maldição.

— Meu pai!... — suplicou Ferriére, admirado e emocionado.

— Eu não sou mais vosso pai!... — interrompeu o vidama, com voz retumbante. Não tenho mais filho!... Fora daqui!... Fora daqui, já, eu vos ordeno. Do contrário, chamarei meus lacaios para que êles vos atirem fora como se atira um fardo sem valor! Vós sois um vagabundo, um patife! Fora daqui!...

Ferriére compreendeu que não havia nada a dizer. Ficou atordoado. Nem por isso mudou de resolução. Inclinou-se silenciosa e respeitosamente diante de seu pai e, lentamente, se dirigiu para a porta da pequena escada exterior.

Antes de transpôr a soleira, voltou-se e lançou ao pai um olhar suplicante.

O vidama ficou de pé no meio da vasta sala. Permanecia duro e imóvel como uma pedra. Levantou o braço, estendeu-o num gesto imperioso e rugiu uma última vez:

— Fora daqui!...

Muito tempo depois que a porta se fechou nas costas de seu filho, o vidama permaneceu firme na sua atitude. Afinal, se deixou cair, abatido, em sua poltrona. Duas lágrimas brilhantes apontaram nas suas pálpebras e escorregaram-lhe lentamente pelas faces pálidas, até se perderem em sua opulenta barba branca. E o velho murmurou, num soluço:

— Eu não tenho mais filho.

Ficou assim um longo momento. Depois, endireitou-se penosamente e, curvado, acabrunhado, se conservou de pé no meio da sala, passeando um olhar pensativo pelos quadros que ornavam as paredes e que eram todos os retratos dos Ferriéres desaparecidos. Levantou para êles suas mãos trêmulas, como se quisesse tomá-los por testemunhas, e, com uma voz mais firme, falou, alto:

— Vistes? Ouvistes? Estou certo de que me aprovais o gesto que acabo de ter.

E, trôpegamente, augustiadamente, se dirigiu para seu quarto onde se encerrou.

FERRIÉRE PROCURA FLORINDA E ENCONTRA ROSPIGNAC

FERRIÉRE afastou-se lentamente e voltou tristemente para sua casa. Estava sombrio, inquieto, abatido, o que era natural depois da cena que acabava de ter com seu pai. Entretanto, apesar de tudo, sentia que de qualquer modo agiria como o fizera.

Acabou deitando-se.

O sono não veio. E subitamente pensou:

— Ora! Por que não pensei nisso mais cêdo?... Palavra como irei, amanhã, contar o fato a Beaurevers. E é bem possível que êle, de parceria com o conde de Louvre, que me parece ser um personagem muito mais importante do que eu julgava, consiga reconciliar-me com o senhor meu pai.

Êsse pensamento lhe trouxe um pouco de tranquilidade de espírito e êle acabou adormecendo.

Já era manhã alta quando, no dia seguinte, êle despertou. Levantou-se, fez ràpidamente sua toilette e partiu para ir vêr Beaurevers. À soleira da porta, deteve-se, indeciso. Olhava de esguelha para a enorme porta da casa vizinha: a casa de seu pai. Perguntava-se a si mesmo se devia ou não fazer uma suprema tentativa junto dêle.

Mas, imaginou que seria perder tempo. Entretanto, não desanimou de voltar à casa paterna. Parou diante da porta e pôs a mão na pequena argola, puxando-a.

A porta se abriu e apareceu o vidama de Saint-Germain. Pai e filho se encontraram, inopinadamente, face a face, um no interior, o outro na rua. Entreolharam-se um momento, ambos embaraçados.

Apenas uma noite havia decorrido depois da cena da véspera, e essa noite fôra suficiente para operar estragos terríveis no rosto do vidama. Parecia ter envelhecido dez anos. Ferriére ficou estupefato, horrorizado.

O primeiro a falar foi o pai, que, dirigindo-se ao filho, assim se expressou, secamente:

— Que quereis fazer nesta casa? Nós não temos nada de comum.

Fez uma pausa rápida, para em seguida prosseguir, com certa vivacidade:

— A menos que venhais fazer **ameude honorabile.** (1) É isso?

Ferriére estava em situação desconcertante para responder. Todavia, repugnava-lhe deixar se estabelecer um equívoco não respondendo. E com a cabeça fez um "Não" feroz.

O vidama chamou, sem se voltar:

— Pernet!

O suisso saiu de seu lugar e foi se inclinar diante dêle.

— Pernet — disse gravemente o vidama, mostrando Ferriére — vêdes êste homem?

— **Monseigneur!** — exclamou, espantado, o suisso, que reconhecia o filho de seu patrão.

— Pois se êle se apresentar aqui — continuou o vidama, imperturbável e com a mesma frieza glacial — deveis sempre lhe dizer que eu estou ausente. Se insistir, se vos importunar, segurai-o pelos ombros e o atirai fora daqui. Compreendeis?

— Sim, meu..., **monseigneur** — balbuciou cada vez mais espantado, o suisso, que não sabia que gesto fazer.

— Enquanto eu medito sôbre o caso — prosseguiu o vidama — ide providenciar para serem muradas as três portas que põem em comunicação o jardim dêste senhor com o meu. Nós não temos mais nada de comum. Fechai bem a porta, Pernet.

O velho saiu, passou diante de Ferriére aniquilado e se afastou com seu passo lento e tranquilo, sem se voltar uma só vez.

Atrás dêle, o suisso, aterrorizado como si a casa estivesse ameaçada por um exército de bandidos, aferrolhou precipitadamente a porta e pôs as trancas.

Ferriére, com os olhos úmidos, olhou um instante a silhueta curvada de seu pai que se afastou docemente. Depois, voltando-se à esquerda, foi seguindo pela rua du Bottoir para ir alcançar a rua Saint-André-des- Arts. E suspirou:

(1) Confissão pública do delito. (Nota do tradutor.

— Vamos. Creio que chegou o fim. Está tudo acabado. Êle não me perdoará nunca. Não aceitará nunca, nunca abençoará êste casamento. Está bem. Tanto pior. Não terei mais pai. Querem? Pois que seja assim... Ao menos não terei uma vida de inferno pela única satisfação de acrescentar alguns títulos e algumas terras de mais aos que já possuo.

Partiu na direção das pontes. Estava bem resolvido a seguir primeiro até a rua Froidmantel. Mais do que nunca, porém, nas circunstâncias penosas em que se encontrava, experimentava a instintiva necessidade de um reconfôrto poderoso. Êsse reconfôrto não podia vir-lhe senão da mulher amada. Eis porque, sem quase o perceber, foi ter à rua Saint-Honoré, em lugar de continuar até a rua Froidmantel, que se achava no fim da rua, à direita. Voltou-se bruscamente à direita e ficou sinceramente espantado de se reconhecer diante da pequna casa da rua des Petits-Champs.

Chegando até lá, êle não podia ter a fôrça de voltar. Bateu, pois, à porta.

E a má notícia caiu sôbre êle como uma cacetada: Florinda não estava, nem ninguém sabia do paradeiro dela.

Ferriére ficou desolado e indignado. Procurou recuperar todo o seu sangue frio, e interrogou a uns e outros. Nada mais do que já lhe haviam informado pôde, entretanto, saber. Disseram-lhe que Beaurevers parecia ter ouvido assim por volta das oito horas da noite, um apelo que evidentemente era de Florinda. O cavalheiro saíra precipitadamente e não tinha voltado ainda.

Cada vez mais inquieto, Ferriére partiu para a rua Froidmantel.

Lá, nova decepção: Beaurevers estava ausente. O mais que puderam informar-lhe era que êle fôra ao Louvre dar sua aula de armas ao rei. E para lá se dirigiu o visconde.

Informando-se, à porta, do oficial de guarda, soube que o senhor Beaurevers acabara de sair, naquele momento mesmo, dirigindo-se para o cais de Saint-Germain-l'Auxerois.

— Apressando-se, o senhor visconde poderia alcançá-lo ainda no caminho, sem grande esfôrço.

Ferriére prosseguiu o seu caminho. Na esquina da rua des Fossés-Saint-Germain, abalroou violentamente com um gentilhomem que se encontrava na sua frente. Passou sem parar, sem reconhecer o homem com quem acabava de se encontrar e que outro não era senão Rospignac. Limitou-se a lançar uma palavra de desculpa e

correu, daí por diante, mais depressa do que vinha fazendo até ali. Reconhecera, enfim, Beaurevers que, naquele seu passo rápido caminhava à sua frente.

Rospignac, ao sentir o contato de um corpo que batia no seu, lançou uma imprecação enérgica. Vendo que o transeunte apressado não se detinha para apresentar-lhe as desculpas a que tinha direito, teve um movimento para a frente, saindo em sua perseguição. Reconheceu, então, Ferriére. Parou e ficou a contemplar-lhe o vulto que corria, sorrindo com um sorriso de indignação.

Escondeu o rosto na capa e, apressando o passo, se pôs, por sua vez, na perseguição de Ferriére. O visconde, enquanto isso, alcançava, enfim, o cavalheiro.

Com o primeiro olhar, Beaurevers compreendeu que alguma coisa de infausto sucedera ao visconde. E pensou, naturalmente, que êle se inquietava com o desaparecimento de Florinda. Não podia ser outra coisa, por isso que êle próprio se inquietava também. Beaurevers quiz ouvi-lo. E, vendo, depois de olhar em tôrno de si, uma taverna de aparência pobre, convidou:

— Entremos naquela casa. Lá estaremos mais à vontade para conversarmos.

E conduziu Ferriére pela mão. O visconde não fez resistência.

Atrás dêles, Rospignac os observava. E, acompanhando-os, parou diante da porta da mesma taverna. Essa taverna, situada na esquina da rua des Fossés, tinha uma segunda entrada para a praça Saint-Germain-l'Auxerois.

Foi por lá que o barão entrou. Uma moeda de ouro inteligentemente distribuída, e bem a propósito, fez o resto. Sem ser visto, foi colocar-se de maneira a poder ouvir e ver o que diziam e faziam os dois fidalgos.

Ferriére iniciou o capítulo das confidências sem mais tardar. Contou a audiência que tivera com seu pai, sem esquecer nem omitir um único detalhe. Naturalmente, não disse nada a respeito da visita dos Guise, nem do que êles haviam dito em sua presença. Isso era segredo de seu pai — e um segredo dos mais formidáveis.

Não revelou nada do que ouvira a respeito daquele a quem se confiava naquele momento. Esperou que o próprio Beaurevers lhe falasse para decidir o que diria. Mas, Beaurevers não julgou oportuno abordar êsse assunto.

Não é preciso dizer que, a princípio, êle tinha falado do desaparecimento inquietante de Florinda. Êsse cuidado sobrepujava nêle todos os demais e era natural que devia ser tratado em primeiro lugar.

Beaurevers o tinha ouvido com uma paciência inalterável e respondia a tôdas as suas pergunta com uma complacência sem limites.

E o resultado foi que Ferriére obteve o que êle esperava: que Beaurevers, pela sua calma serena, deu ao visconde um pouco dessa tranqüilidade de espírito que o abandonava, e, pelas suas exortações, o aliviou dos remorsos que o acabrunhavam. Porque Ferriére reprovava veementemente sua conduta para com seu pai. O que aliás, não o impedia de persistir nessa conduta que êle próprio achava das mais repreensíveis.

Foi, porém, sobretudo a respeito do vidama que Beaurevers se mostrou o mais seguro de si.

— Tudo isso se arranjará muito bem — disse. Não vos precipiteis, nem vos inquieteis por causa disso. Ficai tranquilo em vossa casa, uma vez que o vidama vos interditou sua porta. Êle acabará por se convencer de que seu filho lhe faz falta. Independente disso, entretanto, vou agir, e espero que em breve estareis de novo na boa graça de vosso pai. Eu, Beaurevers, vos asseguro que haveis de desposar Florinda com o consentimento de vosso pai reconciliado convosco. Asseguro-vos que êle a acolherá como filha, e eu não dou seis semanas para que se mostre mais bobo por sua nora do que pelo seu próprio filho... Asseguro-vos tudo isso, sob o penhor de meu nome. Que diabo! Bem sabeis que minha palavra é palavra de homem!

— Ah! cavalheiro! — exclamou Ferriére, radiante — vós me devolveis a vida com as vossas palavras de animação! É minha boa estrêla que chega, que pondes em meu caminho.

— Casareis com vossa Florinda, e vos reconciliareis com vosso pai. Garanto-vos. Não deveis, entretanto, crer que isso seja amanhã. É preciso paciência.

— Agora — disse Ferriére — eu só queria era encontrar aquela a quem amo.

Sôbre êsse ponto, Beaurevers se mostrou mais reservado. Êle não sabia nada a êsse respeito. E, infelizmente, segundo dissera, tinha muita coisa a fazer naquele dia, o que o impedia de se atirar a uma

procura antes de um dia ou dois. Não desesperava, entretanto. Tinha mesmo um indício, mas tão vago, que sôbre êle nem sequer ousava falar.

Ferriére, ao ouvir que Beaurevers dizia que tinha muito o que fazer, se ofereceu para ajudá-lo, afim de mais depressa o cavalheiro se desocupar. E Beaurevers, que, efetivamente, estava em campo para opôr-se aos projetos do duque de Guise a respeito de sua aliança com o rei de Navarra, e que não tinha um momento a perder, porque sabia que o vidama de Saint-Germain também não perdia tempo — Beaurevers se apressou em aceitar e foi logo se levantando. Entretanto, êle não podia meter Ferriére na confidência e ainda menos atraí-lo a uma luta em que teria que combater seu próprio pai.

Todavia, antes de se levantar, e não sem demorada hesitação, deu uma informação a Ferriére.

— Aconselho-vos — disse êle — a procurar Rospignac. Não sei porque, tenho a suposição de que êle deve saber o paradeiro de vossa noiva.

— Rospignac! — exclamou Ferriére, espantado. Meu pai o trata como se fosse da família. Êle não me inspira confiança, e êle sabe disso. Por isso andamos sempre afastados um do outro. Não nos toleramos.

E, fixando Beaurevers no fundo dos olhos:

— Sabeis de alguma coisa?

— De seguro, não. Bem sabeis que, se assim fôsse, eu já vô-lo teria dito. Vagas suposições, apenas, nada que me autorize uma acusação precisa. Mas, isso não importa. Eu dou muita importância a meus pressentimentos, que raramente me têm enganado. E meus pressentimentos me dizem que Rospignac é o único que pode saber o paradeiro de Florinda. É preciso, pois, procurá-lo. Logo que eu puder, será êle que procurarei.

— Bem — fez Ferriére, que, resolutamente, se levantou — eu vou procurar Rospignac. Será preciso que...

— Não vos precipiteis — interrompeu Beaurevers, que também se levantou. Rospignac é um homem muito forte, muito perigoso. Tende, pois, cuidado com êle. Sabei enfrentá-lo. Do contrário, não vos saireis bem da luta. Se quereis ouvir-me, escutai êste conselho: Não useis de violência e não vos exponhais muito. O homem é perigoso. Estou falando assim porque vos estimo. Rospignac é traiçoeiro como o tigre. E a gente não se deve fiar nele. É preciso, pois, muito cuidado, senhor visconde, muito cuidado... Compreendeis? A minha franqueza é sincera. Não vos admireis, pois, do que vos digo. Eu conheço bem Rospignac.

— Esforçar-me-ei para assim proceder — prometeu Ferriére, com uma careta que indicava que o conselho não era muito de seu gôsto.

E os dois saíram e se separaram diante da porta da taverna.

Beaurevers se foi pela rua de Béthisy. (1)

Ferriére, pensativo, tomou a primeira rua que encontrou à sua frente. Era a rua Jean-Tisou. O visconde tomou, maquinalmente, à esquerda, na rua d'Avrou (2), unicamente porque, se tomasse à direita, iria no rastro de Beaurevers, o que não queria fazer. E caminhando assim chegou à rua des Poulies (3), a dois passos da rua Saint-Honoré.

Lá, parou e permaneceu um momento indeciso, perguntando a si mesmo onde poderia encontrar Rospignac. E disse, com os seus botões:

— Vamos, voltemos ao Louvre. Se êle está a serviço de madame Catarina, é possível que lá possa encontrá-lo.

---

(1) Absorvida pela abertura da rua de Rivot.
(2) Depois, rua de Bailleul.
(3) Depois, rua du Louvre.

UM BOM PARENTE

Rospignac, se os leitores estão lembrados, tinha assegurado a Catarina que, em caso excepcional, não hesitaria em ferir Ferriére, apesar do vago parentesco que os unia. Entretanto, nada tinha feito nesse sentido. E sabia que fôra Ferriére quem procurara o meio de salvar Beaurevers e o conde de Louvre da casa incendiada da rua des Marais. Sabia-o e não pusera Catarina ao corrente dêsse fato. No entanto, sabia, também, que Catarina, a implacável Medicis, se viesse a ter conhecimento da verdade, não lhe perdoaria, porque podia considerar o seu silêncio como uma traição.

É preciso que se saiba que não era por generosidade que o barão agia assim. Também não era por amizade. Porque, se Ferriére acabava de dizer que Rospignac e êle não se simpatizavam, Rospignac, se quizesse falar com tôda franqueza, teria confessado que odiava de morte o filho do vidama, como odiava seu pai.

Portanto, Rospignac, que odiava mortalmente Ferriére, não o entregava a Catarina. Coisa mais extraordinária é que Rospignac, ciumento como ninguém, surpreendera a entrevista de Ferriére com Florinda, sob o olmeiro de Saint-Gervais, e deixara o visconde se aproximar da jovem cigana. E tinha assistido, deitado na sombra, aos seus adeuses diante da porta dos Petits-Champs, depois do colóquio. E, se tinha feito aprisionar Florinda, cumprindo uma ordem de Catarina, nada tinha tentado contra ela.

Por que?

É que, por motivos particulares, que nós não tardaremos em conhecer, Rospignac não queria, **não podia** êle próprio tocar em Ferriére. É que êle seguia, no que lhe dizia respeito, uma linha de conduta rigorosamente traçada de ante-mão, e, portanto, nada — nem mesmo o ódio e o ciúme — nada podia fazê-lo desviar-se dessa linha, a fim de chegar a um fim misterioso que já estava delineado.

Que fim era êsse? É o que não tardaremos em saber.

Desde já, porém, se faz mister acreditar que era algo extremamente importante a seus olhos, desde que se arriscava a jogar com Catarina um jôgo terrível, no qual podia até mesmo perder a cabeça.

Vimos que êle se tinha colocado de maneira a poder ouvir o que Ferriére ia dizer a Beaurevers. Com efeito, não tinha perdido uma palavra da conferência entre o cavalheiro e o visconde.

Ferriére havia narrado e desenhado a cena violenta da vespera, entre êle e seu pai e a outra daquela mesma manhã, à porta da casa do vidama.

E isso parecera interessar prodigiosamente Rospignac. Porque um clarão de alegria lhe iluminou os olhos pardos, e um sorriso de satisfação se lhe desenhara nos lábios, enquanto êle monologava assim, com delirante prazer:

— "Enfim!... Até que enfim!... Ferriére se mediu com o vidama, seu pai! Um belo, bom, sólido encontro, que nunca mais os aproximarão... Assim mesmo como eu queria. Ah! eu tenho, positivamente, sorte. Muita sorte! Veio, afinal, o que eu tanto almejava! E como eu imaginava! Uma obra prima! Porque, quem poderá nunca supor que fui eu o paciente artista dessa obra: fui eu quem armou o ódio que, afinal, dividiu pai e filho?..."

O barão exultava. Estava, positivamente, louco de alegria. Pensou ainda:

— "As coisas vão, agora, seguir o seu curso normal, tal como eu tinha previsto. Eis-me, pois, em melhor situação com o senhor vidama. Em breve, eu lhe serei indispensável... Em breve, êle não poderá mais passar sem mim. Bem entendido: empregarei os meus melhores esforços no sentido de reconciliar pai e filho... Isto é, me esforçarei para que fiquem inimigos jurados... Então, o vidama deserdará seu filho. Sôbre isso é que não há, não pode haver dúvida... E, como será preciso que essa imensa herança passe a alguém, como o vidama não tem senão parentes afastados, como entre êsses parentes eu me considero já como o mais digno — será para mim que a grande fortuna virá. Está claro que tudo ocorrerá assim. Rico, com os milhões do vidama, possuidor de seu nome e de seus títulos — vidama-duque de Rospignac-Ferriére, que não soa mal — estarei muito bem, serei, poderoso e invejado, vencerei com facilidade os meus inimigos. Então,

poderei dar expansão e ambições há longo tempo esperadas. E creio, sem me vangloriar, que me farei um primeiro ministro que passará à história..."

Eis como o sonho de Rospignac se nos revelou, em tôda a sua amplitude, formidável.

Êle entristeceu-se, pensando:

— O melhor seria, agora, desembaraçar-me para sempre do visconde... esperando que venha a vez do vidama... Será preciso encontrar um meio honesto, que não viesse a comprometer-me. Porque é preciso acabar com isso. O tempo corre. Procuremos.

E procurou, aguçando o ouvido. E sem dúvida encontrou.

Com efeito, deixou que Beaurevers e Ferriére saíssem. Atrás dêles, atravessou a sala da taverna, sem se ocultar, e chegou à porta a tempo de ver Ferriére entrar na rua Jean-Tisou.

Saiu, por sua vez, e saiu correndo. Foi direito ao Louvre. Apenas ali não entrou pela porta principal. Entrou por uma porta de serviço, situada nos fundos do palácio.

Por caminhos desviados, mais ou menos desertos, chegou aos **apartamentos** particulares de Catarina. Imediatamente foi introduzido para junto da rainha. Ali permaneceu mais de uma hora. Quando saiu, parecia radiante.

Com a capa até o nariz, sondando os arredores com um olhar circunspecto, pelas mesmas vias secretas e destas saiu do Louvre, e correu a se encerrar em sua casa. Depois de ter dado uma ordem breve a Guilherme Pentecostes, se enclausurou no mais recôndito aposento de seu **apartamento**, e dali não se moveu.

Durante êsse tempo, Ferriére chegava ao Louvre e pedia a todos os que conhecia, informações de Rospignac. Ninguém sabia dá-las. Ninguém tinha visto o barão.

Resolveu acabar por onde devia ter começado, depois de haver perdido um quarto de hora: foi visitar Catarina. Soube que Rospignac partira em viagem aquela manhã mesmo, encarregado de uma missão por madame Catarina. Viagem que, aliás, não seria longa, uma vez que o barão devia estar de volta na manhã do dia seguinte.

Pediu o enderêço de Rospignac, que ignorava.

Mais animado, deixou o Louvre e se dirigiu ao enderêço indicado. Foi recebido por Guilherme Pentecostes, que lhe testemunhou o maior respeito e não fêz nenhuma dificuldade para lhe confirmar que seu patrão se ausentara àquela manhã mesmo e não estaria de

volta à sua casa senão no dia seguinte pela manhã, assim por volta das onze horas, para de lá seguir para o Louvre, onde devia prestar contas de sua missão a madame Catarina.

Ferriére partiu anunciando que voltaria no dia seguinte às onze horas, e pediu a Guilherme Pentecoste avisasse a seu patrão da visita que êle pretendia fazer-lhe. Êsse pedido era apoiado pela entrega de uma moeda de ouro que o vagabundo recebeu assegurando que não deixaria de cumprir a solicitação do visconde.

Com efeito, a cumpriu, e foi naquele instante mesmo, porque Rospignac se encontrava no aposento ao lado daquele onde Ferriére e Pentecostes se encontraram.

Ferriére saiu, cada vez mais intranqüilo.

À tarde, desesperado, aniquilado, angustiado, tomou o caminho da rua Froidmantel, na intenção de contar suas máguas a Beaurevers.

Mas, decididamente, êle estava sem sorte: o cavalheiro se achava ainda ausente, seus quatro fiéis companheiros igualmente, e ninguém lhe sabia dizer quando estariam de volta.

Ferriére prosseguiu, melancòlicamente, o caminho de sua casa, onde se encerrou, soltando suspiros capazes de derrubar as paredes...

No dia seguinte, antes da hora que êle próprio fixara, já Ferriére rondava em tôrno da residência de Rospignac, esperando impacientemente o momento em que pudesse bater à porta.

Afinal, percebeu Rospignac que, coberto de poeira como alguém que acabasse de fazer uma longa jornada, e se dirigisse, apressado, para sua casa.

Acampou no meio da rua, e esperou.

Viva, Ferriére! — fêz o barão, com a maior naturalidade dêste mundo. Que diabo fazeis aí, plantado no meio dessa encruzilhada? Esperais alguma coisa? Alguma mulher?...

— Não — respondeu Ferriére, com uma visível indiferença. Espero vós mesmo.

— Eu?!... Teria eu essa boa fortuna de vos poder ser útil? Disponde de mim. Se quereis fazer um apêlo à minha humilde bôlsa, declaro-vos que ela está bem guarnecida agora... Se é de outra coisa que precisais, podeis contar comigo. Só vos peço é que useis de tôda a franqueza. Fazei de conta que estais em vossa própria casa.

Isso era dito com cordialidade e bom humor. Ferriére compreendeu que fôra ridículo guardar seriedade diante de um homem que se mostrava tão amável. E suavizou sua atitude.

— Eu vos agradeço muito e muito — disse êle — mas minha bôlsa está, também, suficientemente guarnecida, e eu não tenho, por hora, necessidade de coisa alguma que se relacione com dinheiro.

— Tanto pior... tanto pior! Em todo o caso, se a ocasião se apresentar, não esqueçais de que eu sou todo vosso.

— Vós me confundis, barão. E já que estais tão bem disposto, permiti que me aproveite de vosso bom humor. Barão, eu tenho necessidade de uma informação que me podeis prestar.

— A que respeito? — perguntou Rospignac, com seu ar insinuante.

— A respeito de uma mulher pela qual eu me interesso e que desapareceu.

Como se vê, Ferriére esquecia inteiramente o que lhe tinha recomendado Beaurevers a respeito de Rospignac.

— Uma mulher! — fêz Rospignac, gracejando. Como gostais das mulheres, Ferriére! E de que mulher quereis falar?

— De Florinda! — rugiu Ferriére, que se fêz francamente ameaçador.

Sempre sorrindo, não querendo ver nada, Rospignac, cada vez mais folgazão, exclamou:

— A pequena cigana?

— Ela mesma.

— E que quereis que vos informe?...

— O que é feito dela... Não o sabereis por acaso?

Ferriére que agora parecia fora de si, esperava ver Rospignac se recusar prestar as informações pedidas. Ficou, portanto, estupefato quando ouviu o barão dizer:

— Sim, senhor!... Podeis vangloriar-vos de ter uma sorte extraordinária!

— Por quê?

— Porque sou eu o único, talvez, que possa vos dar alguma informação a respeito dessa pequena... E vós vos dirigis a mim! Que sorte!

— Quereis dizer que sabeis do seu paradeiro?

— Perfeitamente! E tenho muito prazer em vô-lo dizer.

— Então ides dizer-me onde está ela?

O visconde dizia isso num tom que significava, mais ou menos, isso: se não falares, eu te matarei.

Sempre amável, Rospignac aquiesceu sem se fazer de rogado:

— Se isso vos é agradável, estou pronto.

Ferriére estava realmente desconcertado. Depois do que Beauvers lhe tinha dito, êle só poderia esperar muita dificuldade da parte do barão. Em lugar disso, entretanto, Rospignac se mostrava surpreendentemente camarada. Sentiu-se aliviado da angústia que o sufocava. Respirou mais livremente e se pôs a rir docemente.

— Rospignac — disse, afinal, o visconde — vós me prestareis um grande serviço — um serviço que eu nunca esquecerei, se me dissésseis onde pára Florinda. Falai, eu vos peço.

— Florinda — disse Rospignac, com uma bela indiferença — está no Louvre.

E depois de uma ligeira pausa:

— Pelo menos foi para lá que eu a conduzi.

— No Louvre! — exclamou, espantado, Ferriére. E fôstes vós quem a conduziu?!... Que quereis dizer com isso?

— Escutai, visconde — eu vos digo coisas que não deveria dizer a ninguém... Mas, como sois um parente, e eu gosto muito de servir aos meus parentes... Assim se pode muito bem transigir um pouco com o dever. A verdade é muito simples. Ei-la: Madame Catarina me ordenou que lhe levasse a pequena cigana. Eu lhe obedeci e fui aprisioná-la na rua des Petits-Champs, conduzindo-a ao Louvre. Eis tôda a verdade, a legítima verdade.

— Vós não a fizestes arrebatar por vossa conta? — perguntou Ferrirére, tomado de uma vaga suspeita.

— Eu?! — exclamou Rospignac. Que quereis que eu faça dessa pequena boêmia, santo Deus?

Êle tinha o ar tão sinceramente espantado, que Ferriére o acreditou. Aliás, era evidente que, se êle tivesse aprisionado Florinda para si mesmo, não tinha tido a complacência de dar ao visconde as informações que acabava de lhe prestar.

— De sorte que Florinda deve estar no Louvre? — insistiu Ferriére.

— Ela estava ali — repetiu Rospignac. Não sei dizer é se ainda está. Mas... tendes muito interêsse em saber onde ela está?

— Tanto quanto em defender a própria vida!

O visconde pronunciou esta última frase numa explosão de paixão terrível. Por mais senhor de si que fôsse, Rospignac não pôde

reprimir totalmente um movimento de furor ciumento. Depois, porém, disfarçou e, falsamente, apiedado, disse:

— Vós a amais, pelo que vejo, com sinceridade.

— Amo-a mais que à própria vida! — respondeu Ferriére.

Rospignac fingiu refletir e disse:

— Ouvi: há um meio bem simples de saber: é ir perguntá-lo a madame Catarina.

— É o que vou fazer! — disse, resolutamente, Ferriére, que partiu sem mais esperar.

— Eu vos acompanho — impôs Rospignac, que sorria com um inquietante sorriso.

Lado a lado, sem acrescentar uma palavra, êles ganharam a ruá Saint-Honoré e de lá a rua de l'Austruce. Aqui, Ferriére se deteve, bruscamente e, inquieto exclamou:

— E se madame Catarina não quiser informar? Se ela se recusar a receber-me?

Com uma bela convicção, Rospignac o tranqüilizou:

— Não vejo porque venha ela a se recusar a prestar-vos a informação que desejais. E estou certo de que não o fará. Eu estou ao serviço dela. Madame me dá uma ordem. Eu a executo. Não tenho explicações a pedir quando não as fornecem espontâneamente. Convosco, o caso é diferente. A rainha me disse que não vos quer nenhum mal. Por que, então, deixaria de vos satisfazer?

— Sim, é bem o que espero. Mas, se ela não me receber?

— Ora, visconde, vós estais com vossa cabeça um pouco atordoada. Deveis pensar bem que, se eu tomo o trabalho de vos acompanhar, é que sei que poderei vos ser útil. Tenho a honra de ser admitido à presença de Sua Majestade, a tôda e qualquer hora. Serei vosso introdutor. Irei pedir audiência para vós. E tenho certeza de obtê-la.

— Quê?! Vós farieis isso, barão?!...

Rospignac levantou os ombros, num desprendimento e murmurou:

— Palavra como sois estúpido, visconde! Desculpai-me a franqueza. Que tendes de vos maravilhardes, como o fazeis?

Ferriére contemplou Rospignac com olhar comovido. E, tomando-lhe a mão:

— Rospignac — fêz êle, com doçura — é preciso que vos peça perdão. Eu não gostava de vós...

— Eu sabia — interrompeu Rospignac, sorrindo. Sentia bem que havia um mal entendido entre nós. Vós sois meu parente, Ferriére. Parente muito afastado, eu bem o sei, mas parente. Sois também o filho do vidama de Saint-Germain, o homem que eu mais estimo e respeito no mundo. E eu havia jurado que faria cair as injustas prevenções que tinheis contra mim. É chegada a ocasião. E eu a recebo com alegria. Lamento, apenas, que seja por tão pouca coisa.

— Que êrro! — protestou Ferriére, com calor. Vós não podieis prestar-me serviço mais assinalado do que êste. Porque, agora eu vos posso dizer, Florinda é minha noiva. Em breve ela será minha espôsa.

Rospignac teve o bom gôsto de não mostrar um espanto excessivo que pudesse parecer suspeito. E apenas, com ar apiedado, disse:

— Diabo! Receio, meu pobre visconde, que êsse casamento não seja do gôsto de **monseigneur** vidama. Êle ambicionava para sua casa uma união mais... vantajosa.

— **Monseigneur** vidama — exclamou Ferriére, com fôrça — há de tomar o vosso partido. Mas, eu não aceitaria outra espôsa que não fôsse Florinda.

— Perdão! — contestou Rospignac — mas mademoiselle Cláudia, além de possuir bens admiráveis, tem encantos e uma graça que nenhuma princesa do mundo sabia superar. Falo-vos sinceramente. Em Cláudia, tereis a mais adorável viscondêssa que se possa desejar.

Ferriére o escutava atentamente. E não percebia a menor ironia no tom e na atitude de Rospignac. Radiante, êle falou:

— Vós compreendeis, agora, a importância do serviço que me prestais. E daqui por diante havemos de ser bons amigos para tôda a vida, se assim o quiserdes.

E estendia ao barão a mão larga, aberta.

Rospignac, que parecia tão feliz quanto êle, apertou calorosamente essa mão, e exclamou:

— De todo o meu coração, de todo o meu coração!

E os dois, de braços dados, como dois excelentes amigos, penetraram no Louvre.

A AMABILIDADE DE CATARINA

Rospignac e Ferriére se dirigiram para os apartamentos da rainha-mãe.

Rospignac foi introduzido imediatamente para o gabinete de sua temível patroa.

Ferriére ficou na sala de espera. Ao cabo de um quarto de hora, Rospignac reapareceu. Pela sua atitude triunfante, o visconde compreendeu que as coisas tinham corrido bem: o barão fôra bem sucedido. E o visconde respirou mais livremente.

— Sua Majestade — disse Rospignac — foi amabilíssima. Ninguém o pode ser mais. Dentro de alguns minutos, ela vos mandará chamar.

E, antecedendo-se a uma pergunta que lia nos olhos de Ferriére:

— Sim, eu fui um pouco demorado; mas a rainha se aproveitou desta oportunidade para que eu lhe prestasse conta da missão de que me incumbiu e que me obrigou a viajar ontem. Afinal, o essencial é que estamos atendidos. Florinda está aqui. Ela está sendo tratada com muita deferência. A rainha, que ouvira falar dela, teve a curiosidade de querer vê-la e consultá-la. Eis todo o segrêdo dêsse desaparecimento misterioso e que tanto vos inquietava. Dentro de alguns dias, amanhã talvez, a jovem cigana recuperará sua liberdade, recebendo um prêmio que compensará os seus aborrecimentos e seu tempo perdido.

— Acreditais que me será permitido vê-la — perguntou Ferriére, que se sentia cada vez mais reconfortado.

— A rainha — assegurou Rospignac — me pareceu muito bem intencionada a vosso respeito. Ela vos concederá, eu creio, tudo o que lhe pedirdes.

Enfim, o visconde de Ferriére é chamado.

Ferriére e Rospignac se abraçaram, e o visconde, depois de ter agradecido uma última vez, desapareceu, seguido com o olhar pelo barão que tinha um sorriso enigmático nos lábios, e que saiu, por sua vez, dos apartamentos da rainha.

Catarina respondeu por uma inclinação de cabeça e um gracioso sorriso à profunda saudação de Ferriére, que se inclinava respeitosamente diante dela.

— Vosso parente Rospignac — disse ela — veio dizer-me que estáveis inquieto com o desaparecimento inexplicável dessa pequena cigana. Eu tenho a vos declarar, visconde, que nada lhe aconteceu de desegradável. Ouvi dizer que essa môça conhece a fundo a arte de predizer o futuro pelo estudo das mãos. E eu tive a idéia de pôr a prova a sua ciência. Encarreguei Rospignac de trazê-la à minha presença. Isso foi feito um pouco brutalmente, talvez, e com grande mistério. Mas, deveis compreender que não foi a rainha que ordenou essa brutalidade. Aliás, a rainha mãe não podia proclamar aos quatro ventos que ia consultar uma quiromante. Espero que, com estas explicações, ficareis mais tranqüilo, visconde.

— Sim, madame, e eu não sei como agradecer a bondade de Vossa Majestade se digna me testemunhar.

— Ora, a coisa não vale tanto assim! Quero que saibais, visconde, que me haveis de encontrar sempre bem disposta para vos servir. Por causa, primeiro, do vosso mérito pessoal, que nos é conhecido, não podeis duvidar. Depois, por causa do senhor vidama de Saint-Germain, vosso venerável pai, que temos na mais alta estima. Voltemos, porém, ao vosso negócio. Posso eu perguntar-vos, visconde, por que vos interessais tão vivamente por essa môça?

Desde que Ferriére fôra se inclinar diante dela, Catarina se mostrava o menos rainha que podia. Risonha, afável, íntima, sem nada perder dêsse grande ar de dignidade que tão bem sabia afetar quando queria, ela aparecia ao visconde, espantada como uma amiga boa e doce, uma amiga idosa que tivesse maneiras maternais infinitamente sedutoras.

Se a conhecesse melhor, Ferriére não teria deixado de se precaver. Contudo, êle sabia que ela nunca era tão terrível quanto assim se mostrava. Mas, naquele momento não se lembrou disso. Não a conhecia bem, e se deixando levar com tôda a franqueza, o visconde apenas respondeu:

— Ela é minha noiva, madame!

Catarina o sabia. Os leitores devem estar lembrados de que ela ouvira o rei falar a Maria Stuart sôbre o noivado de Ferriére com Florinda, e cujo casamento êle dava como certo e mesmo próximo. Todavia, foi com um ar de surprêsa maravilhosamente jogado, que ela exclamou:

— Vossa noiva?!... Mas... perdoe-me, visconde, uma rainha é como que a mãe dêsses assuntos, e eu me interesso particularmente pelo vosso caso... Essa pequena não tem nem nome, nem bens, nem títulos.

— É verdade, madame. Mas, eu tenho tudo isso, e ela não tem necessidade de possui-los. Para quê?

Êle dizia isso respeitosamente, mas com uma firmeza que fêz Catarina pensar um instante.

— Ah! — fêz ela, simplesmente.

E, assestando para o visconde seu olhar profundo, ao qual dava um tom de fingida benevolência, disse:

— E o senhor vidama conhece vossas intenções?

Com a maior franqueza, Ferriére confessou:

— Já lhes comuniquei, madame.

— Ê...?

— Meu pai se opõe formalmente a essa união.

— "Era lógico, natural — murmurou Catarina, para si mesma".

E, alto, para o visconde:

— Então, que pretendeis fazer?

— Esperarei que meu pai ceda e se conforme.

— Êle não cederá — disse Catarina, sacudindo a cabeça, num gesto de inquietude.

— Nesse caso, terei o pesar de passar por cima do consentimento paterno.

— Fareis isso?

— Sim, madame... E nada nem ninguém no mundo poderá impedir-me de fazer isso.

Ferriére falava sem alterar a voz, com uma doçura muito calma que, melhor que todos os furores, que tôdas as cóleras, indicava nêle a inflexibilidade de uma resolução longamente refletida antes de ser adotada.

E Catarina, que o observava com maior atenção, o compreendeu bem assim. Pensativa, ela disse, a si mesma:

— "**Per Bacco, ecco una passione!** (Por Deus, eis uma paixão!) Mas, é preciso estudar bem o caso... Não, visconde, eu hei de contrariar-vos os projetos, que não me agradam. Ou, então..."

Com ar apiedado, assim ela se dirigiu ao visconde:

— Pobres crianças! Eu compreendo vossa inquietude, agora. Mas, por que essa pequena não falou? Eu vos tinha mandado prevenir.

Fez uma ligeira pausa, e prosseguiu:

— Mas, não! A falta foi minha. Sim, foi só minha. Essa pobre pequena... Agarrada brutalmente, sequestrada até aqui — porque ela está oculta por mim, eu já vô-lo disse — ela deve se julgar prisioneira, ameaçada, em perigo de morte, talvez!... Depressa, visconde, é preciso ir tranquilizar essa pobre criança.

A rainha estava admirável de bondade e simplicidade. Ferriére exclamou, com voz comovida:

— Que, madame?! Então, vos dignais permitir?...

— Certamente que eu permito!... E vos peço desculpas por todos os desgostos que, involuntàriamente, vos causei.

Catarina já tinha tocado a campainha chamando alguém. E foi madame de Fontaine-Chalandray que, em breve, apareceu.

— Torcy, minha bela — disse Catarina — conduzi, eu vos peço, o senhor visconde de Ferriére para junto da jovem que encontrareis no pequeno gabinete contíguo a meu quarto de dormir.

E, voltando-se para Ferriére, que estava estourando de alegria, dando-lhe graciosamente a mão a beijar, disse:

— Ide, visconde' e não me quereis mal.

Ferriére inclinou-se, osculou-lhe respeitosamente a ponta dos dedos, e, muito comovido, disse:

— Como posso vos querer mal, madame, se me tratais com tanta bondade?

Ela curvou-se um pouco ao ouvido dêle, e, confidencialmente, exclamou:

— Gosto de vós, visconde, e vos devo uma compensação: falarei ao senhor vidama... Procurarei, por todos os meios ao meu alcance, fazer-lhe chegar a voz da razão... E, como sou muito eloquente quando falo em favor daqueles que estimo, creio que serei bem sucedida... Esperai, visconde. Haveis de agradecer-me mais tarde. Agora, ide!

FERRIÉRE E FLORINDA

Ferriére tinha ouvido falar muito mal de madame Catarina. Talvez êle mesmo pensasse assim. Mas, quando saiu do gabinete da rainha, seguindo a bela Torcy, que o guiava, estava bem convencido de que tudo o que ouvira não passava de baixas calúnias, indignas de crédito.

Ora, logo que êle saiu, essa mesma mulher que se mostrara tão boa, quase maternal, para com êle, se levantou e saiu. Atravessou dois ou três compartimentos e entrou em seu quarto de dormir. Lá, se encerrou, com a porta fechada por dentro. Mais tranquila, abriu uma porta que dava para um pequeno gabinete sem outra saída aparente além da que acabava de entrar. Era uma pequena sala quase tôda ocupada por grandes armários. Catarina foi direto a um pequeno quadro pregado à parede, e o afastou. Detrás dêsse quadro, havia um pequeno judas geitosamente oculto na armação. Abriu sem ruído êsse judas, olhou e escutou.

Ferriére e Florinda estavam lá, diante dela. A rainha não perdia um só de seus gestos. Também suas palavras chegavam distintamente até ela.

Vendo aparecer seu noivo, a jovem teve uma pequena exclamação de alegria, e seu primeiro movimento, todo impulso, foi correr para os seus braços estendidos. E êle apertou-a num doce e forte abraço, apoiando contra seu coração a cabecinha querida. E seu coração batia de satisfação. Êle beijava-lhe os cabelos, enternecidamente, aspirando o perfume subtil que exalava daquele corpo jovem.

Largo tempo estiveram assim comovidamente abraçados, sem pronunciar uma palavra. Mas, os seus olhos falavam uma lingua-

gem tão ou mais eloquente do que a que poderiam falar os seus lábios. E êsse momento, de uma inefável doçura, lhes pareceu de uma inapreciável brevidade.

Foi Florinda, quem primeiro voltou ao sentimento da realidade. Desembaraçou-se docemente dos seus braços para poder falar-lhe. Não foi, entretanto, sem pesar que o fez. Um instante ainda, êles permaneceram face a face, olhando-se enternecidamente até o fundo da alma, sem mostrar o menor embaraço.

E, repentinamente, ela se pôs a rir docemente, com seu riso claro de criança, enquanto seus olhos, um momento enlanguecidos, retomaram sua habitual expressão viva, um pouco maliciosa. E êle, tão criança quanto ela, sem saber porque, se pôs também a rir.

— Eu estava segura de que havieis de encontrar-me — disse ela.

— Ora, estivésseis onde estivésseis, e eu lá iria dar, para vos descobrir, para rever-vos!

Ambos sorriam de satisfação. Entretanto, sentiam que suas palavras eram muito graves. Adivinhavam que cada um dos dois tinha no outro uma confiança absoluta, que nada podia quebrar.

Pensativo, êle murmurou, como que falando a si mesmo:

— E, curioso que não haja ainda muito tempo que eu vos conheci, e me parece está longe, longe êsse dia... Tão longe, que eu acabo por me persuadir de que sempre vos conheci... Não posso admitir que tenha vivido tanto tempo sem vós. Vivi só?... Não, não é possível! Na verdade minha vida data sòmente do dia em que vos vi pela primera vez. Antes, eu não era senão um corpo sem alma.

— Exatamente como eu — disse ela. Se eu vos perdesse agora... morreria.

Ambos tinham ficado sérios. Entreolharam-se longamente. Tinham as mãos unidas, apaixonadamente, enternecedoramente unidas.

Catarina, vendo-os assim, teve um dêsses sorrisos lívidos como só ela sabia ter e muito satisfeita, pensou:

— Êles se adoram, é certo... Valendo-me geitosamente de seus sentimentos que agora vejo, obteria dêles, fàcilmente, uma submissão passiva a minha vontade.

Enquanto assim refletia ela, Ferriére tomava Florinda pela mão e a conduzia a uma cadeira onde a jovem cigana se sentava, permanecendo o visconde respeitosamente de pé diante dela. E, novamente se olharam mutuamente.

Foi Florinda quem, depois dessa cena, falou primeiro. Narrou a Ferriére a maneira como havia sido agarrada no momento em que se dispunha a bater na porta da casa da rua des Petits-Champs.

— Como não haveis de ter ficado quando vos seguraram! — disse Ferriére. Tiveste medo?

Ela confessou francamente:

— Sim, tive medo... Muito medo mesmo...

Refletiu um instante, o olhar perdido no vácuo. Depois, fitando Ferriére, explicou:

— Mas, isso não durou muito tempo. E eu não perdi um só segundo a cabeça...

Remexeu lá nas suas vestes, e tirou um pequeno punhal, que apresentou a Ferriére, dizendo, a sorrir:

— Com esta arma que anda sempre comigo, eu não receio ninguém.

Era com grande simplicidade que assim falava Florinda, sem basofia nenhuma, para uma pessoa que conhecia o valor exato de sua fôrça física e de sua coragem.

Ferriére, movendo a cabeça, com ar inquieto, disse:

— Mesmo com esta arma, vós não poderieis resistir muito nas mãos de um homem resoluto e sem escrúpulos.

— Não vos fiéis muito nesses homens — disse ela, rindo. Êles nada valem. Não têm coragem, são fracos e apenas sabem ser traiçoeiros. Facilmente eu os venço. Fàcilmente e tranquilamente. Eis porque não tenho medo dêles.

— Mas, êsse punhal é um brinquedo de criança, que não há de poder fazer grande coisa.

Ela guardou seu punhal e, séria respondeu:

— É possível, mas não é certo. E eu tenho, entretanto, outra coisa: tenho certos grãos venenosos que constituem armas terríveis de defesa. Se alguém quizesse ter a ousadia de pretender conquistar-me pela violência, eu faria uso dêsses grãos, engolindo-os. Dois seriam suficientes — e êsse alguém se encontraria em presença de um cadáver. O efeito dêsse veneno é terrível. Vêde, pois, que de tôdas as maneiras eu venceria sempre.

Êle não pode deixar de se arrepiar todo, tanta coragem ela lhe tinha mostrado. Inclinou-se tomou-lhe a mão, levou-a aos lábios, com uma espécie de fervor devoto, e murmurou:

— Felizmente, agora eu estou a vosso lado. Nada, pois, tendes a temer.

— Quem sabe? — exclamou ela, pensativamente. Por isso é que, esperando o dia feliz em que vos receberei como espôso, guardo meu punhal... e meus grãos.

Depois, foi a vez de Ferriére explicar de que modo tinha chegado a descobri-la tão ràpidamente.

Quando Florinda soube que fôra Rospignac quem tinha conduzido Ferriére para junto dela, se sentiu prêsa de uma secreta angústia. O instinto parecia fazê-la pressentir uma cilada nessa intervenção. E ela ficou tanto mais inquieta quanto Ferriére não regateava elogios a respeito de Rospignac, como tinha feito para Catarina.

— Por um momento, Florinda perguntou a si mesma se faria bem dizendo-lhe a verdade. Receiou, porém, inquietar o rapaz. Quis, entretanto, preveni-lo, e disse:

— Não vos fieis muito no senhor Rospignac.

— Por que? — perguntou o visconde, espantado.

E, sem esperar resposta, iluminado por um súbito pensamento:

— Ter-vos-ia êle importunado com suas assiduidades?

Florinda não quisera denunciar Rospignac.

Mas, desde que Ferriére entrevia a verdade, era inútil mentir-lhe.

— Sim — disse ela, francamente.

Ferriére franziu a sobrancelha e se pôs a refletir.

Florinda prosseguiu:

— Tendo o senhor Rospignac achado que devia falar-me de seu amor, compreendeis que é estranho que êle se interessasse tanto para que um rival pudesse vir ver-me... e um rival que é preferido, e a quem, portanto, deve detestar.

Ferriére não se inquietou com as palavras de Florinda. Procurou uma explicação plausível, depois de refletir um momento e, achando-a apresentou a Florinda tal qual como viu em seu espírito.

— Tranquilizai-vos — disse — que não há motivo para receio. Rospignac é um homem gentil e educado. Vendo que vós não o amáveis, desistiu de cortejar-vos e se conformou com a sua sorte. É muito simples e muito natural. Também porque o sentimento que êle tinha por vós não era muito profundo, sem dúvida. Depois, Rospignac ainda é meu parente. Eu vos asseguro que agora, que sabe que ides ser minha espôsa, renunciará, sem segunda intenção, a tôda a pretensão que tivesse para convosco.

Florinda era mulher, mais sensível, por consequência. Além disso, embora a êsse respeito não se pronunciasse, ela bem sabia que Rospignac tinha por ela uma paixão violenta, brutal, perigosa. Sabia, igualmente, que o barão não era homem para renunciar benevolamente a uma presa tão cubiçada e tão zelosamente reservada.

A inocente quietude de Ferriére não fez senão aumentar a própria inquietude de Florinda, que insistiu:

— Não importa. Crêde que os meus pressentimentos nunca me enganam: desconfiai de Rospignac... E preveni-vos. Preveni-vos bem.

A partir dêsse momento Ferriére teve, a bem dizer, que procurar essa surda angústia que a empolgava. Seu instinto de mulher que bem queria não a enganava.

Catarina assistira, invisível, a essa entrevista. Quando viu que os dois amorosos não falavam senão do vidama, que recusava seu consentimento a essa união que julgava desonrosa, a rainha achou que nada mais a interessava. E voltou para seu quarto e saiu ainda uma vez.

Tomou um outro caminho, diferente daquele por que viera. Entrou numa espécie de ante-câmara. Havia lá um oficial com oito guardas.

— Ide — ordenou laconicamente Catarina.

E a rainha passou lentamente, sem nada mais dizer.

Tão lacônico quanto ela, o oficial ordenou a seus homens:

— Vamos.

E partiu, seguido de seus soldados, de espada na mão.

Ferriére pedia licença a Florinda, depois de lhe ter dito tudo o que julgava de natureza a tranquilizá-la e sôbre sua situação presente e sôbre seu casamento, que se celebraria dentro de pouco tempo, a despeito da oposição paternal.

Florinda não tinha nenhuma apreensão a respeito de sua própria sorte. Ao contrário, temia pela de Ferriére. Teria, entretanto, dificuldade de dizer porque, nem precisar o que receiava. Mas, ela tinha medo por causa de seu noivo.

A jovem levantou-se. Ia com êle para a porta.

— Quando tornarei a vêr-vos? Breve? — perguntou, com voz angustiada.

— Amanhã eu voltarei... Pelo menos, o espero. Madame Catarina não me recusará, creio, êsse favor. Sabeis que eu vos disse que me prometeu espontaneamente interceder por nós junto do senhor meu pai.

— Madame Catarina é bem boa — murmurou Florinda.

E, sem saber porque, em seu fôro íntimo, pensou:

— Muito boa, talvez.

Êles já estavam a atingir a porta. Bruscamente, como que tomada de uma súbita inspiração; Florinda tomou a mão de Ferriére e se pôs a estudá-la como uma visível ansiedade.

Ferriére gracejou:

— Eu julgava que me tinheis dito que não entendíeis...

Gravemente, ela retificou:

— Eu vos disse, também, que conhecia muito bem certas particularidades, sôbre as quais nunca me enganei. É vossa linha de vida que estudo. E vejo... vejo...

E, radiante, numa explosão de alegria:

—Ah! agora estou tranquila!... Tendes ainda muitos anos de vida... e anos felizes.

— Bem — disse êle, sèriamente — se hei de viver muito e ser feliz... é que estareis sempre perto de mim. Não entrevejo felicidade possível sem vós.

— Tendes como certo — disse ela, com uma impressionante convicção: havemos de nos unir e viveremos felizes juntos.

Então, ela havia recuperado tôda a sua quietude. Êle a estreitou, para oscular-lhe a fronte.

Nesse momento, bateram discretamente à porta diante da qual se achavam.

Florinda se desembaraçou dos braços dêle, dizendo:

— Vêm procurar-vos. Falai.

Não tiveram tempo de fazer um movimento. A porta se abriu.

E ambos permaneceram interditos: em lugar da dama de honra que esperavam vêr, foi o oficial a quem Catarina dissera ùnicamente esta palavra: "Ide!" que apareceu à soleira da porta. Êsse oficial deu dois passos, descobriu-se polidamente e, cortezmente. falou:

— Senhor visconde, acabo, com pesar da minha parte, de ser encarregado de uma penosa missão: peço-vos que me entregueis vossa espada.

E, segurando um pergaminho passado a sua cintura, o apresentou a aberto a Ferriére, acrescentando, com voz de comando:

— Ordem do rei... Assinada de seu próprio punho.

Os dois amorosos recuaram instintivamente. Florinda se afastara mais, deixando o campo livre a Ferriére, como se, tendo compreendido que êle ia resistir, quizesse dar inteira liberdade a seus movi-

mentos. E, pálida, narinas frementes, ela olhava com seus olhos dilatados, que sùbitamente tomaram a seriedade de uma ameaça. E, olhando, imóvel, afastada, indignada, ela tinha a mão, furiosamente crispada, no cabo do pequeno punhal que trazia consigo.

— Mas — exclamou Ferriére, com uma terrível indiferença — porque me prendeis?

O oficial ficou impassível. Entretanto não se enganava sôbre as disposições hóstis dos dois jovens. Fôra preciso ser cego para não vê-los e compreendê-los. De resto, êle não teve tempo de responder.

Uma voz adocicada falou, do fundo da sala:

— Eu vou dizer-vos, senhor Ferriére.

Ferriére e Florinda se voltaram num mesmo movimento, ambos ao mesmo tempo. E se viram em presença de Catarina, que acabava de entrar sem ruído por uma pequena porta perdida na tapeçaria, à qual não tinham dado atenção, por isso que não tinham siquer notado.

PRIMEIRA MANOBRA DE CATARINA

Catarina tinha nos lábios seus mais doce sorriso. Doce e benévolo. Êsse sorriso tranqüilizou Ferriére, que se inclinou respeitosamente diante dela e esperou que a rainha lhe dirigisse a palavra.

Mas, coisa curiosa, se a atitude de Ferriére se modificou sùbitamente, a de Florinda não variou. Um instinto mais forte que a razão lhe dizia que a mulher que acabava de alí entrar de improviso era uma inimiga. Uma inimiga mortal, encarniçada, que lhe era preciso suprimir sem demora, se não quizesse ser suprimida por ela.

Catarina, sem demonstrá-lo, a observou com a ponta do olho. E seu sorriso, benévolo para Ferriére, se tornou agressivo e insólito para ela. Foi rápido o olhar de soslaio que Catarina lançou em Florinda. Esta, porém, o notou.

— Senhor — disse Catarina, dirigindo-se ao oficial, sempre impassível na sua atitude de militar — podeis vos retirar, por um momento. M. de Ferriére chamar-vos-á quando fôr tempo. Entretanto, não vos afasteis muito.

O oficial inclinou-se silenciosamente e saiu no mesmo instante, fechando a porta atrás de si.

Catarina voltou-se então para Florinda e, graciosamente:

— Em todo o tempo eu me ocuparei de vós, minha filha. Podeis esperar tranqüilamente. Os negócios de família de que eu vou tratar com M. de Ferriére vos interessam até certo ponto, porque ides ser sua mulher.

Florinda, não encontrando palavras, se limitou a responder por uma reverência. E Catarina observou que essa reverência, que nada tinha de comum com as lentas e demoradas reverências impostas pela etiqueta, nem por isso era menos graciosa, caracterizada por essa elegância e por essa dignidade que tôdas as mais sábias lições não conseguiriam, naturalmente, dar.

Inteligente e imparcial, Catarina apreciou consigo mesmo:

— Mas, essa modesta rapariga cumprimenta com uma graça elegante que causaria inveja às damas da minha côrte.

A rainha sentou-se pausadamente e, voltando a Ferriére, que esperava sempre com excelente bom humor.

— Parece-me, visconde — disse ela, com amabilidade — que eu intervim a tempo de impedir-vos que fizésseis uma loucura. Porque eu creio que estavas disposto a revoltar-vos contra uma ordem do rei, não é verdade?...

Ferriére teve uma imperceptível hesitação e confessou francamente:

— Com efeito, madame. Confesso que me seria particularmente desagradável deixar-me aprisionar num momento em que tenho mais do que nunca necessidade de minha liberdade.

— Ingenuidade! — sorriu Catarina, indulgente. — Pensais, porventura, que êsse oficial que acaba de cumprir com o seu dever estava só? Pensais que podieis fàcilmente dar cabo dos soldados que êle havia deixado no corredor? Pensais que se sai assim do Louvre, quando certas precauções elementares foram tomadas, preliminarmente tomadas?

— É verdade, madame — confessou Ferriére, melancólico — mas quando a gente pensa assim não reflete. E, depois, se se fôsse esquadrinhar obstáculos, não se moveria do lugar onde se encontra.

Catarina se tornou grave, para dizer:

— E porque adivinhei que sois um dêsses homens de ação que nada temem e que investem contra os maiores perigos, que eu quiz prevenir-vos para não vos desgraçardes... Já vos disse, visconde, que gosto de vós. Minha conduta para convosco o prova... Se não tivésseis feito mais do que vos explicardes vós próprio, talvez eu vos tivesse deixado fazer. Mas, vossa revolta, neste caso, é a condenação à morte do vidama, vosso pai. E eu quiz evitar-vos êsse horrível crime.

— Meu pai! — exclamou Ferriére, assustado e já inquieto.

E acalmando-se prontamente, a desconfiança penetrando-lhe no espírito, se tornou de súbito indiferente, muito indiferente e hermético, para perguntar:

— Dais-me licença para vos perguntar, madame, em que e como meu pai poderia ser responsabilizado pelos meus atos, ao ponto de precisar pagá-los com sua cabeça?

— É o que vou explicar-vos. Aqui não vim para outra coisa.

Ela se encostou comodamente, como quem tem tempo, e começou:

— Em primeiro lugar, sabei, visconde, que fui eu quem aconselhou o rei a vos mandar prender.

— Vós, madame!... Vós, que vos mostrastes tão boa para mim!... E porque não me prevenistes a tempo, quando me destes a honra de conceder-me audiência?

— Porque — explicou, complacentemente, Catarina — eu ainda não havia, então, dado êsse conselho. Estava longe de pensar que teria de o dar. Lembrai-vos, visconde, de que a cêrca de duas horas que estais aqui em **tête-á-tête** com essa bela jovem... Compreendo que o tempo vos haja parecido curto. Entretanto não é tanto assim. Em duas horas, ocorre muita coisa. Foi o que, infelizmente, se verificou para vós.

Florinda e Ferriére, ruborizados ambos, tinham trocado um furtivo olhar. Com efeito, o tempo decorrêra para êles com uma rapidez da qual tinham a ingenuidade de se espantar.

Fingindo não notar a perturbação dêles, Catarina prosseguiu:

— Quanto á reprovação que pareceis fazer-me por ter dado êsse conselho desagradável, devo dizer-vos que não agi assim senão em vosso próprio interêsse. E vou provar-vos.

— Sou todo ouvidos para escutar-vos, madame, disse, respeitosamente, Ferriére, que, mais do que nunca, se prevenia.

Não porque êle desconfiasse de Catarina: continuava a acreditar inteiramente na comédia que ela representava para êle, aliás com uma arte irrepreensível. Mas, porque receiava que seu pai viesse a sofrer qualquer desacato por sua causa... Seu pai, que sabia metido numa aventura terrível.

Ainda uma vez Catarina tomou um ar grave, quase entristecido. E continuou com voz doce, maternal:

— Durante essa duas horas, o rei foi informado de coisas muito graves, singularmente comprometedoras para o senhor vidama e que Sua Majestade ignorava até então. O acaso me conduziu ao seu gabinete precisamente para ter conhecimento dessas coisas terríveis e detê-lo no momento em que, em sua cólera, justa e legítima, aliás, é preciso reconhecer, êle ia fazer uma violência, irreparável talvez. Essas coisas que acabamos de saber, eu suponho que as conheceis e que, por isso, é inútil vos falar delas, visconde.

— Ao contrário, madame — disse Ferriére, com firmeza e sem que nada em sua fisionomia indicasse que tinha compreendido o que

ela queria dizer. — Ignoro completamente a que Sua Majestade faz alusão neste momento. Não vejo em que o senhor vidama que, digo com orgulho, é a honradez e a probidade personificadas, não vejo em que êle possa ter incorrido na cólera do rei. Espero, portanto, com respeito e confiança, que Vossa Majestade me diga porque eu ou meu pai merece exprobração.

— Bem — disse, docemente Catarina — vós usais exatamente da linguagem que eu esperava de vós. Seria, na verdade, monstruoso que um filho traisse seu pai. Agora falarei.

E, com uma lentidão sinistra, observando-o com uma atenção penetrante:

— Sábado, à tarde, o senhor vidama recebeu, misteriosamente, a visita do senhor conde de Guise, acompanhado de seu irmão, o cardeal, e do senhor de Nemours. Foi o barão de Rospignac, que eu não sabia traidor, que foi receber êsses senhores, na ausência do porteiro, afastado pela circunstância. A Conferência foi longa. Vós, aliás, não a assististes. O senhor vidama acedeu em se empenhar ativamente no sentido de fazer reconhecer o duque de Guise como rei de França. Em troca dêsse serviço, ser-vos-ia concedida, a vós, visconde, a mão de mademoisele Cláudia de Guise, filha legítima do falecido duque.

Catarina fez nova pausa.

Ferriére estava sempre em silêncio, e com aparência de quem não era culpado. Receiava entretanto, por seu pai. Porque êle, agora, não podia mais duvidar; Catarina e o rei de tudo sabiam, mesmo os menores detalhes.

Florinda, esta estava com uma atenção apaixonada, e também esquadrinhava ansiosamente o rosto do homem amado para nele descobrir suas impressões dissimuladas, ocultas. E o amor fazia com que descobrisse o que Catarina, a despeito de seus senso penetrante de arguta observação, não chegava a decifrar: Ferriére tremia por causa de seu pai. Portanto, o que a rainha dizia era verdade, por mais inverossímil que lhe parecesse.

— Tudo isso — prosseguiu Catarina — foi presenciado por um emissário secreto do rei, que conseguiu se introduzir em lugar de onde tudo viu, tudo ouviu. Êsse homem chegou mesmo a se apoderar de um pergaminho, cuja perda os conpiradores devem ter lamentado grandemente. Êsse precioso pergaminho, essa prova terrivelmente opressa, está, agora, nas mãos de meu filho, que poderá com elas castigar os culpados quando quizer.

Aqui, Catarina mentia conscientemente. Talvez na esperança de levar Ferriére a se trair. Aliás, ela silenciava sôbre o teor dêsse documento terrivelmente opresso que dizia nas mãos do rei. O que indicava que Rospignac a tinha informado mal sôbre o conteúdo da bula do papa, e cuja exata capacidade ela ignorava.

Ferriére, com voz que parecia muito firme, muito calma, declarou:

— Eu pessoalmente ignorava essa história inverossímil. Meu pai eu o creio firmemente, não terá nenhum escrúpulo em se desculpar dessas tolas acusações. Pelo que se refere à minha humilde pessoa, não oculto a Vossa Majestade o espanto com que recebi a ordem de prisão contra mim... Não porque julgastes dever aconselhar a minha prisão ao vosso real filho... A menos que se me queira ter como responsável por atos de meu pai...

— É precisamente isso — afirmou Catarina, que retomou seu ar benévolo. O que acabais de dizer, eu o disse em termos próprios ao rei: O senhor vidama, disse eu, há de, logo que puder, se justificar. Mas, o rei se exaltou. Êle queria mandar prender o vidama sem mais tardar. Foi então que eu lhe aconselhei a não divulgar êsse triste caso e, antes de tudo, conversar convosco a respeito, sem espalhafato, sem ruído, serenamente, para depois tudo se resolver. Não valia a pena escândalo, ponderei-lhe. Pedir-se-ia, também, ao senhor vidama, que se explicasse. E se suas explicações não satisfizessem, fossem insuficientes, então se lhe diria: 'Vida por vida. Se recuardes, a cabeça de vosso filho cairá sob o machado do carrasco".

Ferriére ficou intimamente aterrorizado, sob a sua calma aparente. Dirigiu à Florinda um demorado olhar lamentoso, no qual se lia tôda a angústia que o torturava. E ela, esforçando-se bravamente, por sorrir, lhe respondeu mostrando-lhe a palma de sua mão. Era essa uma maneira de lembrar-lhe a sua predição: "Vós tendes ainda longos anos de vida. E anos felizes".

E a imperturbável confiança que ela mostrava a Ferriére dava-lhe tôda a coragem que começava a abandoná-lo.

Catarina os observou sem o demonstrar. E sorria com um sorriso enigmático ,dizendo de si para si:

— "Agora, creio ter nas minhas mãos o senhor visconde de Ferriére. Êle vai se mostrar mais dócil e mais inofensivo do que um cordeiro".

Ela não se enganava. Ferriére, erguendo sua cabeça, que conservara inclinada um momento e, olhando-a de frente, exclamou:

— Assim, madame, eu compreendi muito bem: sou um refém nas mãos do rei?

— Um refém, perfeitamente.

— Da minha submissão depende a vida de meu pai, como de sua submissão dependerá a minha?

— É exatamente isso, respondeu ela.

E sorria com ar tranquilizador.

Ferriére não deu atenção. Lançou um olhar desesperado para Florinda.

Esta compreendeu a angústia tremenda que o apertava. Caminhou lentamente até êle.

Catarina a contemplava com olhar curioso. Procurou detê-la. Esperou, sorriu sempre, sorrindo enigmàticamente.

Florinda parou diante de Ferriére. Parecia comovida, mas perfeitamente senhora de si mesma. Ergeu suas mãos brancas e finas, que sabia tratar cuidadosamente, como cuidadosamente sabia, aliás, tratar de tôda a sua pessoa, e colocou-as aos ombros do jovem fidalgo. E, olhando-o com amor, exclamou, numa voz extremamente doce:

— É preciso cumprirdes com o vosso dever, meu doce amor, por mais penoso que êle seja e mesmo que tenha consequências desagradáveis para nós. Crêde-me que haveis de tirar vossa desforra. Sereis recompensado como mereceis.

— Fim do 1.º Volume —

★

Composto e impresso na Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda. - Rio

Obras de MICHEL ZEVACO

1. Os Pardaillans (2 vols.)
2. Epopéia de Amor 2 vols.)
3. Fausta (2 vols.)
4. Fausta Vencida (2 vols.)
5. Pardaillan e Fausta
6. Amores de Nanico
7. Filho de Pardaillan (2 vols.)
8. O Fim de Fausta (2 vols.)
9. O Fim de Pardaillan
10. A Heroína (3 vols.)
11. A Ponte dos Suspiros (2 vols.)
12. Os amantes de Veneza
13. Borgia (2 vols.)
14. Triboulet (2 vols.)
15. O Pátio dos Milagres (2 vols.)
16. Buridan (5 vols.)
17. Nostradamus (3 vols.)
18. Capitan (4 vols.)
19. Don Juan (2 vols.)
20. O Rei Amoroso (2 vols.)
21. A Rainha do Argot (3 vols.)
22. O Castelo de Saint-Pol (2 vols.)
23. João Sem Mêdo (2 vols.)
24. Rainha Isabel (2 vols.)
25. Passavant (3 vols.)
26. Conde Rei (2 vols.)
27. Florinda, a Bela (2 vols.)
28. A Grande Aventura

ROCAMBOLE, de Ponson Du Terrail

1. A Herança Misteriosa
2. O Clube dos Valetes de Copas
3. As Proezas de Rocambole
4. A Desforra de Baccarat

RESERVE SEU EXEMPLAR

DE QUALQUER DESTAS DUAS COLEÇÕES

Se não encontrar em sua livraria ou bazar as obras desejadas, peça-as pelo REEMBOLSO POSTAL, à

EDITÔRA MINERVA LTDA.

Rua da Quitanda, 25, 3.º andar

Caixa Postal, 2798 — RIO DE JANEIRO — GB.

Peça catálogo completo da coleção
MICHEL ZEVACO

OS MELHORES ROMANCES HISTÓRICOS QUE JÁ FORAM ESCRITOS